



DAYANA ARAÚJO

A Garota do Ônibus



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Dayana Araújo

A Garota do Ônibus

Sollo Editorial

Rio de Janeiro - 2014

Ficha Catalográfica

Revisão: Roxane Norris

Diagramação e Projeto Gráfico: Augusto C Mello

Capa: Vanessa Orgélio

1ª Edição

Copyright Sollo Editorial, 2013

Direitos mundiais reservados em língua portuguesa por Sollo Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de dados sem permissão escrita da editora.

Este livro segue as regras da nova ortografia.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança entre nomes, lugares e acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - C.I.P

Araújo, Dayana

A Garota do Ônibus/Dayana Araújo – Rio de Janeiro, RJ: Sollo Editorial, 2013

ISBN 978-85-67529-01-1

1. Literatura Brasileira 2. Romance Brasileiro 3. Ficção 1. Título

CDD 869.93

Índice de catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura Brasileira 869.93

Sollo Editorial

Rua Uruguai 194B Sl. 205, Tijuca, Rio de Janeiro, 201510.060

Fone (21)31720695 | www.solloeditora.com.br

Prólogo

Bom, vou logo avisando que não sou nenhuma mocinha boazinha, com falsas poses ingênuas. Se você está esperando alguém assim, pode desistir. Sou barraqueira, alguns dizem até mesmo que sou mal educada, mas ao longo da minha história, vamos analisar bem como cada pessoa encara a palavra: educação.

Se você é daqueles moralistas convictos, aconselho a voltar por onde veio, porque nas próximas páginas, você com certeza, irá me discriminar! Então, pare por aqui mesmo! Mas vou te dar uma segunda opção, que acredito ser mais legal, esqueça seus preconceitos com a classe c, e, apenas, sinta como são os meus amigos e suas histórias, e se coloque no lugar deles.

E, então, quer embarcar comigo?

Agradecimentos

A Deus. Por tudo que me fez. Sempre quando eu estava sozinha, desamparada, você abriu não só uma janela, como outra porta. A meu pai, Ednaldo, e minha mãe, Fátima, por terem aceitado qual era realmente meu sonho e ter me dado todo apoio. Até nos momentos mais difíceis quando fiquei doente, vocês me incentivaram. Mãe e pai, o meu muito obrigada. Amo vocês. Aos meus avós, Leandro e Dilza por me ajudarem na minha educação, vocês são minhas luzes no fim do túnel. Obrigada. Amo vocês. A minha irmã Danyela, obrigada, por de certa forma influenciar nas características da Elisa. Obrigada Mana, te amo muito! Ao Cezar, por fazer meus dias mais felizes. A todos os meus amigos, que ficaram tão ansiosos quanto eu em realizar este sonho. Em especial, Edylane, Crislayne, Gabriel, Tatiane, Maciel, Wyllams, Letícia, Luiza, Cíntia, Mariany, Thuanny, Adriana e todos os outros que não citei, mas que também fizeram sua história na minha vida. Se for falar todo mundo vai dá outro livro (risos). A cada recadinho e perguntas:

— Seu livro já tá pronto? Onde posso comprar?

O meu muito obrigada à escritora Janaina Rico, obrigada por ter me dado a honra de ser sua aluna. À blogueira e escritora Agatha de Assis, por ter acreditado na história e me apoiar no começo com seus recados fofos e sinceros. E, por fim a todos aqueles que têm um sonho. Parece clichê, mas é a pura verdade. Nunca DESISTAM! Confiem em seus potenciais e vão em frente!

Beijos,

Dayana Araújo.

Capítulo 1

Conhecendo a Elisa

Aos dezenove anos, não tinha ideia de quão dura, a vida era. Completar o 2º grau era tudo o que queria naquele momento, e me ver livre de provas chatas e de professores que me davam sono. Meus pais eram catadores de lixo, hoje gostam de serem chamados de “heróis da reciclagem” – isto porque papai e mamãe morrem de orgulho das coisas que eles fazem, realmente são obras de artes.

Pegar garrafas pet e transformá-las em brinquedos, ou em vassouras não é para qualquer um. Isso mesmo, eles trabalhavam para uma pequena associação da minha cidade, onde todos os moradores, que catavam lixo, tiveram a bela sorte de encontrar uma alma bondosa, a Sra. Carmem. Mulher de meia-idade, que morava sozinha e também era presidente do conselho de moradores; ela encaminhou à prefeitura vários papéis, que não sei exatamente o nome, porque até então eu era leiga no assunto. Depois de muito tempo, sei que ela conseguiu verba para um local onde todos trabalhassem dignamente. Tudo dentro da lei.

Fora os trabalhos feitos na associação, papai e mamãe vendiam vassouras pet na vizinhança. Tudo rendia uns R\$ 300,00 reais para cada um. Certo. Ok! Eles tinham um trabalho e eu não! Como disse, eu só queria terminar a escola e pronto. Era preguiçosa, confesso. E aí, as coisas pioravam para mim, porque emprego era realmente muito, mas muito difícil.

Meus pais insistiam para eu entrar para associação, mas só me faltava criatividade. Queria ter as habilidades deles, eram maravilhosas, inovadoras! E eu? Só ia atrapalhar a todos e diminuir a renda na associação. Decidi que não; não ia estragar a vida de todo mundo com minhas habilidades desastrosas. Você deve estar pensando: não, é fácil e blá, blá, blá...

Não, não era! Primeiro, era um trabalho bastante árduo, porque eles tinham que ter garrafas para fazer suas criações, e com isso, tinham que andar na rua procurando por elas, aquelas jogadas no lixo. Depois tinha todo trabalho artesanal. A primeira vez que tentei procurar todas as garrafas, deu certo, mas quando cheguei a parte de fazer os brinquedos, porta-joias e pufes, acabei colocando tudo a perder! A maioria saiu troncho e perdi bastante material, mas Sra. Carmen, sempre bondosa, veio em minha direção – pensei que ela fosse falar mal, chamar minha atenção dizendo que perdi praticamente todo material e tirei dinheiro de muita gente –, mas apenas me deu um sorriso e colocou a mão no meu ombro.

— Maria, acho melhor você fazer aquilo que te faz bem.

O quê? — pensei. Eu achava que era um ser mutante no mundo, que não sabia fazer nada e não possuía habilidades. Não tinha o dom especial, como meus pais.

— Mas... o que me faz bem?

— Lembra-se daquela vez, que você fez as unhas e maquiagem da minha sobrinha? Aquela pequena comemoração de quinze anos?

— Lembro.

— Pois então. Abriu um pequeno salão de beleza no centro de Maruí, e por acaso, a dona do salão é uma colega de escola minha.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que há uma vaga para manicure, e encaminhei você para ocupá-la, assim que vi os “errinhos” que você fez aqui. — ela sorriu, mas não de uma maneira que me colocasse para baixo.

— Eu nem sei o que dizer.

— Você tem que dizer: aceito e pronto, a vaga é sua!

— Claro, mas não tenho material.

— Não se preocupe com isso, vou ao centro da cidade, comprar tudo que você precisa; inclusive as paletas de maquiagem. Porque você também vai prestar esses serviços.

— Dona Carmen, eu não sei como agradecer à senhora.

— Aceite e está tudo certo!

— Aceito! - apertei sua mão.

— Vou agora mesmo ligar para ela e amanhã, bem cedo, você começa.

Tudo que sabia sobre ser manicure, era o que tinha aprendido nos cursos oferecidos na minha antiga escola. De vez em quando, apareciam cursos de curta duração e gratuitos. E, maquiagem, ao menos aprendi o básico, em revistas velhas que mamãe trazia do lixo de um monte de gente. E, um pouco também, na pequena televisão de 14” .

Ai, como pude esquecer? Não me apresentei! Meu nome é Maria Elisa, estou com 19 anos. Tenho estatura mediana e sou magrinha, acredito eu. Meus cabelos eram cacheados, mas inventei de fazer umas coisas nele e hoje são crespos e de um tom castanho claro, mas quando o sol bate, fica loiro. Moro em Divindade, cidade Metropolitana de Maruí, numa pequena casa alugada. Não tinha namorado até então, e costumo dizer que meus amigos são contados somente na mão esquerda.

Amizades, mesmo, tive cinco... O Paulinho, Leandro, Gil, Morgana e a Mel – a melhor BFF ^[1] de todas, até certo ponto. Eu e a Mel somos realmente amigas, não saímos de casa se a outra não pode. Ela namora o Paulinho, que é o meu amigo também. Nós nos conhecemos desde criança, e nossas famílias também são muito amigas. Nos encontramos em todas sociais. Seja na casa da Mel, ou na minha.

Minha amiga tinha condições melhores que a minha, ela não precisava trabalhar enquanto estudava. O pai dela era um arquiteto, e a mãe, uma brilhantíssima artista plástica, e prometeram que se ela passasse no vestibular, dariam dinheiro a ela até se formar. E, claro, a Mel passou. Em Letras. Eles ganhavam muito bem, tão bem que podiam morar no condomínio de luxo e sair de Divindade.

Mas o pai da Mel não queria sair do lugar, onde, ele dizia, que trazia-lhe boas lembranças.

— Mel?

— Elisa!

As pessoas que tinham mais intimidade comigo me chamavam de Elisa, era esse o decreto que dizia: ei, você é vip!

— Claro bobona e quem seria?

— E aí, amiga? Conta as novas!

— Arrumei um emprego!

— U-hu! De que?

— Manicure e maquiadora, eu acho.

— E quando você começa?

— Amanhã bem cedo!

— Onde é? Conta tudo, ingrata!

— No centro de Maruí, vou ter que pegar ônibus!

— Aí, eu quero te ver trabalhando!

— Amiga, não!

— Eu sei bobona! Com medo de eu fazer algo. E você, pode perder o emprego?

— Na verdade, não. Estou nervosa, amiga.

— Fica calma.

— Eu tento, mas sei lá... No centro. Deve ser coisa chique.

— Você só vai saber na hora. Mas se prepara, coloca um bom jeans black, um sapato fechado preto – o que eu te dei no amigo secreto – e aquela blusinha branca. Pronto!

— Amiga, como você sabe de tudo isso? Só você, mesmo para me ajudar. Minha amiga universitária!

— Hum. Você também vai ser!

— Daqui a uns cinco anos ou mais!

— Você é tão dramática!

— É Mel, você sabe o que quer, eu não. E não sei fazer nada decente! Você esquece que sou preguiçosa?

— Elisa! Não gosto quando você se trata dessa forma! Todo mundo é criativo. Algumas pessoas mais, outras menos, mas todos têm habilidades!

— Para você, é fácil Mel. Você tem dinheiro para ir para shopping, comprar roupas novas, tem grana

para sair...

— Não seja injusta, Elisa. Eu sempre fiz questão de dividir tudo com você!

— Essa é minha vergonha, quero saber o dia que vou ter grana para ir ao cinema com você e pagar minha entrada, e os lanches.

— Amiga para! Para já! Não começa com suas coisas.

— Tá bom! Crise!

— Odeio quando você começa com suas crises, de que o mundo é bom para todo mundo, menos você.

— Ai, amiga, desculpa!

— Nada na vida é fácil, você sabe muito bem disso. Papai e mamãe ralaram para fazer faculdade, viu? E antes disso, os dois trabalhavam na mesma empresa, como auxiliar de serviços gerais, e morro de orgulho deles! Sempre trabalharam dignamente, almejando a melhora em suas vidas.

— Você está certa.

— Tá tarde. Vá dormir. Amanhã você vai ter uma nova rotina! Desejo-te sorte!

— Obrigada, Amiga. Tchau!

Mel era sempre assim, me colocava para frente, me dava impulso! Eu adorava o seu jeito de ser: amável e inteligente.

Conhecendo o busão

Na manhã seguinte, estava pronta logo cedo. Papai e mamãe vieram me desejar sorte. Sempre amáveis, e felizes porque eu iria trabalhar. E eu, mais ainda! Ia ter grana, para sair, para comprar roupas e ajudar meus pais.

Fui andando até a parada de ônibus, para pegar o ônibus azul. Na minha cidade, diferenciávamos o busão pela cor, em outros lugares era pelo nome, ou pelo número. O que pegava para ir ao trabalho demorava bastante, e achei que ia chegar tarde. De longe, o vi, vindo em minha direção. Ele parou, mas não abriu a porta. Então, desesperadamente, bati na entrada do ônibus. Quando a porta abriu, o motorista parecia bastante mal-humorado, tinha uma estatura bastante alta e um rosto de bravo. Uma figura intimidadora.

— Você tá cega, sua analfabeta? Está escrito garagem, imbecil!

— Imbecil é tua mãe! Seu filho de uma... Vai-te catar! Seu P...!

Não estranhem, esse era meu comportamento quando era insultada, falei bastante coisas para ele! Só que acho melhor poupar vocês. Que mal educado! Como é que ele chega para pessoas, falando, assim? Nunca vi nenhum motorista daquele jeito, o cobrador tentava acalmá-lo, quando ele resolveu parar e bater boca:

— Qual é a tua? Ninguém fala da minha mãe, sua otária!

— Calma, motor! Tire férias, o senhor está muito estressado!

— Calma o quê cobrador?

— Você que me insultou primeiro, e eu não levo desaforo de ninguém não, viu?

— Barraqueira!

— Sou mesmo, porque tô certa!

— Otária, de cabelo tuim!

Ele ia ver o que era tuim!

— Eu quero ver se teu cabelo de baixo é liso! A não ser que tu passe chapinha!

Quando disse isso, todo mundo que estava no ônibus gritou energicamente. Batiam nos bancos, riam alto, tirando sarro do motorista, que calou a boca e foi embora. Antes de ele ir, mostrei meu dedo do meio para ele. E meus pensamentos agora estavam cheios de ódio e raiva.

Como as pessoas são malucas, brigam por qualquer coisa, até uma droga de nome no ônibus, escrito garagem. O que custa, gentilmente, ele responder: vamos para garagem, e pronto. Acabava aí, sei também o quanto os motoristas ralam, sei, sim! Cansaço, estresse. Mas isso não justifica sair por aí esculhambando pessoas, que não tem nada a ver com as suas vidas.

Sinceramente, cada ação tem uma reação.

As pessoas na parada começaram a se afastar de mim. Isso, porque quando fico nervosa, acabo com uma cara de emburrada e capaz de matar o primeiro que aparecer na minha frente!

— Moça?

— O QUE FOI?

— Calma.

Viu só? Estresse passa estresse.

— Desculpe moço, mas esse motorista me deu o nervoso, e você não tem nada a ver com isso!

— Eu sei, esse motorista é assim mesmo. Vive esculhambando as pessoas, por isso que o ônibus está quase vazio. As pessoas têm medo dele, menos você. Não concordo com as palavras que você usou, mas acredito que a maioria das pessoas queria falar a mesma coisa para ele e nunca tiveram coragem!

— Comigo não tem esse negócio de ficar calado, não. Eu falo mesmo!

— Olha, o próximo ônibus azul tá vindo. Esse você vai gostar!

— Por quê?

— Todo mundo se conhece, e pegamos sempre na mesma hora. Assim nos encontramos.

— Amizade? No ônibus?

— Sim, olha ele aí!

Aquele homem se referia ao ônibus azul de outra forma, como se fosse um enorme chat de amizades. Assim que ele entrou, todo mundo cumprimentou-o, inclusive o motorista e o cobrador, que sorriram e piscaram o olho para mim.

— Aí, galera, essa mina aqui deu o maior fora no motorista emburrado!

— Tava na hora de alguém fazer alguma coisa!

Paguei a passagem e rodei a catraca, assim que passei, o ônibus passou por uma lombada e acabei caindo no colo de um rapaz.

— Desculpa moço, desculpa!

— Nada, isso é besteira!

Que dia eu estava tendo! Espero que as coisas melhorem quando chegar ao trabalho. Já estava imaginando um monte de gente rica me criticando e soltando os verbos.

— Acorda lesa!

Outra falando:

— Será que um dia ela vai aprender?

Mas, quando cheguei, me surpreendi. O salão era chique, bonito, e todas as empregadas se vestiam com um avental azul marinho e uma calça preta, que parecia um moletom.

— Olá, você é amiga da Carmem?

— Sim, sou eu mesma.

— Bom dia, minha linda, seja bem vinda!

Todo mundo me desejou as boas-vindas, e para minha surpresa, a amiga de dona Carmem era uma fofa. Ela me ofereceu biscoitos e disse que hoje eu só ia observar as outras manicures trabalhando. Iria trabalhar de segunda a sexta, teria minha carteira assinada e ganharia um salário mínimo. Para mim estava ótimo, era muito mais do que esperava. E só trabalharia 6 horas! A Sra. Rose disse que, se as meninas trabalham menos tempo, produzem mais. Eu me perguntava por quê? Elas trabalhariam bem menos que a jornada do trabalho normal do meu país, que são 8 horas ou mais. Mas a Sra. Rose me disse que se elas estão satisfeitas com seu trabalho, ficam bem menos estressadas, e conseguem ter um bom humor e com isso, atraem mais clientes.

Era verdade, nunca vi um salão com tanta gente. Dia de feriado, todo mundo ficava em casa, mas, as que resolvessem ir, ganhariam mais que seu salário. Eu tinha direito a tudo, tudo mesmo. Isso me deixava feliz, porque agora tenho plano de saúde e não ficaria dependendo de hospital público, quase morrendo nas filas ,e, ainda assim, sem ser atendida.

As meninas eram divididas em: manicures, maquiadoras e cabelereiras. Ao todo, éramos nove. As garotas sempre gentis, e os clientes sempre simpáticos. Observei todas elas, e, coincidência ou não, uma delas, a Monaliza, morava perto do meu bairro! Fiquei feliz por ter companhia para o trabalho.

Monaliza era morena, cabelos negros, longos, bem gordinha, mas nem por isso deixava de ser linda. Seu rosto redondo se harmonizava com todo resto, e o mais bonito dela, era sua risada irreverente. Uma risada tão gostosa, que qualquer um sentiria graça só de ouvi-la. Logo, logo a gente ficou conversando e fizemos amizade.

Gostei do ambiente, mas especialmente hoje, tinha me esquecido de algo. Não sei o que era. As maletas de maquiagens estavam ali, a de manicure também. O que era? Meu Deus! É hoje! O níver do Le! Ele era meu melhor amigo, não podia deixá-lo na mão, e não comprei nada!

— Dona Rose? — perguntei como se tivesse com dor de barriga e tivesse questionando onde ficava o banheiro, sem falar muito alto.

— Pois, não?

— Dona Rose, eu precisava sair agora...

— Alguém na sua família está doente?

— Não.

— Você está sentindo mal?

— Não.

Essas perguntas estavam dizendo: você só sai por causas urgentes.

— Desculpe Dona Rose, estou sendo bastante folgada, mas hoje é aniversário de um grande amigo meu. Não comprei nada, ele é muito especial. Não posso deixar passar em branco.

Por um momento, achei que ela fosse me dar um soco na cara! Toma folgada! Mas dona Rose sorriu.

— Vá, menina. Hoje não conta como primeiro dia de trabalho. Acho que você já observou bastante, mas lembre-se: só deixo você sair por motivos urgentes, isso é uma exceção!

— Ok. Dona Rose. Brigadão!

Dei um beijo no seu rosto, expressando minha alegria. Saí do salão e fui para a mesma parada em que tinha descido. Lá, telefonei urgente para a Mel. Ela tinha que ter alguma ideia...

— Mel!

— Que foi? Quem morreu?

— Mel, pelo amor de Deus, me ajuda. Estou numa encrenca!

— O que foi?

— Hoje é o níver do Le!

— Amiga pelo jeito você esqueceu, não é?

— Sim! Por isso que te liguei Mel!

— Amiga, não faço ideia. O Leandro é tão imprevisível, não sei do que ele gostaria... Deixe-me ver... Vou perguntar ao meu namorado.

— Vai. Olha, vou desligar; depois você me retorna. Meu ônibus chegou!

Capítulo 3

Eu, Miss ?

Coincidência ou não, peguei o mesmo ônibus azul, o qual parecia um chat de amigadas. Pessoas rindo e felizes, que faziam questão de se conhecer ali. Era engraçado e irreverente!

— E aê, menina do barraco! – falou um dos passageiros.

— Oi – respondi.

— Se quiser, pode ficar aqui menininha – uma moça, no banco da frente, me chamou.

Atrás estava lotado, e se algum idoso aparecesse, eu levantaria, e foi isso que a menina falou para mim. Ela era negra, de cabelos loiros e piercing no nariz.

— Você deu o maior fora no motorista emburrado! Caraca! Ei, Serginho, me disseram que depois do fora da mina, ele abaixou a crista! - falava a menina toda empolgada para o cobrador.

Serginho era o cobrador magricelo, com olhos claros, que não sabia se eram verdes ou tom de mel. Era moreno, de cabelos enrolados, e tinha seu charme. Parecia estar interessado em mim, olhava-me sem o menor receio.

— Para mim, homem que insulta mulher, é covarde! Ela tá é certa mesmo, de falar poucas e boas. Quem quer respeito, se dá ao respeito!

— Pois é eu não sou de abaixar a cabeça!

— Ainda mais uma mulher bonita dessas, não é não, Barriga?

Seu Barriga era o motorista do ônibus, chamavam ele assim porque tinha uma barriga enorme. Era pardo, barbudo, olhos negros e de cabelos bem curtos. Ele respondeu com uma buzina bem forte. A menina loira percebeu que vinha chegando duas idosas e me cutucou para a gente se levantar, e ceder os lugares, como é de direito. Passei a catraca com dificuldades, por causa de minhas malas. Ninguém que estava sentado se ofereceu para segurá-las. Sei que eles não têm dever nenhum, mas... Bem que podia né?

— Aí, mina, me dá? Eu coloco aqui no cantinho!

O cobrador gentilmente pegou minhas malas e colocou em um lugar, perto onde ele estava trabalhando. A garota do piercing sorriu de novo e soltou uma gracinha:

— Hum... Já não vai pagar passagem, é?

— Se depender de mim, ela não paga, não! - disse Serginho num tom de brincadeira.

— Ei! – uma senhora aparentando uns cinquenta e cinco anos, morena, com várias bijuterias, gritou lá de trás.

— Se a gente paga, ela tem que pagar!

— Ela tá só brincando! Não entra em um novo barraco.

A moça, mais uma vez, me indicou que isso era o jeito dela falar mesmo.

— E aê, Miss Busão! – disse ela, se aproximando e me colocando um apelido que pega até hoje.

— Oi.

— Mal chegou e já tá conquistando o coração da rapaziada! Seu Barriga, vou dizer a sua mulher viu! Ela vai gostar muito de saber que você anda buzinando para Miss Busão!

— Deixe quieto Lindomar. Deixe quieto!

— Serginho, agora não tira o olho.

Vocês precisavam ver o jeito que ela falava, era um cuspe atrás do outro. Quando começava a gesticular, era capaz de dar uma tapa na sua cara, sem ter a menor intenção. Eu tinha que limpar meu rosto o tempo todo! Mas ela era engraçada, devo admitir.

— Miss Busão...

— Fala Dona Lindomar!

— Serginho quer saber se você tem namorado?

— DONA LINDOMAR, a senhora tá me entregando mesmo né? Vou soltar suas pérolas aqui viu? Vou dizer que a senhora tá andando com um boizinho de 20, na praia. Ouviu Barriga? Na, praia, com um boizinho de vinte!

— Eu aproveito a vida meu bem!

Minha parada tinha chegado e apertei o sinal para descer.

— Tchau Miss Busão!

— Tchau.

— Miss. Amanhã no mesmo horário, não esquece! – disse o cobrador, piscando o olho para mim.

Fui correndo, que nem uma louca, porque o Le era meu amigão desde a época do colégio. Ele me ajudou tanto. Agora, estava com ele no negócio que ele queria abrir. Depois de arranjar esse emprego, o Le veio com essa proposta para mim e aceitei investir! Estava tão entusiasmado, mas não tinha grana e resolvi ajudá-lo, era tão gente boa! Investi uns trezentos reais, que pedi emprestado aos meus pais.

Entrei numa correria em casa, tinha andado por todos os cantos e não achei nada para o ele. Que droga! Comprar presentes para homem é muito difícil! Liguei para o Le e dei os parabéns, meu amigo ficou falando que não precisava e tal.

– Que isso, Elisa, meu presente é sua amizade! Fora que você já me ajudou com nosso investimento, lembra?

– É, lembro sim.

Ele era um fofo, não pense que eu gostava dele. Era um super amigo, e às vezes, contava coisas só para ele que nem a Mel sabia.

– A propósito, posso ir à sua casa? É sobre as capas de celular, se você gosta ou não. Você também vai ser proprietária, né?

– Vem Le.

Conhecendo bem o Leandro

Leandro conversou horas comigo, ele estava tendo várias ideias, e ficamos viajando. Imaginando quando tivéssemos ricos, o que diríamos aos jornalistas e a televisão. Não éramos nada modestos! E sem querer, acabamos dormindo no sofá. Não aconteceu nada, juro! Só dormimos e, não sei por qual motivo, mainha e painho viram aquilo e não falaram nada. Quando acordei, ele ainda estava no sofá, comigo. Olhei para meus pais, e me questionei por que eles não me acordaram.

– Como vocês deixaram?

– Querida, vocês pareciam dois anjinhos dormindo, que não queríamos acordá-los.

– Você, Joana, eu não!

– Marcos, pelo amor Deus, não tenha essa cabeça de gente antiga!

– Antiga? Eu só espero não ganhar um neto! E, aliás, trate de acordar esse rapaz e o mandar embora! Já aguentei demais por causa da sua mãe!

– Tá bom. Obrigada. E, aliás, não aconteceu nada entre a gente papai!

– Não se preocupe filha.

– Obrigada, mamãe.

Papai foi sempre assim, e admiro não ter pegado uma espingarda e ameaçado o Leandro, com certeza mainha falou alguma coisa para ele se controlar. Acordei o Le, que parecia não acreditar ter dormido ali.

– Eu dormi aqui?

– Caímos no sono.

– Meu Deus, que vergonha!

– Não tem problema, mas papai pediu para você ir... E eu também tenho que ir ao trabalho, mais uma jornada...

– Claro amiga, nos empolgamos muito com nosso negócio!

– Desculpe pela indelicadeza de papai, mas sabe como ele é...

– Claro, não tiro a razão dele!

– Tá bom, beijo.

Eu tinha que me apressar... Se me atrasasse, perderia o ônibus azul, que eu gostava de andar.

Saí correndo, mas ele já tinha passado. Pena. Só esperava não pegar o do mal-humorado. Demorou bastante para o próximo. O motorista era um senhor de bastante idade. Entrei naturalmente e, graças a Deus, tinha um lugar no ônibus para sentar. Tudo ia bem, mas... Graças ao retrovisor quebrado, a coisa desandou! De novo não! Essas coisas pareciam que me perseguiam, como se eu fosse uma praga! Deus amado, não manda a gente descer! Não manda a gente descer!

– Pessoal, o retrovisor quebrou e acho melhor vocês descerem. Embarquem nesse ônibus aqui atrás.

Quando entramos no outro coletivo, o motorista quis nos fuzilar com os olhos... E com as palavras também.

– Mas que inferno, por que vocês não entram em outro ônibus?

– Meu senhor, eu pago se é isso que você quer. Faço questão!

– Ótimo, mocinha, e o restante?

– Não falo pelo restante, falo por mim.

Ele ficou calado e, é claro, que o pessoal não tomaria essa atitude que tomei. Tomei-a por puro orgulho! Ninguém pagou a não ser eu. Ele continuou reclamando o caminho inteiro, como se o ouvido de todo mundo fosse pinico para escutar as besteiras dele.

Dessa vez, não ia bater boca. A não ser que ele encrencasse comigo, mas ele estava falando do pessoal que entrou por trás, sem pagar. Mas que culpa tinha o povo? Nenhuma. Agora a gente tinha que ser vidente para saber o que vai acontecer? Tentei não escutar o que aquele homem falava, reclamava do outro motorista, e falou mal da família dele todinha.

Uma senhora, com uma criança no colo, estava me falando que tinha até medo dele. Que ele era um grosso! Mais um? Que não parava para o pessoal da frente, as idosas, gestantes, mas o cobrador bem simpático, disse que falaria que ela tinha pagado e ele abriria. Assim que a mulher desceu, encarou bem o motorista, acho que para não ir de novo naquele ônibus.

Saí pela porta da frente também, mas no meu caso, eu tinha pagado. Desci do ônibus e fingi que nada tinha arruinado meu dia, porque era hora de trabalhar e dona Rose queria alegria! Para que as clientes se sentissem satisfeitas. Era o mínimo que eu podia fazer, é claro.

As meninas nem perceberam que cheguei tarde, nem mesmo dona Rose. Aproximei-me mais, e, percebi que minha patroa havia sido atropelada. Ela estava com a perna direita enfaixada. E as meninas tentavam levá-la da cadeira, para ir para o carro. Senti muita pena dela. Já era uma senhora e me disseram que um motoqueiro atravessou o sinal, na hora em que os pedestres estavam passando.

– Coitada – disse Mona.

– Hoje em dia ninguém respeita mais nada. Meu Deus – falei revoltada.

– E, aí, meninas como fica o salão?

– Fechado, até que ela se recupere.

– Espero que fique tudo bem.

As garotas foram fechando o salão. Nos olhamos tristes e seguimos o nosso caminho.

Monaliza estava com uma cara fechada, hoje não tinha aquele belo sorriso. Fomos seguindo até a parada, estava rezando para que dona Rose ficasse bem e para que o ônibus não estivesse lotado. Parece que Deus ouviu minhas preces ao contrário, ele veio superlotado. E, assim que abriu a porta, foi àquele empurra-empurra danado! Quase que caí, antes mesmo de entrar! Era o mesmo que tinha pegado antes, onde todos se falavam e se conheciam. Monaliza passou na catraca, e o cobrador olhou para mim.

– Que foi moça bonita? Carinha triste hoje hein?

– Minha patroa foi atropelada.

– Pôxa!

– Me dá suas coisas?

– Sim, estão muito pesadas. Obrigada.

Fiz sinal para Monaliza ficar perto de mim, para o Serginho pedir as coisas dela também. Ela veio no aperto, quase que não chegava. Serginho também pediu as coisas da minha amiga, e, como sempre, ficou a encarando como um pedaço de carne. O que eu achava ridículo. Era o pior tipo de olhar que um homem podia dar. Serginho era legal, mas quando se tratava de mulheres.

– Pô, que ruim! E agora? O clima deve tá pesadão lá...

– Tá mesmo, tanto que não vamos trabalhar por um bom tempo.

– Sua amiga trabalha lá também?

Sabia! Ele tinha que dá um jeito de falar com a Monaliza.

– Trabalha sim.

– O que você faz lá moça?

– Eu?

– É.

– Eu sou manicure e maquiadora.

– Ah! Vocês trabalham num salão, né?

– Sim.

– Espero que as coisas melhorem para você, quer dizer, para duas.

Esse Serginho era mesmo um tremendo safado! Monaliza descia duas paradas antes da minha. Porém,

antes de descer, ela me disse bem baixinho:

– Eu te mato por ter me apresentado a esse cara, você vai ver viu!

Ela estava realmente brava, se eu não estivesse triste, até poderia dar uma risada sarcástica. Respondi que iria ligar para ela e conversaríamos a respeito. Assim que ela desceu, Serginho soltou uma das suas:

– Pô... Bonitona, ela tá do jeito que eu gosto!

– Mais respeito, porque ela não essas mulheres que você pega não! Para ficar com ela, você vai ter que comer muito arroz e feijão!

– Tá vendo isso, Barriga? Sobrou para mim. Até para mim a “ Miss Busão” quer dar um fora!

– Entrou toda metida, nem falou comigo!

– Oh! Oh! Barriga deixa de ser meloso!

– Não, tudo bem.

– E aí cadê dona Lindomar?

– Fi-gu-ra-ça hein!

– Ela só vem de manhã, o horário que passamos de tarde não dá para ela pegar.

– Tá chegando minha parada, tchau gente!

– Tchau, Miss.

Fiquei triste por não trabalhar hoje, fui caminhando até em casa. Meus pais estranharam eu chegar essa hora.

– Que houve filha? Foi demitida?

– Não, Pai. Deus me livre!

– Minha patroa foi atropelada.

– Que triste filha.

– É... Vamos ficar um tempo, não sei quanto, sem trabalhar.

– Isso quer dizer que dinheiro nem tão cedo.

– É pai, mas nas condições dela, eu não quis nem...

– Está certa, filha. Você sabe que eu e sua mãe não nos importamos em sustentar você.

– Não pai, já tô crescidinha. Preciso ser independente!

– Está bem, meu amor.

Como cheguei cedo, resolvi arrumar a casa, mamãe estava deitada. Fiz a janta e quis falar com a Mel, perguntar se a gente podia se encontrar com nossos amigos.

- Mel?
- Elisa?
- Larguei mais cedo, quer dizer vou ficar sem trabalhar por um tempo. Minha patroa foi atropelada.
- Que horror! Amiga!
- Pois é.
- Sabe, como eu vou ficar um tempo em casa, pensei em ver nossos amigos. Faz um tempão que eu não os vejo!
- Boa ideia!
- Chamar O Paulinho, Gil, Morgana! E o Le?
- Não consigo falar com ele há um bom tempo!
- Eu também não Mel.
- Mas mudando de assunto, amiga você não sabe?
- Do que?
- A Gil, ela...
- O que foi? Alguma coisa ruim?
- Não. Ela se casou e foi morar na França.
- Nossaaaaa... Tão cedo!
- É amiga se apaixonou loucamente, né?
- Hum... E a Morgana?
- Bom, pelas conversas no Skype, ela tá aqui, sim.
- Saudades daquele tempo.
- Só bagunça, né amiga?
- Demais... A gente mal estudava, e vocês sempre foram verdadeiros comigo. É isso que eu mais amava, nem importava com as notas, mas conviver com vocês foi tudo!
- Amigos de verdade são assim.
- Amanhã, será que eles podem?
- Eles confirmaram.
- Nossa, você falou com eles enquanto a gente tava conversando?
- Sim, enviei uma mensagem do meu outro celular.
- Gente chique é assim!

– Amanhã nesse mesmo horário ok?

– Sim.

– Vou mimi, amiga, beijos!

– Beijos até amanhã!

– Filha?

– Já amanheceu mamãe?

– Já, filha faz um favor para mim? Enxágua as roupas que estão no tanque, por favor.

– Claro mãe.

Levantei numa preguiça só, arrumei a casa e enxaguei as roupas, porque se fosse para deixar para depois, iria esquecer. O Leandro me ligou.

– Le?

– Amiga, não posso ir a esse encontro. É que...

Ele tossiu um pouco e começou a inventar umas coisas, que não entendi. Achei que ele estava querendo me enrolar, mas deixei para lá. Depois quando o encontrasse, perguntaria o que houve.

Estava sentindo falta da minha velha rotina, até de pegar o ônibus. Quer dizer, o ônibus azul. Depois que fui lá ao mercadinho, comprar umas coisas lá para casa, vi o Le, que parecia estar fugindo de mim, me apressei e estranhei o comportamento dele.

– Le?

– Oi.

– Tá fugindo?

– Tô.

Como assim, tá? Isso era jeito dele falar comigo? Que foi que eu fiz, para esse filho da mãe?

Passou um carro de polícia e o Le me deu tchau e não me explicou nada. Fiquei achando estranho o comportamento dele, até que os policiais pararam o Leandro e o levaram na viatura. Eu, desesperadamente, abri meu bocão com os policiais, dizendo que ele era inocente, que estavam loucos e todo mundo começou a nos observar. As mexeriqueiras do bairro e algumas pessoas que não conhecia.

– Inocente?

– Esse rapaz deu um golpe em várias pessoas, dizendo que iria montar uma loja de celular e saiu atrás de sócios.

Como assim? O Le era um criminoso? Isso quer dizer que eu também estava no meio das pessoas prejudicadas.

– Ah! Ele também falou isso para mim.

– Então vamos a delegacia prestar queixa.

Nunca pensei que o Leandro fosse assim. Meu Deus, considerava-o meu melhor amigo! Por que ele fez isso? Eu o conhecia desde criança e nunca observei nada. Prestei queixa e olhei fixamente o Leandro, ele ainda estava rindo.

– Tá rindo de que seu safado? Você não presta Leandro!

– No final das contas, eu vou sair daqui sua idiota!

– Idiota? Olha bem como tu fala comigo, não vem não!

O pior, é que ele tinha razão. Não havia provas suficientes contra ele, e creio que ele fez alguma coisa a mais para sair de lá. Não sei o que, mas estava morta de ódio! Por ter sido enganada e a justiça não ter feito nada! E meu dinheirinho quem iria me dar? E ele ainda tinha a cara de pau de voltar para Divindade. Assim que saí de lá, liguei para Mona para desabafar!

– Monaliza?

– Elisa? Você está chorando?

– Eu não sei o que eu faço...

– Amiga, eu vou aí! Calma!

Não demorou muito para Monaliza chegar na minha casa.

– Isso é homem, né amiga?

– Mona, Como o Leandro fez isso comigo? Eu conheço esse menino desde criança. Um criminoso, Mona? Roubou meu dinheirinho suado, aliás, dos meus pais, amiga!

– Calma. Elisa. E a polícia não fez nada?

– Ele fez alguma coisa... Foi liberado por falta de provas!

– Que palhaçada!

– Isso é o de menos, Mona. Esse covarde ficou rindo de mim , e , pior, se eu desse na cara daquele pilantra, eu é quem seria presa. Vê se pode?

– Esqueça isso, tá? Pare de chorar e siga em frente. Aproveita agora, que a gente não tá trabalhando, vá a algum lugar ...

– Você tá com raiva de mim? - mudei de assunto.

– Pelo o quê?

– Por ter te apresentado ao Serginho.

– Sua safada, tinha até me esquecido! Olha aí, deu até uma risadinha!

– Ai! Amiga me abraça.

– Abraço sim, bem gostoso!

- Obrigada.
 - Se quiser, posso ficar com você.
 - Até a noite, pode? Vou encontrar uns amigos.
 - Ótimo, fico até lá então...
 - Aquele seu amigo, Serginho, é um safado!
 - Sei, bem. Mas acho que ele gostou de você, do jeito menos romântico que se pode gostar, mas gostou sim. Ontem ele me ligou para saber de você!
 - Você tem o número do cobrador de ônibus?
 - Claro, viramos amigos!
 - Ah! Que engraçado.
 - Eu sei, mas acabei gostando deles. Faz meu dia melhor.
- Apesar de conhecer a Mona há pouco tempo, confiava nela. Gostava do seu sorriso, do jeito que ela me ajudava e de como me divertia. Não deu pouco tempo, e a Mel me ligou. Ela estava tentando disfarçar alguma coisa que, no começo, não entendi muito bem.
- Amiga?
 - Oi, Mel.
 - Você tá bem?
 - Mais ou menos, por que você tá com essa voz?
 - Nada, eu soube do que o Leandro fez.
 - Como sabe? Eu nem te contei...
 - Cidade pequena, as notícias correm rápido! Olha, tem certeza que você quer ir hoje reencontrar o pessoal? Podemos desmarcar.
 - Não, agora eu quero mesmo!
 - Tem certeza?
 - Sim, Mel qual o problema?
 - Pensei que você não fosse gostar... Sabe, de ver algumas pessoas.
 - Mel, são nossos amigos...
 - Eu sei, mas...
 - Ai amiga, é bom reencontrar pessoas que a gente gosta.
 - Claro. Eu vou desligar. Tô saindo da Facul... Beijo.

– Outro, tchau!

Desliguei o celular.

– A Mel também tá preocupada com você?

– Eu não sei, aconteceu alguma coisa ou ela sabe de alguma coisa...

– Sobre o Le?

– Sim.

– Amiga, esquece tá?

Celular tocando de novo...

– Alô?

– Oi, moça bonita...

– Serginho?

– Claro né? Deu vontade de te ligar...

– É mesmo? Tem certeza? Ou tem outros interesses?

– Tá, eu queria saber se sua amiga gosta de chocolate. Eu passei por uma loja e...

Gargalhei bem alto, ele parecia... Bem, sabe, apaixonado.

– Por que não pergunta a ela. Ela está bem do meu lado.

– Claro...

Capítulo 5

Algumas pessoas não são tão amigas assim.

Passei o telefone para a Mona, que travou uma batalha comigo. Ela pegou o aparelho, passou para mim, depois passei para ela de novo. E ficou por um bom tempo nesse vai e volta, até chamá-la de criança! E ela atender meio nervosa.

– A-A-Alô?

– Oi, Monaliza minha arte em pessoa...

– Que cantada velha...

– Eu tava pensando se você... Bem... Gosta de bombons. Eu passei por uma loja, achei uns bem lindos, quer dizer a embalagem. Aí você sabe o que quis dizer.

– Eu gosto Sérgio, mas é melhor você me dá em outra hora.

– Por quê?

– Porque não conheço você muito bem. Então, deixe para quando a gente for mais amigos, ok? Sem ofensas...

– Tudo bem. Então podemos marcar um dia só para conversar? Ah! Aliás, a turma do busão tá marcando para ir para praia...

– Eu vou, se a Elisa for.

– Ela vai!

– Vamos ver se você não vai dar em cima dela.

– Eu? Não! Mas pode ter certeza, que um monte de carinhas vai dar em cima da moça bonita. Bota ela no telefone.

Estava escutando a conversa pelo viva voz, depois de rir silenciosamente do mico que o Serginho estava pagando, peguei o celular.

– Alô?

– Moça bonita, tá tristonha?

– Tô.

- Não fique triste, não... Um monte de caras do busão vão se interessar por você. E vão tirar essa sua tristeza, ah!
- Aí, Serginho, só você mesmo para me animar.
- Vamos comigo, a Mona e um monte de gente do busão para praia?
- Legal. Dona Lindomar vai? Barriga?
- Claro, com todo mundo lá, pode ter certeza que você vai rir bastante...
- Obrigado por me animar.
- Mas não fica triste, não, tá?
- Tudo bem. Logo você vai voltar a trabalhar e andar no meu busão...
- Seu busão?
- Com o tempo, a gente se torna proprietário, né?
- Eu já vou desligar.
- Espera, manda um beijo para Monaliza.
- Claro Serginho.
- Tchau.
- Tchau.
- Você não tem jeito! Fica me empurrando para ele.
- Como se você não gostasse né?
- Bom, ele não é feio... E faz tempo que eu não fico com ninguém.
- Hum... Bom, Mona, queria conversar mais. O tempo passou voando.
- Eu sei, vai se aprontar e se divirta!
- Obrigada pelo que você fez. Gostei muito.
- Amigas são para isso mesmo.

Gostei da atitude de Mona e Serginho, aqueles dois davam um jeito de me animar! Apesar do pouco tempo de amizade, adorava-os!

Tinha que me aprontar e me encontrar com meus amigos e, o pior, hoje era dia de jogo! Droga! Era um dia terrível de sair, era aquele tipo de dia que você sai de casa como se fosse o fim do mundo. Pessoas com suas roupas de times fazendo algazarra no ônibus, amedrontando quem estava dentro e fora, batendo no busão. Pulando a catraca, gritando o seu hino de time, virando donos do transporte público. Os times rivais, no lado de fora, jogando todo tipo de coisa dentro do coletivo.

Estava rezando para voltar inteira para casa, e que não houvesse nenhum tipo de briga. Para qualquer pessoa sã, a situação era um aviso para que não se saísse de casa, mas eu tinha que ir. Eu havia

prometido!

Apesar de que, aqueles filhos da mãe dos meus amigos, tinham carro. Eu poderia ligar para a Mel, mas aquela safada já estava lá. Preparei meu kit de emergência.

Colete à prova de balas? Sim, estava ali.

Uma faca, para uma situação de defesa? Sim, também estava ali.

Um escudo para o caso deles jogarem alguma fragrância desconhecida? Sim, também estava ali.

Meu cartão de plano de saúde para o caso de levar uma bala e não ficar r à mercê dos hospitais públicos? Ah, também estava comigo.

Eii! Eu estava brincando viu! Mas o cartão do plano de saúde... eu levei.

Fiquei na parada, esperando o busão passar. Os meninos combinaram de irem ao tal restaurante lá perto de onde eu trabalho, era caro para caramba! Eles se esqueciam de que eu era a pobretona da turma. Não deixaria Mel pagar, claro que não!

Peguei um dinheiro com meus pais emprestado, já que iria receber em breve, pagaria a eles tudo que estava devendo, inclusive a grana que peguei para aquele filho da mãe, do Leandro! Desgraçado! Queria matar aquele menino, que ainda ficava perambulando lá pela rua, como se nada tivesse acontecido.

Meus pensamentos quase me fizeram perder o busão. Peguei o coletivo, e olhei para dentro, para ver se tinha times rivais, mas não havia. Graças a Deus. Tinha só torcedores de um time, gritando o hino com uma garrafa de bebida na mão, eram meninos! Deviam ter pelo menos uns quatorze anos e batiam na porta do busão, como se fosse um tambor.

Passei na catraca e fui para o corredor, procurando um lugar para sentar. Mas os assentos vazios estavam sendo ocupados por três pestinhas, que pulavam entre um banco e outro. Enquanto eu procurava a mãe deles. As pessoas não queriam sentar perto, porque se digo que eram pestes, é porque eram mesmo. Todos estavam abalados, como crianças tão pequenas já tinham aquelas atitudes?

– Sai daí desgraça!

Um falou.

– Dá dedo para ele, Tomás! Dá língua agora!

Todos os passageiros ignoraram os torcedores do time, que sempre causavam espanto e medo, para prestarem atenção nesses aprendizes de marginais, que juro, o maior tinha no máximo seis anos!

Do nada, bateu uma doideira naqueles pirralhos que resolveram descer, bateram na porta do busão, querendo abri-la. E, de repente, o menorzinho abriu um botãozinho na porta do ônibus, creio ser o botão de emergência. A porta escancarou e todos ficaram boquiabertos, como aquele pirralho sabia disso? Eu não sabia. Juro! E eles passaram pelo meio dos carros, quase sendo atropelados e ainda dando tchauzinho para nós. Um as mulheres no coletivo começaram a comentar o fato.

– Desse tamanho, já viu?

– Cadê a mãe desses meninos?

– Deve ser uma dessas que abandonam os filhos.

– É, deve ser.

Os torcedores desceram em seguida e sacudiram uma garrafa de cerveja dentro do busão, batendo na cabeça de uma mulher. Todos, automaticamente, fecharam as janelas por medo de serem atingidos também.

Iria descer. Finalmente tinha chegado ao tal restaurante. Desci do busão com o máximo de cuidado, olhando bem se nenhum torcedor ainda estava no coletivo, ou fora. Desci como uma mulher que tivesse parido. Com o máximo de cuidado para não levar uma bala nas fuças! Fui atravessando a rua para o tal restaurante. Chegando lá, óbvio que abri meu bocão para meus amigos:

– Bando de filho da mãe! Ninguém quis me dar carona, né?

Eles riram, todos no mesmo tom. Mas logo mudaram seus semblantes, Mel fazia sinal para sair, havia um clima muito estranho no ar.

– Quem morreu?

Ninguém respondeu e eu logo fui me irritando. Não tinha sangue de barata!

– Falem agora ou se calem para sempre!

Uns se entreolharam, abaixaram a cabeça.

– Eu vou falar, Elisa, não foi só o Leandro que enganou você.

– Como assim Mel?

– A Morgana também estava, e o Paulinho, meu namorado, também.

Entrei em um clima de irritação tão grande, que se fosse um bule, estaria fervendo e saindo fumaça pelos cantos.

– E o que vocês, cambada de traíras, estão fazendo aqui? Aliás como vocês podem ter feito isso. Eu sou pobre! Que bando de desgraçados!

– Nós não temos mais, Elisa. Nossos pais faliram, sabe que eles eram donos do mesmo empreendimento e por isso caímos na conversa do Leandro. Viemos te pedir desculpas. Você sabe como o Leandro é, sabe convencer. Ainda mais com aquele dinheiro fácil entrando na nossa mão...

– Que se dane, Morgana! Filhos da mãe! E por que não foram trabalhar como todo pobre coitado deste país faz? Vocês são um bando de...

O dono do restaurante veio gentilmente falar para que abaixasse a voz, se não chamaria a polícia.

– Chame moço, pode chamar!

Bati na mesa do restaurante e fiz um circo, confesso! Esculhambei cada um deles, e a Mel? Ela sabia que o namorado dela estava nisso, como pôde? Abri meus braços, botei o dedo na cara de todos. E, claro, chamaram a polícia. Fomos levados à delegacia. Ah! Para isso eu poderia ser presa!

A delegada nos olhou, chamou cada um numa sala e escutou todas as nossas versões. E depois chamou

todos, para conversámos.

– Acho que esse é um caso que deve ser resolvidos entre vocês. Houve uma agressão verbal da parte da Elisa, mas vocês também não são santos, não é? Estão metidos com aquele tal de Leandro, estávamos investigando vocês também. É uma sorte para vocês e azar para nós policiais, não termos prova suficiente para retê-los aqui. Certamente ninguém vai se entregar não é?

Todos abaixaram a cabeça, e eu lá de novo naquela delegacia, morrendo de raiva! Para esse tipo de coisa as pessoas eram presas! Era sempre assim:

João das quantas foi preso porque roubou uma margarina.

Fulano de tal foi preso porque pegou um pão para comer.

Só teria uma palavra para descrever o que eu estava sentindo:

ÓDIO.

A delegada determinou que o assunto ficasse entre a gente, e resolvemos que ninguém iria mais se agredir verbalmente. Contudo, se a coisa piorasse – no caso de eu virar um monstro doido e raivoso e saísse dando neles – a situação complicaria. Isso serviu mais como um aviso para ambas as partes, porque a delegada disse que não iria descansar até ter provas contra aquele salafrário do Leandro e companhia.

Os pais dos meus ex-amigos estavam lá e trataram de levá-los em seus carrinhos. Os da Mel chegaram a me oferecerem carona, e recusei. Eu tinha meu orgulho! Foi quando os policiais me perguntaram:

– Tem como ir para casa mocinha?

– Ter, tenho... Mas vocês poderiam me levar?

Depois do ódio mortal que senti, simplesmente passei a rir da minha própria desgraça. Sei que vocês devem pensar que eu era louca, desvairada por aparecer na porta da minha casa com o carro de polícia, mas, no fundo, estava achando aquilo tudo divertido! Queria tirar até fotos com os policiais no carro.

– Não podemos fazer isso.

Eles disseram. Pena.

– É naquela casa ali, a pequena – indiquei os policiais.

As espiãs da rua – eu tratava assim as fofoqueiras – deram um salto de suas casas, com as mãos nos rostos, olhavam para dentro do carro, para saber quem era. E eu me sentindo, não sei como alguém podia se sentir de sair de uma delegacia, mas sigo aquele velho ditado: “falem mal, mas falem de mim.”

Mamãe saiu de casa desesperada, chorando, tremendo e todos olhavam para mim. Uma multidão estava na minha rua, e ouvi uns dizendo:

– Ela era traficante, por isso foi presa.

– Não, não ela roubou aquela mulher do salão.

– Não, acho que ela matou alguém. Foi, foi isso!

Mamãe chegou assustada.

– Filha, pelo amor de Deus, o que houve?

Os policiais explicaram a mamãe tudo e, com os olhos encharcados de água, ela ouviu atentamente. Depois que eles foram embora, o povo da minha rua ainda continuava olhando, ou melhor, lendo nossos lábios enquanto conversávamos.

– Que foi meu povo? Querem me decalcar, é? Tãõ me achando bonita?

Eles começaram uma gritaria. Fui entrando em casa, à espera da inquisição:

Papai.

Capítulo 6

O Dia da inquisição

Quando papai chegou em casa, já sabia de tudo pelas fofocas da rua, e pelo principal fofoqueiro: “Seu” Moisés. Um velho que morava sozinho e era meu vizinho, devia ser por isso que ele vivia atrás de mexericos.

– Sabe aquela filha de “seu” Josemar? — dizia ele.

– Sei – as pessoas assentiam curiosas.

– Grávida... Com quinze anos, um horror! Uma menina tão nova!

Ôxe, e era da conta dele?

Outra vez, ele inventou que uma mulher tinha colocado galhada no marido. Levou um pau tão grande da mulher, que até apareceu no programa do “Marcelo Rezende”.

Quando papai chegou em casa, rugindo de tanta raiva, disse que era culpa de mainha e que ela não sabia me criar. Que eu não prestava e que os homens me chamavam de Miss Busão, pois vivia fazendo algazarras nos ônibus.

– Ei... Só faço algazarra em um ônibus: o do Barriga!

Defendi-me, mas minha situação estava péssima. Ele apontava o dedo para mim e perguntava a Deus o que fizera para ter uma filha tão horrorosa!

– Espero que sua patroa não saiba disso, porque se a coitada souber, você será posta para fora, mocinha!

Realmente, não havia pensado nisso. Meu Deus! Logo agora que arrumei um emprego? Não! Ela não saberia! Rezei para que Deus a fizesse ficar surda quando alguém contasse alguma coisa.

Papai continuou com a ladainha horrorosa de eu ser um ser humano tão horrível, que nem o próprio diabo me queria no inferno. Estava colocando meus fones de ouvido e entrando em outra atmosfera.

– Ah! O senhor acabou papai?

Perguntei com a cara mais cínica do mundo.

– Não, não acabei mocinha, e não aja assim! – esbravejou.

E continuou mais, até se cansar de novo. E ser interrompido pelo meu celular:

– Alô?

– Mina cadê tu?

– Ôxe... Tô em casa e tais aonde?

– Miss, a praia, lembra?

– Serginho, não posso ir. Estou sendo sacrificada aqui em casa!

– Dá um jeito... A gente não vai sem você!

– Darei!

Desliguei o telefone, sendo questionada por papai sobre quem telefonara e por quê. Claro que eu não disse, mas daria um jeito de ir. Enrolaria papai de um jeito ou de outro. Estava esperando o castigo terrível que ele iria me dar.

Entenda, quando se é filha única, os pais tendem a te enxergar como um vaso de vidro que a qualquer momento pode se quebrar. Quando completei dezoito anos, pulei de alegria, pois via isso como liberdade. A dura verdade veio com papai cortando meu barato ao dizer:

– Você já pode ser presa, e não pense que vai fazer o que você quer. Você ainda está sob o meu teto e obedece as minhas regras!

Simples assim. Voltando ao castigo terrível que ele iria me dar:

– Vai ficar de castigo sem ver esses seus amigos do busão! Irá limpar a casa agora! E eu digo: tudo. Tudo mesmo!

Obedeci como um animal acuado. Arrumei a casa e Serginho me mandando inúmeros sms. Eu, por meu lado, enviando tantos outros, explicando a minha situação. Calma, gente, vou sair dessa! Papai iria dar seu cochilo depois do almoço, e essa seria minha oportunidade de dar no pé.

Quando ele dormiu, fui saindo de casa de fininho, quase flutuando para que ele não percebesse nada. Fechei a porta, e me assustei com o seu ronco de urso. Saí de casa olhando se as câmeras do reality show estavam me vigiando. Leia-se: os olhos das mexeriqueiras. Não... Graças a Deus!

Na esquina, encontrei o busão e a galera gritando:

– Olha a Elisa ali! Sobe Miss!

Subi com aquela cara de a última a chegar. Mona já estava de lero-lero com Serginho. Lindomar estava de fio dental já dentro do busão.

– Apreciem a gostosura – dizia sorrindo.

Todos começaram a rir. E é para rir mesmo, imaginem uma mulher madura fazendo esse tipo de coisa? Imaginou? Mas Lindomar se sentia; e eu adorava essa enorme autoestima dela.

Ela colocou de volta um vestidinho que parecia ser da neta, e seguiu para parte traseira do ônibus. Na parte da frente do busão, vi Barriga chegar com a sua esposa, a Sueli, que era muito bonita por sinal, e os filhos. Duas pestes que estavam fazendo birra no corredor do busão, enquanto, em meio a palhaçada, me zoavam:

– Essa Elisa não é Miss, mamãe! É feia!

– Parece a bruxa Queca!

Completava o outro pestinha.

Estava ao ponto de fazer um barraco, quando o sangue baixou e tomei consciência de que eles eram apenas duas crianças fora de controle.

Havia um pessoal do pagode no busão, e Barriga pôs o coletivo em movimento e seguimos a viagem. Lindomar estava lá se atracando com um boyzinho do pagode.

– Ô beleza! - gritava ela

Fiquei pensando: como Lindomar conseguia isso? Ela tinha mel em alguma parte do corpo que fazia os homens enlouquecerem, só podia.

Na parte traseira do busão, Mona e Serginho estavam dando beijos cinematográficos, os meninos do pagode (apelidei eles assim, acreditam que virou o nome da banda?), tiraram seus pandeiros e cavaquinhos. Aos poucos foi surgindo a música de "Thiaguinho"

"Deixa eu te fazer feliz"

Aí, foi perfeito para todos os casais se atracarem mais. E eu? Sobreí né! Mas tinha um carinha, o vocalista da banda, que parecia está interessado em mim. Ele cantava e olhava para meu rosto, ao perceber isso, Serginho e Mona apareceram na parte da frente do busão.

– Ei Elisa, esse aí é para tu! - fiz sinal para Serginho falar baixo.

– Que foi, mina, algum problema? - sorri - Não quer que ele saiba? - bateu no meu braço, tentando tirar uma com minha cara.

Quando a música parou, o rapaz se dirigiu a mim. Mona e Serginho faziam barulhinho com se estivéssemos de volta ao primário!

– Uuuuuuuu! – eles também estavam fazendo bico.

O nome dele era Natan, era negro com um sorriso bem branquinho. Forte, certamente fazia academia, o sorriso era tão impactante, que ele nem precisava falar.

– Não se lembra de mim?

– Não.

Como assim? Eu sei lá de onde conheço esse fulano?

– Mina do barraco. Gritou comigo na parada.

– Ah, foi você?

– Sim, você é uma subterrânea.

Isso era um elogio? Não sei, mas ele me fez rir.

– Gosto de mulheres corajosas! - continuou.

Serginho e Mona novamente faziam palhaçadas.

– Uuuuuuuu!

– Calem a boca bando de... – me irritei, mas deixei para lá.

Eles saíram e foram novamente para o ninho de amor. De repente, Barriga berrou e parou o ônibus:

– Chegamos cambada!

Todo mundo foi descendo numa correria só. Foram direto para areia à procura de um lugar para sentarem. Lindomar, com seu novo amor, sentou perto de mim, junto com o tal do Natan. Ela tirou o vestidinho e levantou aquela bunda para cima.

– Quero me bronzear! Quero meus pelos dourados!

Todos sorrimos, e abaixamos a cabeça, pela tamanha sinceridade de Lindomar. As pestes do Barriga estavam no mar, respingando água nas pessoas, e depois, sacudindo areia em um pobre cachorro. Tirando a parte do biquíni de cima da mãe, arriando o calção do meu pobre amigo.

– Quer sorvete? – interrompeu Natan.

– Não – respondi.

Ele não parava de olhar para mim, perguntava sobre meus gostos e interesses, sempre com aquele sorriso lindo de deixar qualquer garota louca.

Lindomar de repente sumiu, evaporou-se, e eu e Mona ficamos preocupadas. Onde será que ela tinha se enfiado? Barriga nem ligou, Serginho também não.

– Minha gente, vocês não vão fazer nada? – indaguei.

– Não!

– Por quê?

– A conhecemos, sabemos bem onde deve estar. Provavelmente, com algum velhote por aí.

Mas ela não estava com um dos pagodeiros? Essa Lindomar... Sei não, viu? Pensava que era onda dos meninos quando falavam que ela vivia em praia com boyzinhos. Agora vejo que não!

Do outro lado, Mona e Serginho estavam olhando um para cara do outro, trocando apelidos carinhosos.

– Aí amor, para!

Amor? Ri muito com isso, e ela que não queria nem que apresentasse o Serginho.

Natan novamente voltou a olhar para mim, com aquele sorriso dele. Parecia está sempre bem humorado.

– Eu pareço tão besta perto de você. Você é tão linda.

– Obrigada.

E continuou a me encher de elogios, deixando-me envergonhada, quando do nada, Lindomar chegou berrando:

– Bando de carniça! Vamos ali para o iate que eu aluguei!

– Como assim iate? Onde tu tava? Tá bêbada, Lindomar? - interrompi tamanha alegria da velha.

– Que bêbada menina? Isso são souvenirs de quem prova essa gostosura aqui!

Todo mundo se olhou, e voltou a olhar para ela, espantados. Fomos bem devagar em direção do tal iate, olhando para os lados.

– Será que Lindomar roubou esse iate?

– É claro, papai. Acha que essa velha iria ter dinheiro para alguma coisa? Ela não tem dinheiro nem para um pirulito!

– Mais respeito pivete! – retrucou Lindomar. Com raiva, por estarmos duvidando dela.

– Entrem. Pessoal, entrem!

Ela parecia a dona do iate.

– Aqui tem cervejas e vinho.

– Essa bandeja aqui é de petiscos.

Onde diabos essa mulher arranjou tudo isso? Meu Deus! Torço para que ela não tenha roubado, porque — imaginem — eu de novo naquela delegacia? Realizem as manchetes: pai mata a filha por se revoltar com o comportamento criminoso dela!

– Aí Serginho, liga o som no volume mais alto! Solta a “ Musa “ aê!

Todos estávamos aterrorizados com Lindomar, ela estava agora com outro pagodeiro da banda, dançando com ele, ou melhor, se esfregando.

As pestes de Barriga corriam pelo iate, brincando de qualquer coisa. Mona e Serginho continuavam com seus inúmeros agarramentos e beijos, e o tal Natan olhava para mim, com aquele olhar pidão de quero dançar. Abaixei a minha cabeça para que ele percebe-se que não estava com vontade, e realmente não estava. Não sei o que me deu, deve ter sido a raiva enorme que senti daqueles ordinários dos meus amigos.

Depois de tocar "Musa do Calypso" e "Banda Kitara". A banda de Natan se ofereceu para tocarem suas músicas, fazendo coreografias.

– Vem Elisa, vamos!

– Vem Elisa! Se eu, velha desse jeito, tô aqui me divertindo, imagine você que é nova? Vem simhora! - berrou Lindomar, ela não sabia falar baixo.

– Tá bem, eu vou.

Depois de tanta insistência, fui. Estava até me divertindo. Fosse quem fosse o dono desse iate, ficaria super-revoltado com aquele paraíso de pobres em que se transformou. Muito brega, muita comida, e muita farra!

Por outro lado, Barriga estava se achando o capitão de um navio. Fazendo poses de alta classe; Sueli era magrinha e engraçada, ia com ele na parte da frente onde se pilota, e ficou imitando uma socialite:

– As crianças estão com a babá. E suas ações na empresa, querido, como vão?

– Ótimas!

– Comprei um anel de rubi. Não se importa, né?

– Claro que não, temos dinheiro para isso! - riram que nem dois abestalhados, mas logo, os filhos os interromperam e ficaram atormentando os coitados.

Natan estava conversando comigo, puxando papo. Mostrava certo interesse. Ele era lindo, mas não consegui sentir nada sabe? Nenhuma atração aparente, a não ser a vontade de ser sua amiga. Ele era tão sincero, não ligava para minha boca podre de palavrões, e meu comportamento um pouco... diferente de ser. Ele me fazia rir, era um bom rapaz.

Lindomar já estava bêbada e gritando. Não falava coisa com coisa. Depois de tanto berrar, ela caiu em um dos sofás que havia no iate. Imediatamente Barriga e Serginho trataram de colocá-la num lugar mais cômodo.

– Não se preocupe, Elisa. Isso é cana, logo passa.

Estava preocupada, ora bolas! Ela já tinha 55 anos, não podia fazer essas coisas. Vai que essa mulher tem pressão alta ou diabetes? Depois ela morre e vão culpar todos nós.

O rapaz da banda, aliás, o dois com quem ela ficou, trataram de abaná-la para ver se ela melhorava.

– É melhor irmos. - falou Barriga.

– Se sente melhor Lindomar?

– Um pouco... Ah! Parem com essas caras horríveis, eu não morri!

– Então, Lindomar, de quem é o iate?

– É de um velho amigo meu.

Amigo? Sei.

– É melhor irmos, não quero que ninguém fique mais bêbado do que essa daqui está.

– Vamos, vou ligar para ele.

Ela digitou no seu celular o número do tal fulano, entre risadas e outras, depois de alguns minutos, o homem apareceu. E, creio eu, que mega surpreso porque o interior de seu iate estava um inferno. Latas pelo chão, os pestes de Barriga tinham sujado o sofá de petiscos, o sofá de branco, passou para preto, todos nós descabelados e ainda alguns falavam com o “tiozinho” cuspiendo.

Ele ficou boquiaberto, mas Lindomar falou sabe Deus o quê naquele ouvido que ele se transformou. Deu-nos adeus e nos cumprimentou na saída. Saímos quase nos sentindo como fugitivos da lei.

– Vamos para o busão, já deu por hoje né, Lindomar?

Barriga parecia com raiva.

– É, o, que? Se não fosse eu, vocês nunca iam saber o que é um iate na vida. Iriam morrer sem saber o que é ser rico uma vez se quer! Se não você eu...

– Tá bom! Sabemos o quanto você é importante. Tem que cortar os papos dela, Barriga, se não vai até amanhã falando que nem o “loiro José”! - falou Serginho com uma cara de deboche.

Todos balançaram a cabeça e fomos caminhando até nosso ônibus. Ao entrar, Barriga fez uma oração para que voltássemos em paz. E para que ninguém ficasse como Lindomar.

– Ô pai, não deixe essa velha influenciar nossas vidas. Sei que ela está aqui por um erro vosso.

Barriga foi interrompido por uma chinela de Lindomar, que bateu bem no seu rosto.

– Toma Barriga, vai brincar com a velha!

– Meu filho, mulher é como vinho: quanto mais velha melhor!

Todo mundo entrou numa gritaria, batendo nos bancos e pulando no corredor do busão.

– Tá bom gente, vamos simhora!

Barriga deu a marcha e partimos a caminho de nossos lares. Estava imaginando no caminho, o que eu diria a papai. A essa hora, ele já teria acordado. Era noite, e com certeza estava rugindo em cima de mainha, reclamando do meu comportamento.

Senti a presença de alguém ao meu lado, quando virei o rosto, era Natan, me entregando uma rosa. Sorri para ele, que me olhou dos pés a cabeça. Novamente puxando papo. Até que aquele bonitão tinha uma boa conversa para enrolar papai.

– Elisa, minha cara, é só ter um bom papo.

– Como assim?

– Vamos parar lá na sua casa, conversar com seus pais e mostrar que não somos criminosos!

– É o que ele pensa!

– E, francamente princesa, você já é bem crescidinha para castigos não?

– Sim, sou uma quase uma velha gaga para isso.

Ele sorriu, batendo palmas e abrindo aqueles dentes brancos, que às vezes me dava a impressão de estar num comercial de T.V, onde de repente as pessoas aparecem do nada. Perguntando ao Natan como ele fazia para ter aquele sorriso. Ele responde, enigmaticamente: bom, uso o creme dental “White”. Mentalmente consigo enxergá-lo dando um sorriso e uma piscada de olho para câmera.

– Confie em mim, seu pai não irá brigar com você.

Novamente sorriu. Depois, começou com arruaças no busão, cantando velhas músicas, daquelas que sempre se canta quando viaja . Quando se tem dez anos ou menos.

– Elisa roubou pão na casa do João, Elisa roubou...

E continuou com a bagunça, chamando todos para brincadeira, até chegar a Lindomar, que ficou calada, porque estava dormindo e babando num dos bancos do ônibus.

– Não sabe, não sabe, vai ter que aprender... Orelha de burro...

E os meninos do pagode continuaram com mais brincadeiras, até chegarmos em casa e meu coração dar um pulo.

– Vamos todos lá?

– Claro, assim o pai de Elisa vai confiar em nós. Apesar de que, não tem como ele te proibir de andar em um transporte público.

Natan tinha razão, como papai iria impedir isso? A não ser que ele comprasse um carro. Carro de mão, só pode!

De longe, avistei papai com cara de cangaceiro na porta de casa.

– Que eu me lembre, você estava de castigo... Não?

– Estava.

– E por que me desobedeceu?

– Papai, pelo amor de Jesus, acho que não tinha castigo maior, do que eu estar naquela delegacia!

Apesar de que, eu lembro-me bem, gostei daquilo. Mas voltando...

– Realmente.

Papai colocou as mãos no queixo e ficou pensativo.

– E, a propósito, esses são meus amigos. Está vendo? Não são marginais!

Berrei e sai empurrando os meninos para frente, para mostrar que eram boas pessoas, e, por um instante, papai olhou para eles e foi com a cara dos garotos. Admitiu que estava errado, pediu para entrarem e ficou conversando com: Barriga, Serginho, Natan, eu e os demais.

– Eu já quis ser motorista, mas morria de medo. Cobrador? Acho um bom emprego inicial. Sabe, o salário não é baixo.

– Mas trabalhamos demais, Sr. Marcos. - falava Serginho.

Depois, ele ficou imaginando como seria bom ter um ônibus, aliás, dirigir-lo, que sensação de poder ele teria. Conversava com os meninos como poderia fazer para melhorar o transporte. Ah, vai sonhando papai! Sonha mesmo! Na próxima eleição o senhor se candidata tá!

Capítulo 7

Voltando ao trabalho...

Depois de conversarmos muito, papai cumprimentou os meninos e os levou até a porta de casa. Com um sorriso no rosto, voltou para sala.

– Ótimas pessoas!

Hum... Agora o senhor pensa isso.

Lindomar e Sueli me deram um abraço de despedida. Pedi insistentemente aos meus pais para Mona dormir lá em casa. Tinha uma grande afeição por ela .

Mona, com aquela exuberância dela, foi se aproximando do meu quarto, conversamos muito e ela insistia para eu ficar com Natan.

– Ele é um gato, Elisa, e uma boa pessoa! Os pais são cantores na igreja. Vocês foram feitos um para o outro.

– Sério?

– Sim, os conheço.

– Bom, vamos dormir que mainha já me falou que dona Rose quer voltar ao batente.

– Sério? Ela ligou foi?

– Foi sim! E, graças a Deus, a fofoca de eu ter entrando em um camburão, não chegou aos ouvidos dela!

Mona sorriu como se tivesse falado alguma piada engraçada.

– Que foi?

– Nada! Elisa você é a menina mais barraqueira que já vi na vida.

– Eii ! – Coloquei as mãos na cintura indignada.

– Vamos dormir Mona, Antes, que eu te dê uns tabefes.

– Vamos, senhora subterrânea, depois dessa fiquei com medo!

Essa Mona era a debochada em pessoa.

Quando acordei, no dia seguinte, meus pais tinham saído, e Mona estava lá dormindo. Derrubando os lençóis da minha cama. Fui tomar banho, escovar os dentes e preparar o café da manhã. Um bom pão francês assado e um bom cafezinho. Mona acordou, espreguiçando toda!

– Bicha safada! O café já está pronto?

– Já. Tudo pronto. Acordei cedo para fazer para vossa senhoria. Fazer o quê? Essa é minha vida de escrava!

Mona sentou-se à mesa e conversamos sobre tudo. Sobre o namorico dela com o Serginho, Lindomar e suas inúmeras ficadas.

Sentia-me à vontade com Mona. Sabe, podia ser eu mesma! Ela não ligava, não era cheia de frescura. Podia rir alto, sem ser questionada como quando eu estava entre os meus ex-amigos.

Era sempre assim:

– Ai, Elisa, fala baixo!

Outro:

– Ai, Elisa, que palavreado!

Hum... Burgueses de merda! Bando de... Tá bom, não vou falar tantos palavrões quando me referir a eles, prometo! Estou até cruzando os dedinhos...

Depois de tudo, tínhamos que ir trabalhar, ou seja, pegar nosso ônibus! Ficamos na parada por uns dezesseis minutos e o ônibus passou, quando ele parou, havia o reboliço de sempre. Pessoas dando pinotes que nem o papa-léguas para entrar primeiro e conquistar seus lugares.

Entrei com Mona, nós duas sorrimos e demos bom dia ao nossos amigos. Ficamos na frente, como de costume, para conversar melhor com Serginho e Barriga. Falamos alto à beça, que todos os passageiros nos olhavam com curiosidade. Estávamos rindo de Lindomar e lembrando-me de suas preseçadas, ela não estava no ônibus e Serginho dizia que era pela ressaca de ontem. Natan chegou no meio da conversa e começou a fazer arruaça.

– Meu povo e aí? E ontem, menino? - sorriu.

– Ei, Elisa, não fuja de mim!

Todos no ônibus fizeram uma espécie de coral:

– HUUuum!

Pela primeira vez na minha vida, estava com muita vergonha. Todos no ônibus me olhavam com curiosidade e expectativa para saber por que tanto entusiasmo. Natan continuou dizendo que estava brincando.

– Tô brincando meu povo... Mas essa menina aqui é a mulher com quem eu quero me casar um dia.

As pessoas riam do tom que Natan falava, ele veio me abraçando e me beijando no rosto. Serginho, arruaceiro, começou a berrar para que nos beijássemos.

– É um casal bonito ou não é?

Serginho falava, olhando para as pessoas do busão; e a maioria respondeu:

– ÉÉÉÉ!

– E aí? É namoro ou amizade?

– Namoroooooo! - respondiam eufóricos.

– Beija! Beija! Beija! – gritavam.

Houve um momento de pausa.

Todos olhavam com aquela expectativa velada. Havia uns meninos de colegial gritando, ou melhor, uivando – acho que era a palavra certa – para que eu e Natan nos beijássemos!

– Bora, beija! Que demora danadaaaa!

Abaixei a cabeça e Natan me agarrou pela cintura e me beijou. As pessoas gritavam euforicamente, faziam batuques e ainda cantavam impecável a letra da música da "Musa do Calypso"

"Eu descobri por que... você me olha assim.. É mais que amizade eu sei... Eu descobri, você gosta de mim"

Soltaram uns gritinhos, e ainda batiam palmas. Natan sorria e alisava meu rosto admirado por ter me beijado. Assim que desci do busão, eles gritaram:

– Miss Busão, a garota do Natan aê!

Despedi-me dos meninos dando tchauzinho e rindo com Mona. Preparei-me para entrar no território inimigo, ainda bem que aqueles malucos me animaram. Loucos, isso sim!

Assim que pus o pé no salão, olhei fixamente para dona Rose e procurei em seu olhar, se ela sabia de algo.

– Que foi Elisa? Tá me namorando?

– Não, dona Rose, é que hoje a senhora está com aparência muito boa.

Mentira danada! Ela mal superou o que se passara e estava com cara de acabada, mas não tinha outra coisa a dizer. A pobre mulher já estava passando por coisas demais, não queria que ela soubesse de nada! Era muita situação terrível de uma vez!

– Hum, sei... Ao trabalho, as duas!

– Sim, senhora! – dissemos em uníssono.

Eu e Mona nos dirigimos para nossos afazeres. De repente, a Mel chegou lá no salão.

- Posso falar com você um instante?
- Não. Não vê que estou trabalhando?
- É rápido, posso pegar ela emprestada dona Rose?
- Pode, mas não demore. Hoje o salão está cheio!

O que essa traíra queria comigo? Seja o que for, fechei minha cara. Mel me puxou pela mão, para frente do salão, e de longe, Mona e as demais clientes nos espionavam.

- Que é que tu quer, falsa?
- Terminei com o Paulinho.
- Ótimo. Assim vocês não vão ser mais um casal de criminosos.
- Eii! Eu não estava fazendo parte disso! Não poderia fazer isso com você! Você sempre foi minha melhor amiga!
- Melhor amiga? Melhores amigos contam tudo um para o outro e não escondem nada.
- Sinto muito, era muito complicado, ficar numa corda bamba, sabe? Entre amizade e o amor.

Ela começou a chorar e não estava com pena dela. Nem um pouco!

- Me desculpa, Elisa?
- Não! – e continuei:
- Vai embora! Não quero falar com você. Você e os demais morreram para mim!

Mel me olhou fixamente, estava sendo dolorido, claro! Conhecia-os desde sempre. Ela entendeu o recado e foi embora, soluçando de tanto chorar.

- Elisa, precisava de tudo isso? - Mona chegou de repente.
- Precisava, sim, Mona. Vamos trabalhar, que é melhor o que fazemos!

Quando larguei do trabalho, peguei o meu busão preferido. Mona foi logo se dirigindo para o local onde o cobrador fica. Aliás, onde o Serginho fica. Cada dia mais, ela vivia um grude nele !

Pela primeira vez, vi Lindomar pegar o busão àquela hora da tarde. Ela entrou num reboliço com umas colegas de trabalho, e se vocês sabem como é Lindomar... Sabem que chegou com um bocão danado! E as amigas dela também.

- Boa tarde meu povo!

Todo mundo, inclusive eu, respondemos:

– Boa tarde, dona Lindomar!

Ela e as amigas sentaram na parte do meio do ônibus e começaram a falar da patroa delas. Bom, a partir daí, soube uma coisa de Lindomar: que ela trabalhava com limpeza ou algo do tipo.

– Viu a cara da enjoada? Ei trepeça, estou falando com você!

– Peraí, Lindomar! Tô falando no celular!

– Ei Julia, viu a cara dela?

– Vi menina, ela ficou com cara de enjoada, para saber se a gente tinha limpado mesmo!

– Ei! Martha tá dormindo, mulher?

– Me deixa dormir, Lindomar! Tô cansada!

Todos no ônibus, inclusive eu, estavam prestando atenção nas conversas de dona Lindomar. Falava mal do porteiro do prédio, da patroa dela e com nomes! Hum... Vocês devem imaginar!

– E eu devo nada, Julia! Deixa esse povo olhar! Olhem mesmo! O que é bonito, é para ser visto - ela soltou uma gargalhada, e, sacudiu seus ombros para frente e continuou com a conversa.

– Mas rapaz... Tu viu aquela filha de Seu Lourenço? Quem era aquela menina? Eu a conheço desde pequena, agora nem comigo fala!

– É para tu ver, Lindomar. E o filho de Margarida? Não olha nem para nossa cara. Quando estávamos lá parece até que somos invisíveis!

Natan apareceu, e desceu pelo corredor do ônibus até chegar a Lindomar e começou com suas gracinhas:

– Velha gostosa!

– Oi meu filho!

Assim que perceberam que eu também estava no ônibus, às pessoas imediatamente quase quebraram seus pescoços para ver minha reação.

Lindomar deu um cheiro em Natan, que foi logo caminhando em minha direção. Barriga e Serginho olharam para mim; Mona deu uma piscadinha e ficou lá abraçada com seu amor. De vez em quando, isso atrapalhava meu amigo, pois ele ficava lá babando pela aquela figura exuberante da Mona e esquecia os pobres passageiros.

– Ei! Eu já paguei a passagem! Roda a catraca, ôxe!

– Ah... Sim, desculpe!

Serginho estava mesmo apaixonado.

Natan chegou, com aquele sorriso, pegou minha mão e deu um beijo!

– Quer um encontro romântico?

– Onde?

– No fundão do maior carro do mundo, tem encontro melhor?

– Tá me chamando para sentar no fundo do busão?

– Sim.

Natan era tão cínico! Eu ria a beça com ele e sua maneira de falar. Pegou minha mão e passamos pelo corredor do coletivo até chegar lá no fundo, e todos nos observando atentos e soltando de vez em quando um:

– HUUUUUM!

Enquanto estava de papo com o Natan, Lindomar berrava para os boyzinhos que passavam na rua, colocando a cabeça na janela:

– Gostoooso!

As amigas de Lindomar começavam a rir, sem medo de ser feliz, ela continuava:

– Ô lá em casa? Faz uma caridade para essa velha meu filho!

Todo mundo olhava abismado para Lindomar e suas inúmeras gritarias no ônibus. Barriga deu o maior fora nela, dizendo que era perigoso estar colocando a cabeça para fora da janela. E Natan, como sempre, começou a tirar onda com ela.

– Vai velha! Barriga “man” querendo te fuzilar!

– É Natan, é que ela acha que assim os boyzinhos vão olhar para ela! É o único jeito de encarar a cara feia de dona Lindomar! – Serginho gritou lá da frente.

– Meu filho, só estou querendo abrir novos horizontes, novas amizades. Por que, pode não é?

– Poder, pode Lindomar! Quando se tem dez anos, onze, ainda é compreensivo esse comportamento né não, Natan? – Respirou. – É, mas sabe como é Lindomar, acha que é Peter Pan!

Ela se arretou com a gente e desceu na parada seguinte, sem falar com ninguém, nem suas colegas de trabalho! Todo mundo balançou a cabeça e repetia a mesma frase:

– Essa Lindomar é uma figura!

Olhei para Natan com aquele sorriso e aquele jeitinho de falar, mas ainda não conseguia vê-lo como um namorado, e, sim, um bom amigo. Quis falar isso para ele, mas logo me deu um beijo no rosto e aí é que as coisas começaram. Quando acabei de dar um tremendo beijo no Natan, algumas pessoas no busão nos olhavam como se tivéssemos matado alguém ou alguma coisa do tipo.

– Que coisa feia! - falava uma senhora.

– Hoje em dia não se tem respeito em canto nenhum!

Barriga e Serginho trataram logo de quebrar o clima.

– Dali, Miss! Ganhou um Mister!

– Olha aí, Miss Busão e Mister busão!

Assim que cheguei na minha parada, Mona ficou lá com o Serginho, e Natan deu uma piscadinha para mim, beijando minha mão. O povo, como sempre, se esgoelava para arriar comigo quando descia:

– Tchau Miss Busão! Agora você tem um Mister! U-hu! É isso aí! É hoje que ela não dorme!

Um vizinho, um segredo, e uma surpresa!

Voltando para minha velha casinha, estava refletindo um pouco, que a pobre da Mel realmente devia ter ficado muito confusa para não me contar aquelas barbaridades dos meus ex-amigos. Pelo menos, ela tentou se desculpar. Talvez estivesse mesmo sendo injusta com ela.

Abri a porta da minha casa. Assim que minha mãe me viu entrar, puxou pelo meu braço e praticamente me empurrou para sala trancando as janelas.

– O que você fez com a coitada da Mel?

– Nada, ela que tratou de ser uma...

– Nem venha, você é uma ingrata, Elisa. A pobre menina quis te pedir perdão e você a tratou como uma cachorra. Não se lembra das coisas boas que a família dela fez? Não lembra como essa menina te tratava como uma irmã?

– Mamãe, a Mel devia ter me contado, mas já que a senhora faz tanta questão que eu a perdoe, vou lá agora.

Levantei do sofá, onde estava sentada, e minha mãe me empurrou de volta.

– Sente-se. Para onde você pensa que vai?

– Ué, na casa dela, oras!

– Tarde demais, Elisa. Ela pediu para fazer um intercâmbio.

– Que?

– Talvez ela volte daqui alguns anos, ou talvez não. A família está orgulhosa dela ter conseguido. A Mel tinha ido lá te pedir perdão, porque iria embora e queria ir com a consciência tranquila!

Sim, Elisa burra! Você foi um ser humano horrível! Agora concordo com papai neste sentindo. Pobre Mel! Eu nem sequer dei uma chance da coitada se redimir...

– Quanto tempo faz isso?

– Umás três horas atrás, foi o tempo que falei com os pais dela.

Levantei do sofá e fui rumo à casa do Roger, era um vizinho meu que trabalhava no aeroporto. Ele

saberia o paradeiro da Mel, e me contaria! O vi chegar assim que entrei em casa.

– Vou à casa do Roger!

– Fazer o quê filha?

– Perguntar, mamãe, se ele sabe de alguma coisa!

Tinha que saber da pobre Mel, ela não poderia ir sem falar comigo, e muito menos sem ouvir o meu perdão.

Toquei a campainha do Roger e, para minha surpresa, ele me atendeu de toalha. Todo molhado, com aqueles cabelos castanhos claros batendo no rosto e aquele brinquinho na orelha.

– Oi? Posso ajudar?

– Eu... Eu...

– Que houve? Foi assaltada? Por isso tá com essa cara? Aí Meu Deus! Entra!

Roger me colocou para dentro da sua enorme casa. Para alguém que morava sozinho, era muito espaço sobrando. Vi sua farda do aeroporto no sofá, e logo me veio na cabeça o que realmente queria saber:

– Não é isso... é... que... queria te perguntar uma coisa!

Você sabe para onde a Mel foi? Nossa vizinha, baixinha, de cabelos negros curtos?

– Sei quem é, eu a vi no aeroporto. Creio que ela foi para os Estados Unidos. Pelo que eu sei, talvez não volte mais.

– Não?

– Não.

– Por quê? O que houve?

– Nada, Roger. Muito obrigada.

– Nada, não quer comer? Tomar água? Alguma coisa que eu possa fazer por você?

Sim! Tira essa toalha e fica pelado!

– Não, não, obrigada.

Pela primeira vez, na vida, alguém me fez baixar a bola e simplesmente ficar sem palavras. Imagine, era eu mesma? Baixando a guarda?

Quando cheguei em casa, minha mãe fez um interrogatório do “CSI”. Às vezes, ela era pior que papai! Livrei-me dela dizendo que dona Rose queria fazer um treinamento agora à noite. Mentira, Eu ia pegar o ônibus só para falar com os meninos.

Era de noite, mas não significava que a velha rotina tinha acabado. Havia uma fila enorme na parada.

Uma mulher de uns vinte e cinco anos, com um nenê no braço, reclamava do povo.

– Ei! Bando de carniça! Tem fila para quê? A fila é aqui atrás! Respeita! Tô com uma criança de colo, respeita a fila... Ô!

Ela falava, referindo-se a umas juvenzinhas que estavam rindo. E, enquanto ela reclamava, um senhor começou a entrar na briga também:

– Né para rir, não! Isso aqui né show de piadas! Vão lá para trás!

Nesse vucovuco danado, todo mundo começou a vaiar e as garotinhas foram indo para o último lugar da fila! Para conter os ânimos, eu – arruaceira nata – comecei a tirar uma com o pessoal.

– Calma! Calma gente! Nosso motorista está vindo nos buscar! - todos riram da minha piada, que descontraíu o clima de briga de fila em parada de ônibus.

O ônibus tinha chegado. Serginho me viu pela janela e piscou o olho para mim, as pessoas foram correndo para entrar no busão. Fui entrando, falando com todo mundo, como sempre, acabaram-se os lugares, daqui a uns dias iriam inventar personal passageiro. Só assim teria dicas de como pegar lugar no busão! Raramente pegava um, talvez aquele povo fosse atleta de corridas e eu não soubesse!

Desabafei com os meninos sobre a Mel. Serginho insistia que ligasse, falasse por e-mail, fizesse alguma coisa...

– E o que vou dizer Serginho?

– Bom... Desculpas por ter sido incompreensiva?

– Não consigo, amigo.

– Relaxa, mina! A vida é assim mesmo! Depois ela volta e vocês ficam de boa.

Vi os meninos do pagode lá trás, junto com o Natan, que me olhou e deu um belo sorriso.

– Que é que eles estão fazendo aqui?

– Fizeram um show por aí.

– Ei, meu povo, dá uma cantadinha para gente, dá?

– É para já Miss! - falou Natan, todo empolgado.

Natan tinha uma incrível semelhança com Thiaguinho (cantor de pagode). Devia ser por isso, que ele só tocava as músicas dele. Entre sorrisos, os garotos começaram a tocar a música:

"Ê Ê Ê Ê Ê Ê ..Eu...Sou o cara para você! "

Todos sorriram e olhavam para mim. Os passageiros ficaram eufóricos, e agiam como se estivessem em um show. Batendo palminhas, gritando, algumas meninas mais assanhadas, paqueravam os rapazes.

Natan foi se aproximando de mim, ignorando as garotas, beijando minha mão, falando suas cantadas no meu ouvido. Tentava fugir, adorava o Natan, mas como amigo. E não tirava o Roger da cabeça, aquela toalhinha enrolada! Que sedução!

– Mina... Tá com a cabeça onde, hein?

– Aí, Natan, preciso te contar umas coisas.

– Natan, vamos, mano, lá para casa, vai não? - um dos amigos do pagode falou.

– Vou sim! Olha, gatinha, depois a gente conversa.

Depois das inúmeras conversas com os meninos, desci na minha parada. Todos, como sempre, me dando tchauzinho.

– Tchau Miss!

– Tchau gente! Até mais!

Quando fui descendo na minha rua, avistei o Roger bem na esquina comprando alguma coisa no Gordo – uma barraquinha que tinha perto de casa –, assim que ele me viu, ofereceu um dos salgadinhos que tinha comprado:

– Quer Miss Busão?

– Miss Busão?

– É... Ouvi gritarem seu apelido. Como você gosta tanto de andar de ônibus?

– É que eu me sinto integrada às pessoas.

– Acho terrível. Muito aperto e pessoas barraqueiras.

Pessoas barraqueiras? Ele não me conhecia para estar falando isso.

– Você tem carro Roger?

– Tenho sim. Comprei ano passado, graças a Deus! Tenho um empreendimento para turistas. Que me favoreceu para que eu saísse daquela vida de tortura, de andar de ônibus.

– Ah!

Ele foi caminhando comigo até na frente de sua casa.

– Quer entrar? - disse erguendo a sobrancelha.

Aí Jesus! Que homem sedutor. Fiquei muda! Eu? Muda? Elisa pelo amor de Deus, volte! Volte!

– Eu... É.... Tenho que ir.

– Peraí!

Ele me pegou pelo braço e ficou me olhando um pouco.

– Deixa eu te mostrar uma coisa...

– O que?

– Isso...

Roger me atacou com um beijo enorme, quase me sufocando!

– Roger! Enlouqueceu?

– Sim, enlouqueci por você.

Avistei de longe o espião mestre: Seu Moisés. Ele ficou ali, parado, nos observando. Fiquei pensando se ele tinha visto o beijo, ou não. Sabe, para essas pessoas antigas e mexeriqueiras, um beijo daqueles era o mesmo que dizer que estávamos se agarrando e fazendo menino!

– Tenho que ir Roger.

– Vá, mas não pense que irá se livrar de mim.. – Ele deu um sorriso.

Enquanto andava, olhava para trás, vendo-o entrar em sua casa. Meu coração estava quase pulando fora. Hoje, sim, eu não dormiria!

“Quem cedo madruga, não pega ônibus lotado”

No dia seguinte, liguei para Mona. Queria que ela fosse lá para casa, para conversarmos sobre o meu vizinho. Assim que ela chegou, foi logo ao assunto.

– Não acredito! Você ficou com o Roger?

– Sim.

– Meu Deus! Elisa, as meninas do bairro vão te matar!

– Sei, é que... Ai, meu Deus, ele faz meu coração pular!

– Tá apaixonada!

Mona morreu de rir, caindo no sofá. Rindo, claro, da minha cara.

– Qual é a graça? – falei irritada.

– Nunca imaginei em te ver assim. Logo você, Elisa!

– O que tem eu?

– Deixa para lá, mas e o Natan como fica nessa história?

– Eu quis contar a ele, mas não tive oportunidade.

– Pobre Natan.

– Mas, Mona, é importante que isso fique entre nós.

– Vai ficar!

– Mona!

– Vai ficar, amiga! – desconfiei se Mona contaria a alguém, já bastava que Seu Moisés nos viu aos beijos.

Com o passar do dia, tinha que trabalhar. Mona acabou ficando lá em casa mesmo. Arrumamos-nos e fomos seguindo nossa rotina de sempre! Pegar o busão e ir ao nosso trabalho!

O ônibus estava lotado, que só Deus para nos acudir. Entrei, me entrouxando toda; Mona entrou como se

fosse uma serpente se arrastando.

– Licença gente, licença!

Fui serpenteando pelo corredor do busão. Uma mulher, com estatura mais baixa do que eu, com um ar de encrenqueira, levantou seu queixo para cima e fez um enorme bico com a boca.

– Leva! Aproveita e me leva também!

– Se a senhora não ouviu, eu pedi licença!

Silêncio total!

Eu e Mona fomos passando até a porta traseira do busão. Tinha tanta gente perto de mim, que mal conseguia respirar. Era gente do meu lado, gente na minha frente, e, se pudesse, na minha cabeça. Como sempre, quando o busão estava lotado, tinha uma confusão. Agora era porque o homem estava se esfregando em alguma mulher.

– Ei, tá pensando que isso é facebook, é? Para tá me cutucando?

– Não senhora, tava não!

– Tava, sim. Olha, motor, desce esse tarado aqui!

– Não, eu não tava fazendo nada.

Não sei se ele estava fazendo alguma coisa. Porém, sempre quando o busão estava lotado, muitos espertinhos se aproveitavam das mulheres. Ele desceu com a cabeça baixa e a mulher, lá, falando isso e aquilo, que a bunda dela não era do governo, era privado! Todos no coletivo pararam no tempo, observando a mulher e o acontecimento.

Finalmente, chegou à parada do salão. Eu e Mona pudemos respirar. Demos tchau aos meninos e fomos ao trabalho, porque vida de pobre não é fácil.

Chegando ao trabalho, tive que me apressar, pois já tinha clientes me esperando. Quatro maquiagens. As meninas eram todas irmãs. Uma me pedia para não se parecer com a outra, a outra irmã não sabia o que queria, e isso estava me dando os nervos!

– Eu quero uma sombra rosa. Não, um rosa bebê. Talvez seja melhor o azul... Azul turquesa!

Eu iria mostrar a ela a turquesa já!

– Bom, não quero parecer com minha irmã! Quero ser a mais bonita da festa!

– A mais bonita tem que ser eu!

– Eu!

– Eu!

Jesus! E ainda tinha que dar um sorriso e pedir a elas calma? Já estava com dois quentes e dois fervendo! Que meninas! Fiz o que todo mundo que não quer perder o emprego faria: contei a até dez.

– Deeez!

Ixi! Gritei alto demais!

– Elisa o que é isso?

– Desculpe dona Rose...

Eu tinha que ficar caladinha, esse era o segredo de quem tinha o trabalho há muito tempo. Ainda bem que o tempo passou rápido e estava na hora de ver meus amigos do ônibus azul! Assim que entrei, Barriga mal olhou para minha cara, Serginho parecia decepcionado, e, para minha sorte, não tinha quase ninguém no ônibus, assim podia falar com os meninos do meu jeito.

– O que foi hein?

– Nada.

– Nada.

Os dois estavam estranhos demais. Mona mantinha a cabeça baixa e logo veio na minha cabeça que ela abriu o bico! Ah, mas como era fofoqueira!

– Monaaaa – arranhei na direção dela.

– O que foi? Não fiz nada!

Quando alguém fala que não fez nada, geralmente fez alguma coisa. Ainda que não fosse aquela coisa específica a que você estava se referindo. É uma postura de defesa clara.

– Tá bom – ela bufou, admitindo que eu estava certa em fechar meu cenho. – Eu contei para o Serginho, mas não tudo. E... – mordeu o lábio. – O Barriga ouviu. Talvez... Algumas pessoas no ônibus também.

– Algumas pessoas no ônibus? – tentei assimilar parte daquela absurda traição de minha amiga.

– É. – Ergueu os olhos até os meus.

Eu não ia brigar com ela, mesmo com todo meu bocão, tinha meio que previsto que isso poderia acontecer. E, afinal, era uma questão de tempo ter uma conversa decisiva com o Natan.

– E agora vai ficar todo mundo assim comigo, é?

– Elisa, é que ficamos tristes. Agora que tem um namorado de carro, vai deixar a gente!

Jura que era com isso que estavam preocupados? Jamais iria deixá-los, de onde tiraram essa ideia?

– Barriga, não! Claro que não! E, não tenho namorado!

– Ah... – o.k., pisei em terreno perigoso. – Minha namorada não ia mentir.

– Aí gente, eu não vou deixar o busão, não!

– Desculpa amiga, é que saiu sem querer – enfim, a Mona assumiu a culpa.

- Sei, dona Monaliza!
- Me chamou pelo nome? A coisa tá feia...
- Tá bom, vamos esquecer isso! Barriga solta o pagode aí!
- É para já, Miss!
- Tá vendo, Barriga, como ela tá animada?
- Namorado novo, Serginho!
- Gente, vamos acabar por aqui. Fala outra coisa aí, outro assunto!
- Sabe, devíamos coroar nossa Miss!
- É, concordo!
- Como assim?
- Podíamos soltar um pagode e te colocar uma coroa! Um desfile no busão!
- Eu vou adorar te ver assim.
- Natan? Você tava aí?
- Tava. E esse namorado novo, sou eu?

Aqueles dentes perolados brilharam como estrelas em meu cérebro. Serginho e Barriga se entreolharam, balançando a cabeça negativamente. Mona queria falar alguma coisa. E eu? Bem, eu...

- Elisa sou eu?
- É você!

Mona, Serginho e Barriga fizeram umas caretas estranhas de reprovação! Mas eu não sabia o que dizer, não podia dizer não! Mas sei lá, meus sentimentos estavam loucos.

- Isso! Sabia Elisa! Quando posso ir à sua casa?
- Não Sei. Não é sua parada?
- É. Amanhã vou lá!

Voltei do corredor do busão, com aquela cara de:

"Gente socorro"

- Elisaa! – ouvi o grito de Mona em algum lugar.
- Mona, eu sei, eu não devia...
- E não devia mesmo!
- Você não pode enganar ele, Miss!
- Serginho, eu sei. Só que fui pega de surpresa, vocês queriam que eu dissesse o quê?

- O não, era bem mais simples.
- Minha parada!
- Vou parar, Miss Busão! E juízo!
- Tá certo Barriga!

Cheguei em casa. Ufa! Em que saia justa eu estava! Ou estava paranoica, ou a fofoca tinha chegado à vizinhança, que olhava para minha barriga de um jeito muito estranho. Meu Deus, será que estou tão gorda?

Assim que entrei pelo portão, mainha e painho olhavam para mim de um jeito mais esquisito ainda.

- Elisa, temos que conversar!
- Sobre o quê?
- Entra!

Capítulo 10

Mona! Fofqueira de uma figa!

Mamãe parecia bem nervosa, já papai... Acho até que ele andou chorando!

– Filha... Que história é essa de você está grávida do Roger? Desde quando vocês namoram?

Oi? – Bem, agora eu parecia olhar a Terra de cima e aquilo não fazia o mínimo sentido. Menos ainda do que dizer que Natan era meu namorado. Ah, eu tinha que resolver isso também. O.k. Voltando ao meu corpo...

– Como assim? - Mona fofqueira de uma figa! Dei um belo engasgo!

– Grávida? Eu? Não, mãe!

– Sem mentiras mocinha!

– Mãe, eu não tô grávida! Quem inventou isso?

– O Seu Moisés se mostrou preocupado!

– Preocupado? – exagerei bem na surpresa. – Ele não pode se preocupar só com a vida dele, não?

– Filha, por favor... Seu pai está à beira de um infarto, de tão triste que está. Fale a verdade!

– Mãe, qual a dificuldade de entender: eu não estou grávida do Roger. Não namoro o Roger. Tudo o que aconteceu entre nós dois, foi que o Roger trabalha no aeroporto, e eu fui perguntar se ele viu a Mel. Bom, para minha sorte ele tinha o telefone dela, e...

– Isso você também tem!

– É mãe, mas não temos telefone. E, mesmo que tivéssemos, não daria para fazer uma ligação interurbana.

– Verdade.

– Minha filha, não está mentindo para o seu pai, está?

– Não, pai, só foi isso!

Meu pai soltou um alívio entre os dentes, e eu, um mental. Eles acreditaram na minha história! Aquela fofqueira de uma figa da Mona! Eu ia pegá-la! Ai, que raiva dela! Algumas pessoas?

Entenda bem a fofoca: ela sempre começa com um “não conta para ninguém”, e é aí que ela se espalha. É como se toda curiosidade do mundo fosse despertada quando você usa o não.

Tinha que ligar para dona Monaliza! Aquela safada ia ver só! Eu estava pronta para dar um fora!

– Mona, sua fofoqueira de uma figa!

– Amiga, calma!

– Você não tem ideia da proporção que essa sua fofoca tomou!

– O que houve?

– Mona, por causa da sua língua ferina, você fez uma tempestade acontecer aqui em casa. Meus pais acham que eu estou grávida, sua doida!

– Meu Deus!

– Viu o que a fofoca faz?

– Amiga, por favor, diz que isso não vai mudar nossa amizade!

Olha, eu poderia rejeitá-la como rejeitei a Mel. Mas Mona era Mona. Até quando ela faz bobagem, a gente perdoa!

– Não, mas olha, Monaliza, nossa amizade vai ser restrita agora!

– Restrita?

– Não vou te contar mais nenhum babado forte, tá bom?

– Ah! Não faz isso comigo, não!

– Sim, senhora! E adeus! Ou melhor, até amanhã!

Claro que falei isso por falar, Mona era minha grande amiga. Não conseguiria ficar sem contar nada a ela, mas falei isso para que ela pudesse refletir um pouco as suas ações. Quando penso que as coisas não podem ficar pior, elas dão um jeito de ficar!

– Elisaaa! Um rapaz chamado Natan está na sala. - mamãe estava gritando na porta do meu quarto.

– Ai, Jesus amado! – evoquei a santidade, por que né? Estava precisando de uma ajuda.

Diz, senhor, ele tinha que vir hoje? O que eu iria dizer?

Fui com a cara e a coragem na sala. Ele estava com aquele sorriso lindo, com aquele jeitinho dele. Gostei de ficar com ele, mas só foi isso! Ele estava tão feliz...

– Elisa, você está linda!

– Natan, precisamos conversar.

– Seu pai deixou a gente... – Tampei a boca dele antes que ele dissesse a palavra NAMORAR!

Sentei no sofá e falei tudo o que eu senti na praia. O quanto gostei do que rolou, mas precisava ser sincera com ele. Então, chamei-o para a igreja da cidade. É a igreja, gente! Existe lugar melhor para

confessar nossos segredos? Ele achou muito estranho como eu imaginava. Mas não podia vacilar, estava na igreja, onde segredos são confessados e verdades são ditas!

Respirei fundo, peguei na mão dele e contei tudo sobre o Roger, do começo ao fim, sem rodeios e mentiras. Ele simplesmente ficou mudo por um bom tempo. Tanto tempo, que comecei a achar que ele estava em choque. Mas aí, ele virou para mim, calmo, sereno e triste.

– Elisa, eu estou muito decepcionado!

– Desculpa... Eu queria gos..

– Xi... Por favor! Não se lamente! Aconteceu e eu perdi! Mas quero que você seja feliz, Miss Busão!

– Miss Busão, ainda vai continuar me chamar assim?

– Para sempre. Mesmo que você não seja minha, será sempre minha musa do ônibus! Aquela que passa na catraca e os homens que estão na janela se viram para olhar; e os que estão perto tratam de pegar as coisas, só para ter o que falar com você! Eu, o garoto que sempre a admirou, teve sua chance um dia, e essa chance foi a melhor de sua vida!

– Assim eu choro! Obrigada por compreender!

– E você por ser sincera.

Nossa, nunca imaginei que eu mexia com os homens. Estava me achando a “Juliana Paes”.

Chegando em casa, papai estava a minha espera, reclamando o quanto vulgar, eu estava sendo. Culpa de Seu Moisés e sua língua! Ele não tinha o que fazer! A não ser, ir atrás de mexericos. Às vezes, eu pensava que aquele fofoqueiro recebia salário para me vigiar!

– Quer saber, eu sou maior de idade. Pago minhas contas, e, com todo respeito, não devo nada a ninguém. Com licença!

– Tá vendo, mulher? Olha a criação dessa menina!

Eu sabia que os meus pais se irritariam comigo, mas eles tinham que aceitar que eu cresci!

Capítulo 11

Tudo se resume ao Roger

Na manhã seguinte, como sempre, estava mega atrasada, e é tipicamente nacional se arrumar bem na horinha. Não podia chegar fora do horário. Barriga me enviou uns 10 SMS de:

“Vem logo”!

Saí correndo como uma destrambelhada pela rua! Até, finalmente, entrar no meu ônibus preferido!

– E, aê, gente! Dona Lindomar, não via a senhora há um tempão!

– Estava cansada, minha filha!

– Sabe qual o cansaço dela, Miss Busão?

– Qual Serginho?

– Pegar muitos boyzinhos!

Não sei, ela não parecia cansada de pegar muito boyzinhos. Parecia mais abatida. Ou, talvez, ela estivesse ficado com raiva da gente, por tê-la chamado de criança. Mas sorri para não deixar o ambiente mais triste.

– Nada, meu filho, estava doente com uma gripe horrível!

– Miss Busão!

Escutei um grito lá no fundo, de alguém conhecido, olhei e adivinhem? Pedi licença ao Serginho e Mona, e fui andando em meio àquele povão suado. Até que, perto do lindo, maravilhoso, tinha um lugar! Não sei como ele conseguiu guardar um lugar com aquela gente toda em pé, ninguém quis sentar? Comecei a achar que ele pagou para o pessoal!

– Guardei seu lugar!

– Não tem mais carro?

– Deixei-o de molho.

– Ah, tá!

Sentei perto do sócia de Tom Cruise (aquele homem só podia ser irmão de uma estrela de cinema)

Verifiquei se tinha alguém conhecido ali, mas não. Mona olhou para mim, fiz um sinal de que ela ficasse calada.

Na nossa frente, tinha o típico cara que acredita que tá em casa. Seu celular ultramoderno tinha tudo, menos um fone de ouvido! E, ainda, cantava pagode, sertanejo, brega, forró, MPB. Um dj completo. Olhei fixamente para ele, já fui me esquentando.

– Eu fiquei muito feliz em te encontrar – determinou Roger.

– Que?

Não estava ouvindo nada, só escutava o cara cantando. De repente, o celular dele tocou e, quando eu pensava que aquela zoeira iria parar – Não. Não mesmo! –, ele começou a gritar no celular para Deus e o mundo ouvirem.

– Cuidar das crianças? Na sexta? Não, eu vou sair com minha nova namorada. Querida, eu terminei com você, lembra?

Comecei a chutar a banca do cara de propósito! Todo mundo olhando. Quem queria saber da vida dele!

– Ô, eu tô no telefone!

– E eu tô querendo conversar!

– Quem tá te atrapalhando?

– Ainda pergunta? Se toca Zé Mané, ninguém quer saber se você tem outra namorada, mas todos concordam que você é um idiota por fugir as suas responsabilidades. Então, fala mais baixo antes que seja linchado!

Ele engasgou e se tocou como estava sendo idiota. Quando voltei a olhar para o Roger, ele me fitava com reprovação! Qual é? Vai me dizer que ele estava gostando de alguém quase estourando nossos ouvidos?

– Que foi, Roger?

– Nada, não sabia que você era tão encenqueira.

– Qual o problema?

– Nenhum. Acho que eu vou descer.

Ele desceu mesmo, foi embora! Mona olhou para mim, perguntando lá de longe, o que foi que aconteceu? Para minha sorte, essa hora o ônibus estava vazio, e Mona correu rapidamente para sentar no lugar, que agora estava desocupado.

– O que deu nele? Aqui não é a parada do aeroporto.

– Não! Foi só porque eu briguei com esse cara aí da frente!

– Elisa?

– Mona, eu sou assim! Luto pelo que eu acredito que seja certo!

– É que o Roger é sofisticado, lida com várias pessoas ao mesmo tempo. E é educado.

– E eu não sou?

– Amiga... Não.

– Qual é? Eu só sou educada na minha ocupação, porque preciso daquilo. É minha sobrevivência! E, voltando a vida real, no dia a dia, se for falar cheio de frescura, o povo não obedece, não!

– Amiga, sério, isso vai dar em bronca.

– Por quê?

– Vou dizer porque gosto de você, mesmo correndo o risco de me odiar: vocês são de mundos diferentes!

Sorri. Ela estava zoando, né? Moramos na mesma rua, mesmo bairro... E, bem, a casa dele não era lá tão sofisticada assim.

– Ele é recepcionista – eu podia argumentar melhor que aquilo, mas ainda estava considerando as palavras da Mona.

– Sabe que não é só isso... Né, amiga?

– Ele é bilíngue, sei disso. E também tem uma espécie de empreendimento para turistas. Conheço esse blá blá blá!

– Vou mandar a real de novo: ele está terminado o curso de Turismo. Caiu a ficha agora?

– Ele faz faculdade? – Tá, ganhou minha atenção e me assustou.

– Faz.

– Tá sabendo mais do que eu? — debochei, mas no fundo eu tentava me colocar em meio as novidades. – Ei, Serginho, se liga nessa sua namorada!

– Por que Miss?

– Ela tá sabendo demais do meu futuro namorado!

– Ele pode saber a teoria, mas na prática é o gostosão aqui que ela quer!

Nós duas sorrimos do jeito engraçado que o Serginho falava, ele se achava. Continuava sendo o mesmo Serginho de sempre, safado, mas era meu amigo. Amigo não, amigão!

Chegou à parada, eu e Mona nos apressamos, mas chegamos bem na hora da dona Rose abrir o salão. Sorte, porque acho que se chegasse atrasada de novo, não ia voltar a pisar ali tão cedo. Dona Rose nos olhou com uma cara de:

– Coloquem o uniforme, meninas! – ela nem precisou falar, dizia isso com os olhos.

Fomos à copa conversar um pouco.

– Eu não vejo o Roger tão diferente assim...

– Amiga, ele é um pobre que age como rico!

– Como assim?

– Ele até pode está no mesmo padrão pobre que nós duas, se é que podemos dizer assim, mas ele age e pensa de outra forma!

– Quer saber Mona, ele que se dane!

– Amiga?

– É isso mesmo! Se esse cara quer ficar comigo, fique e me aceite do meu jeito!

– É isso mesmo, amiga! E o Natan?

– Ele foi super compreensivo, viu? Menino de ouro aquele!

– É mesmo, perdeste! Mas, sabe da coroação que falamos? Semana que vem a gente vai fazer isso!

– Mona!

– É isso mesmo: Miss Busão na área aí gente!

Empolguei-me e comecei a sambar, jurando que eu era uma dessas passistas de carnaval. Até dona Rose chegar e nos dá uma bronca! Que clientes tinha chegado e blá blá blá.

Fomos correndo, com um lindo sorriso no rosto, fazer duas noivas, maquiagem, manicure e tudo que elas tinham direito. Fiz uma maquiagem esfumaçada em uma delas. Na outra, Mona caprichou no visual mais “glam”. Nos lábios, delineamos com um batom cor de boca. Nas unhas fizemos francesinha. As duas ficaram lindas! Eu e Mona estávamos orgulhosas! As outras meninas chegaram e foram pegando as outras clientes, foi um dia cansativo até chegar nossa hora de sair.

Estava eufórica com essa história de me coroarem a Miss Busão oficialmente! Que malucos! Saímos e pegamos nosso predileto: o ônibus azul!

– Barriga, essa pança tá crescendo! - cheguei fazendo arruaça.

– Tá criando vida, Miss! Meu próximo filho, a mulher cansou de parir!

Dei uma gargalhada que o tiozinho da frente me encarou mal humorado. Eu hein! Ninguém pode rir não? Passei a catraca, que para meu alívio e o de Mona o ônibus estava vazio, vazio. Minha amiga deu uma piscadinha para Serginho, que retribuiu. Sentamos lá trás. Monaliza reconheceu o Roger subindo no ônibus. Meu coração deu um pulo.

– Apesar de estar morrendo de vontade de falar com ele, vou ignorar e olhar para janela!

– Amiga, ele está vindo para cá!

– Que venha!

– A briguenta não quer falar comigo? - falou sedutor.

– Não tô a fim!

Ele olhou com aqueles olhinhos apertados de novo! Ele sabia como me conquistar. Estava sentada no meio, a Mona do meu lado direito e ele sentou à esquerda e falou bem pertinho do meu ouvido:

– Tem certeza?

– Certeza eu não tenho não, mas se me dá licença, vou conversar com meu amigo Serginho.

Inventei uma desculpa e fui lá à frente, fingir que eu tinha alguma coisa para falar com o Serginho.

– Que você tá fazendo aqui, Miss Busão?

– Cala a boca, Serginho! Eu não quero ficar ali com o Roger, não! Inventei uma desculpa que tinha alguma coisa para falar com você.

– Ué? Mas não era ele que você queria namorar?

– Fala baixo!

– Mulheres, ninguém as entende!

– O problema é que ele é metido demais. Chamou-me de briguenta, vê se pode?

– Você é briguenta!

– Até você Serginho!

– Tá escutando isso Barriga?

– A lá de casa é assim também, quando bate a loucura, me manda dormir na casa do cachorro!

– Engraçadinhos!

– E não é, não, Miss Busão?

Roger estava lá de conversa fiada com a Monaliza, Serginho percebeu, e, de longe, deu seu olhar de macho alfa para demonstrar que aquela era a mina dele. Enquanto caminhava livremente pelo corredor do ônibus até chegar onde a minha amiga e o Roger se encontravam. Ele me olhou de novo, com aquele olhar apertadinho, a gola da camisa dele estava aberta, mostrando um pouco da sua sensualidade. Monaliza só faltava pegar uma tigela para cair à baba.

– Conversou com seu amigo?

– Amigo e namorado da Mona.

Não que eu achasse que ele estava dando em cima da minha amiga, mas para todo caso, era bom ficar sabendo.

– Eu apenas conversava com sua amiga, porque você sabe qual é o meu interesse maior?

Fiquei tão perplexa com aquela gola de blusa aberta, que Barriga passou por uma curva e acabei caindo para trás no corredor do busão! Só podia ser a desajeitada aqui!

Roger logo se levantou para me pegar, e Mona fez umas gesticulações de calor. Serginho de longe viu e lançou para ela um olhar de ciúmes. Mona é Mona, e ela não iria deixaria de olhar um cara gostoso porque tem namorado. Serginho lançou de novo aquele olhar. E ela deu um leve sorriso para ele e mandou um beijo. Hum! Irônica toda.

– Você está bem?

– Nossa, você se preocupa com a mal educada aqui?

– Claro que sim. Apesar de não concordar com seu jeito de ser, acredito que você pode mudar.

Mudar? Eu não queria mudar, não! Estava muito satisfeita com meu jeito de ser.

– É bom você sair do chão? Vamos sentar?

– Está bem, Roger.

– Bom, pessoal, chegou minha parada vou indo.

– Tchau Mona.

– Tchau.

– Tchau amorzinho! – falou, se referindo ao Serginho.

Eu disse. Ela era cínica!

– Não quer sair comigo?

– Quando? – disse com muito entusiasmo.

– Eu tenho ingressos para uma inauguração de uma galeria de artes, quer ir?

Ainda pergunta?

– Claro que quero!

– Ótimo!

– Quando será?

– Semana que vem, nesse mesmo horário!

– Sim.

Eu sei, semana que vem era a festa que o pessoal do busão iria fazer, mas como poderia negar o convite do Roger? Ele era uma espécie de semideus que qualquer mulher gostaria de sair. Explicaria para os meninos, eles não iriam ficar com raiva.

– É nossa parada!

Adoraria descer com ele de mãos dadas, porque ele pegou na minha mão e eu ia fazer isso... Até me lembrar das fofoqueiras! De papai e mamãe, e daquela confusão toda de gravidez!

– Não, não podemos. Vá na frente!

– Mas por quê?

– Vá na frente.

– Está bem. Entendo, não quer namorar na frente das pessoas da rua?

– Mais ou menos isso.

– Depois conversamos.

Descemos do ônibus, ele foi mais depressa na frente, para que ninguém visse a gente juntos. Mas seu Moisés – de novo esse X9 – olhou-nos no começo da rua com ar desconfiado. As fofoqueiras da rua silenciaram quando passei. Ironicamente, resolvi falar com elas no maior sarcasmo:

– Como vocês estão?

– Estamos bem, e você Maria Elisa?

– Eu estou ótima, sabe? Engordei tanto que as pessoas tão achando que tô grávida! Mas é assim mesmo né, antes engordar, feliz e bem resolvida, do que magra, mentirosa e bisbilhoteira.

Elas engoliram secas e concordaram. Na minha frente. Porque assim que virei de costas, só ouvi os burburinhos delas. Mas estava feliz, nesse meio tempo de conversa – entre eu e as fofoqueiras – Seu Moisés foi rapidinho falar com papai.

Filho de uma égua!

– Eu já disse que não estou grávida!

– Não é isso! Entra menina!

– Estamos dentro do nosso casebre. Fala, pai, o que foi?

– Seu Moisés me falou...

– De novo! Será que esse cara é contratado para me vigiar?

– Fale baixo, ainda sou seu pai! Ele me disse que viu você conversando com o Roger. Agora, me diga Elisa, você só vive falando que Seu Moisés não tem o que fazer e você vive mentindo para nós! Não venha com essa de que ele não é seu namorado, se vocês vem até juntos do trabalho.

– E se eu contasse a verdade, vocês aceitariam?

– Não.

– Tá vendo!

– Eu não aceito, Elisa, vou lá conversar com ele, para não ficar pensando que você é uma qualquer!

– Pai!

– Eu vou mandá-lo procurar uma qualquer, porque minha filha não é, não! Vocês nunca se falaram. E o Roger sempre foi metido! Querendo ser o grandão da rua, mora sozinho, e desde que estou aqui, ninguém sabe nem se ele tem família. Não fala com ninguém!

– Claro, ninguém fala com ele!

Papai era irredutível! Ninguém mudava sua cabeça. Eu iria pagar um mico! Imaginem! Papai chegando na casa do Roger com sua cabeça de 1930? Falando coisas que não fazem o mínimo sentindo. Estava nervosa, o que ele iria falar? Será que ele iria me bater?

Estava na brecha da portinha de casa, espionando! Papai veio calmo, e de longe, o Roger olhava para mim.

– O que foi que o senhor foi falar com ele?

– Tudo que falei com você!

– E o senhor está satisfeito por me separar de quem eu amo?

Amo? Soltei essa sem querer!

– Não filha, estava errado. Julguei o Roger sem saber. Ele é um bom rapaz. Trabalha e faz faculdade.

O Roger abduziu meu pai? Ele parecia o Dalai Lama! Admirava-me com a lábia do Roger, o que ele fazia para conquistar as pessoas?

– Papai, o senhor falou que ele não prestava!

– Filha, julgo demais as pessoas. Por ele ser independente, não quer dizer que ele não tenha família, e muito menos seja irresponsável.

– Então... isso quer dizer... que...?

– Podem namorar!

– Sério pai?

– Posso ir à casa dele?

– Não, senhora! Namorem aqui! Sob os meus olhos e os da sua mãe!

Podia ter notícia melhor do que essa? Mesmo papai e mamãe nos vigiando, estava ótimo! Poderia andar de mãos dadas com ele na rua e calaria a boca das fofoqueiras. Causaria inveja nas meninas do bairro. Estava numa felicidade só, tinha que dividir isso com a Mona. Liguei para ela e começamos as gritarias no celular. Minha amiga me chamou com seus apelidos carinhosos e comemoramos a notícia.

Capítulo 12

Magoando os amigos

Uns dias depois...

Fui pegar como sempre meu ônibus predileto. E, para variar, meu cartão estava bloqueado, tinha me esquecido disso. Para minha surpresa, a passagem tinha aumentado R\$ 0,30! Que assalto! Sei que não é muito, mas para nós, meros trabalhadores, isso era quase que tirar doce de criança! Olhei para cara do Serginho e disse que não tinha, porque não sabia que havia aumentado.

– Relaxa! Passa na catraca aí, que eu pago!

– Obrigada amigo!

Praticamente mergulhei na sardinha móvel que o busão estava hoje. Fui pedindo licença, porque tinha reconhecido certa senhorita! Não estava passando no corredor do ônibus, estava me espremendo! Bom, tinha dois carinhos com umas mochilas tão pesadas que, quanto passei, foram direto na minha cara! O que eles tinham ali? Chumbo?

Entre uma espremida e outra, toquei na Mona, que tinha pegado um lugar privilegiado lá trás, se é que podemos dizer assim. Ela, pelo menos, estava na janela recebendo vento, o que era raro num ônibus lotado. O único vento que o povo fazia a gentileza de soltar... Vocês sabem, já passaram por uma situação dessa. Daquele cheiro fedorento que não sai, é impressionante. Todo mundo vai embora e o busão precisa de uma lavagem e de um exorcismo!

Os caras lá de trás gritavam meu apelido, tudo para segurar minhas bolsas, eu dei né! Porque todo mundo que anda de ônibus, sabe o sacrifício de encontrar um abençoado que possa ceder seu colo para colocar as bolsas da gente.

Mona parecia que tinha brigado com o Serginho, ela só falou comigo um “oi” e nada mais, esperei o ônibus esvaziar para falar com minha amiga sobre a tal festa que eles estavam querendo fazer. Quando o ônibus estava quase vazio, começou a outra fase do busão:

”A disputa por lugares.”

Era quase um filme de ação por disputa de assentos. Gente, juro que aquele povo era mais veloz que o papa-léguas. Mona fez um sinal para eu ficar perto dela, lá tinha um lugar. A moça que estava próxima dela acabara de descer, peguei minhas coisas, e os rapazes pareciam que tinham pegado a bolsa de uma atriz famosa!

– Obrigada!

– Nada, Miss Busão. Precisando é 14523855, meu número gata!

Dei um sorriso forçado e sentei perto da Mona.

– Amiga, eu tenho uma coisa, para te falar...

– Eu também tenho.

– O que Mona?

– Eu e Serginho terminamos.

– Quê?

Não! Eles não podiam terminar. Eu amava os dois!

– Mona, não pode ser, por quê?

– Ele ficou com raiva do jeito que eu tava olhando para o Roger!

– Fala sério!

– Amiga você me conhece. É meu jeito, mas amo o Sérgio. Só que ficar assim não dá, né? Ele ficou dando faniquito por causa disso!

– Ué? Mas ele é meu namorado!

– Seu namorado?

– É. E é oficial! Ele fez uma lavagem cerebral no meu pai. É, porque papai mudou totalmente.

– Nossa, será que ele pode fazer isso com o Serginho?

Nós duas sorrimos!

– Sim, e a propósito, o negócio que vocês iram fazer de coroar a rainha dos pobres aqui, vai ter que ser adiado. Vou sair com o Roger para uma inauguração de uma galeria!

– Tá. Falando. Sério? Elisa, há tempos que eu te disse isso. Eu entendo ele é gatão, irresistível, mas falamos a você primeiro. O Barriga e a Lindomar até encomendaram doces e salgados!

– Eu sei, é que...

– É bom você falar com o Barriga, dona Lindomar e o Sérgio. Eu não vou lá na frente, não!

Mona já fechou a cara para mim, mas, gente, eu vivia mais com eles do que em outro lugar. E, com Roger,

seria a primeira vez! Dava para entender isso?

Fui na parte da frente do ônibus, conversar com a galera.

– Não dá para entender, Elisa!

– Dona Lindomar, vai ficar com raiva? Gente, falem comigo!

– Acho que é sua parada para o trabalho, não? Melhor descer. Você e a lindinha da Mona.

– Está certo, Serginho! – esbravejei.

Mona já estava triste com o fim do seu namoro. E agora, no caminho para o trabalho, durante todo dia, ela não me dirigiu uma palavra. Nem um olhar. Só queria ter um momento com o Roger e não podia ser desperdiçado! Logo agora que é oficial! Se todos me amam tanto assim, por que não querem minha felicidade? As meninas do trabalho estranharam, perguntando por que estávamos tão caladas. E, até dona Rose, estranhou, e em seguida veio tirar satisfações.

– Ei, as duas! Mona e Elisa venham aqui na copa!

Terminei a unhas da moça, e Mona também, e nos dirigimos à copa.

– O que houve? Sou abaixo à tristeza! Querem espantar as clientes? Ou querem passar a impressão que ganham pouco?

– Não!

– Não!

– Então, melhor irem!

– Ir para onde, dona Rose?

– Para casa, as duas!

– Vão! Estão aqui ainda, por quê?

Fomos embora. Peguei minha bolsinha e fomos para a parada, como de costume.

– Mona, vai ficar com raiva de mim para sempre?

Agora era eu que estava fazendo a cara de gatinho pedindo perdão.

– Não... Vem cá e dá um abraço!

– Ah! Que bom!

– Já estava triste, e ficar triste duplamente, não dá! Aliás, já fiz coisas piores e você me perdoou, mas não pense que não fiquei chateada!

– Eu sei Mona, não existe ninguém igual a você.

– Sei disso.

– Convencida!

- E aí? A tal inauguração da galeria?
- É Mona... Não sei o que vestir. Tenho que ir formal, mas como?
- Nem me pergunte, não sei nada dessas coisas de ricaço!
- Ele não é rico, Mona!
- Mas quer ser, e alguma coisa me diz que vai ser.
- Olha o ônibus, Elisa!

O coletivo tinha chegado, mas não era o nosso predileto. Era outro.

Não tinha ideia do que vestir! Fui no percurso do busão, até a minha casa, falando com Mona, até uma mulher ficar de butuca na nossa conversa, prestando atenção em cada palavra que saía da minha boca. Eu e Mona só a observávamos. Conversava, e a mulher ficava com os olhos fixos em mim, ainda dando palpites:

- Se eu fosse tu, entrava na internet e via esses sites de estilista, sabe? Para tu sair com teu homem.
- Sim, mas quem pediu sua opinião?

Estava sendo bem irônica.

- Nada ué, só falei para te ajudar.
- Não pedi sua ajuda, senhora!
- Ah! Então se lasque!

Armei minha barraca, soltei os cachorros e dei uma de macaca chita! Mas, o cobrador do busão entrevistou no pequeno início do barraco, disse que bastava. E que, semana passada, duas mulheres – amantes do mesmo homem – se encontraram no busão e foi só pancadaria!

– Nada de briga, podem ir parando, viu? Ou, se quiserem brigar, desçam e façam isso lá fora! Não quero meu ônibus sendo reconhecido por ter baixarias!

Meu Deus, será que as pessoas pensavam isso do busão do Barriga? Bom, que me lembre, até agora eu não havia feito nenhum barraco. A mulher intrometida desceu na parada. Eu hein! Precisava deixar isso para lá, afinal eu tinha uma festa para ir... Cheguei na rua e fui direto na casa do meu amado.

– Roger! – chamei.

Para minha surpresa saiu uma mulher da casa dele. Uma mulher, não, uma menina de uns treze a quatorze anos. Olhei para ela com aquele rabo de olho desconfiado! Ela era mediana e tinha os olhos dele, estranho.

- Ele tá tomando banho, vai sair hoje com a namorada dele.
- Eu sou a namorada dele!
- Ah! Desculpe, quer entrar?
- Não, estou com pressa. Mas, me desculpe, quem é você mesmo?

– Sou a irmã do Roger, Jude. Prazer!

Eu estava conhecendo a família? Huum... Isso era bom!

– Eu tô com pressa, Jude. Pode me ajudar em uma coisa?

– Em quê?

– Nos vamos para uma galeria de arte, não sei o que vestir.

– Ah! Pode ir normal.

– Normal?

– Sim, é uma exposição de fotos de vários estilos de vida.

– Eu não compreendo...

– Se quiser, vai de jeans com uma camisa polo, um tênis.

– Nossa! Tão simples assim?

– O fotógrafo é simples, detesta ostentação.

– Valeu, Jude! Depois nos falamos mais... E, prazer!

– Tchauzinho!

Não sei, achei muito estranha essa história de que o fotógrafo é simples, e que o pessoal não leva a sério. Mas, mesmo assim, fiz tudo que a minha cunhadinha do coração, mandou. Tempos depois, o Roger ligou para mim, perguntando se eu conseguiria ir sozinha, porque ele tinha que levar a Jude a algum lugar, que não compreendi direito. Talvez algum lugar de compras, não sei ao certo. Ele me deu o endereço e fui tratando de me arrumar. Mas, para os fins, dei uma olhadinha naquele celular tecnológico que a Mel me deu. Coloquei o nome da galeria para pesquisa no google, e, para minha surpresa, era preciso ir, sim, com no mínimo uma roupa de esporte fino! Jude! Que cunhada arranjei! Tratei de ligar para Mona e saber se ela tinha algum vestido para me emprestar. Mona respondeu que sim e pedi para que ela viesse me arrumar.

– Você tá linda, e essa tal de Jude, vai morrer de inveja!

– Ela fez de propósito! Quando eu chegar lá e pegar aquela vaca, ela vai ver!

– Amiga, é sua noite com o Roger. Não desperdice com a cunhada. Boa sorte!

– Obrigada!

– Cuidado amiga, não arme barraco.

Prometi de pé junto que eu não faria nenhuma cena. Fui para parada do busão, só que eu me adiantei e andei até o ponto final para ir sentada e ninguém amassar minha roupa.

“Não basta ser pobre, tem que ir a pé até o ponto final do ônibus, no horário de pico, só pra ir sentado”.

Desci na frente da galeria onde o Roger me esperava. E, claro, a minha cunhadinha do coração estava lá. Infelizmente, para tristeza dela, eu vim deslumbrante. Não estava nenhuma celebridade, mas com a roupa

certa, a maquiagem certa.

– Uau! Você tá linda!

– Obrigada.

– Esta minha irmã, Jude.

– Já nos conhecemos. A Jude foi quem me deu dicas de como vir com a roupa certa para esta ocasião, não foi Jude?

– Acho que sim.

– Então, vamos meninas?

– Vamos.

– Vamos.

Peguei no braço do meu Roger e falei baixinho no ouvido da Jude:

– Acha que me derruba? Da escola que tu veio, eu tenho até mestrado!

Sempre fui esperta. É certo que caí muitas vezes nas lábias de algumas pessoas, mas sempre saí por cima. Jude me olhou a noite inteira com cara de vingativa, planejando algo naquela mente de juvenzinha mimada. Roger acreditava que a irmã era uma espécie de Einstein, e isso me deixou preocupada. Falou o quanto ela viajou pelo mundo e que era trilingue, ganhou prêmios, atualmente estava cursando inglês em uma das Universidades dos Estados Unidos. Parecia até que a Jude disputava atenção do Roger comigo. Ela iria embora amanhã, graças a Deus!

Roger nos levou de volta e, assim que me deixou na frente de casa, demos o maior beijão. Jude ficou emburrada, mas se fingindo de santinha, pediu para me dar um abraço e me disse baixinho no ouvido:

– Você não me conhece... Eu vou, mas eu volto!

– Fofa, pode voltar que eu vou estar te esperando!

Despedi-me dos dois. Entrei em casa e tratei de acessar o chat pelo meu celular e os meninos estavam online: Serginho, Mona, Barriga, menos dona Lindomar, porque ela falava que internet era perda de tempo. Mentira, ela que não sabia mexer!

"Oi gente!"

Só a Mona respondeu: "Pessoal, vão todos ficar com raiva de mim? Para sempre? Então, não posso nem ir no meu ônibus preferido" - digitei.

"Olha, Elisa, estamos todos magoados com você. É só o senhor semideus chamar, que você vai correndo... Daqui uns dias, não vai mais nem andar com a gente"

"Serginho?"

"É isso mesmo!"

"Barriga não vai falar nada?"

"Não sei para que isso tudo, gente. Deixa a Miss Busão!"

"Obrigada Barriga! Perdoe-me, prometo na próxima vez que vocês organizarem uma festa, eu vou sem falta"

"Está bem!"— todos responderam, finalizando a conversa.

Capítulo 13

A namoradinha do Natan!

Fim de semana, graças a Deus! Já que os meninos me perdoaram, precisávamos sair. Serginho marcou de irmos a casa dele para um churrasco. Brega até demais!

"De Reginaldo Rossi à Banda Kitara"

Ele fazia questão de mostrar o seu home theater mega potente, no último volume. Acredito que do outro lado do mundo tinha gente escutando! Mona não quis vir, ficou com frescura porque era na casa do Serginho. Grande coisa! Quer dizer, na situação dela eu faria o mesmo. Mas, também, ia perder um dia inteiro com a galera, por causa de um ex?

Serginho chamou o Barriga, Lindomar, os caras que pediram meu telefone no ônibus, e até o Natan! Este, já estava feliz com uma menina que vi poucas vezes no busão. Ela era loira com uma cara de azeda! Magra, até demais! Encarava-me de um jeito muito esquisito.

Sabe aquelas pessoas que te olham da unha encravada até o último fio de cabelo? Sei não, não gostei dela. Mas o Natan parecia feliz. Eu chamei o Roger, mas ele disse que odiava brega e pagode, gostava de música mais calma. Enfim, não quis discutir, vim sozinha!

Natan se aproximou de mim e veio gentilmente me cumprimentar, talvez até para mostrar que estava também com outro alguém.

– Oi Elisa! Essa aqui é Natali, minha namorada!

Cumprimentei-a, levantando minha mão para apertar a dela, mas vichi! O povo diz que sou mal educada, mas ela nem sequer estendeu a mão, e muito menos olhou para minha cara. Minha mão já estava coçando para fazer outra coisa, que não tinha nada a ver com cumprimento.

Natan me deu um abraço e foi se sentar em uma das cadeiras que o Serginho comprou para a festa. Serginho estava lá na laje, de óculos escuros na cabeça e sem camisa. Subi para não ficar sozinha lá embaixo, onde eu só conhecia o Natan, e, de vista, aqueles caras do ônibus.

- Cadê a amiguinha, não vem não?
- Queria que ela viesse?
- Não, só perguntei.
- Sério, Não parecia.
- Mina! Não esquenta minha cabeça!
- Serginho, o Roger é meu namorado. Mona não tem interesse nenhum nele!
- Eu sei, mas por um breve momento, ela ficou lá babando por aquele otário!
- Sérgio?
- Desculpa mina, esqueço que ele é seu namorado!
- Ela te ama, amigo.
- É.
- É.
- Agora, quem é essa tal de Natali com o Natan?
- Mó gostosa, aí!
- Serginho!
- Ela vem algumas vezes no ônibus, mas agora, namorando com o Natan, ela vai vir muito mais...
- Serginho, que jeito é esse falando dessa garota?
- Jeito nenhum!
- Tá furando o olho é?

Desconfiei do jeito que o Serginho falou e continuou olhando para aquela nojentinha da Natali! Ele assava as carnes, descia, e ia logo para ela e o Natan. Tinha coisa ali! Para minha alegria, Barriga chegou somente com a esposa, que me cumprimentou de longe. Desci para falar com eles.

- Olá, que bom que vieram!
- Pelo o som, Serginho quer se mostrar mesmo hein?
- Tá vendo Barriga!
- Ele é sempre assim, agora com o fim do namoro com a Mona...
- É mesmo, Sueli!

Natali olhou Sueli de cima abaixo também. Que mulherzinha!

Barriga mandou abaixar o volume do som, porque estava alto demais. Conversei um pouco com os dois e saí. Os garotos que me deram o número de celular deles, estavam babando de longe por mim. Pediram

para que eu sentasse mais próximo. Por mim, não tinha problema. Conversei com os rapazes e ri bastante.

Os meninos do pagode chegaram, e quem quisesse dançar subisse para o pagodão. Alguns subiram, como a tal Natali com o Natan, e no final das contas ninguém ficou lá embaixo.

Natali tentava fazer amizades com o restante do povo, mas parece que quem queria um pouco da amizade dela era o Serginho. Na altura do campeonato estava começando a achar que aqueles dois tinham um caso, logo em seguida, chegaram umas caça-ratos que gritavam sem motivo nenhum e riam bem alto.

– Quem são essas Barriga?

Não faço ideia! Nunca as vi no ônibus!

E o pior, elas se insinuavam para o Serginho! Que parecia estar se achando o "Sheik das arábias".

Natali mostrou todas elas, que se achavam! Uma com shortinho horroroso. Outra com os peitos que estavam dizendo: olá! E a outra parecia que tinha pintado o corpo e não, que estava usando um vestido. Fiquei com uma vontade de ligar para Mona, mas achei que ela faria um barraco. Mona é igual a mim, com pouco de controle, mas nem tanto! Não liguei, e Barriga e Sueli também me aconselharam para que não fizesse isso.

– Mas gente, se essas garotas começaram a andar no ônibus, a Mona vai ver de todo jeito!

– Não ligue, filhota! - Barriga às vezes me chamava assim.

–Deixe ela ver por si mesma!

É mesmo, depois iam dizer que eu gostava de uma boa briga, e minha fama já não era muito boa.

Os meninos do pagode foram subindo, e com seus instrumentos, sentaram-se e tocaram o pagodão. Depois, o ritmo virou um brega romântico, que as meninas, inclusive Natali, estavam dançando junto com o Serginho. Aproximei-me do Natan, indignada por que ele estava com essa tal “Natali”.

– Vai ficar só olhando tua mulher dançar?

– Tô um pouco cansado.

– De quê?

– Andei fazendo uns shows com a turma.

– Por isso não tá cantando hoje?

– É.

– Ela parece bem... pirada. Desculpe.

– Não precisa se desculpar.

Natali percebeu que eu estava conversando com o Natan, e tratou de puxar a mão dele, insinuando que iria dançar. Ele levantou-se, e foi com ela, me deixando sozinha. Quando resolvi ir embora, a galera começou a gritar:

– Não vai embora, Miss Busão!

– Miss Busão!

– Miss Busão!

– Para ir embora, ela tem que dançar!

Gritou um dos meninos do busão, com quem conversei antes no começo da festa.

– Dança!

– Dança!

Natali e as piriguetes se morderam de ciúmes por todas as atenções estarem em mim. Os garotos pegaram seus cavaquinhos e pandeiros e começaram a tocar no ritmo do pagode:

"Ela não anda, ela desfila, ela é top, capa de revista..."

Mostrei meu requebrado! E mostrei bem, pois os meninos gritavam meu nome. Mas tinha que ir, ver meu amor, me despedi de Serginho, Barriga, Sueli e o restante, até das caça-ratos e da Natali, que não me responderam. Mas mostrei minha educação.

Capítulo 14

De médico e louco, no busão de tudo tem um pouco...

Acordei atrasada, estava naquela correria da gota para tomar banho, café, e trocar de roupa, e claro, andar desesperada pela rua. Mona me encontrou e já estava com seus carinhos para o meu lado.

– E aí bicha feia!

– Fala baranga! – Eu e Mona tínhamos um jeito lindo de demonstrar que nos amávamos.

Subi no ônibus, porque o Barriga realmente era nosso amigo e deixou que eu e Mona entrássemos pela frente. Fiquei na porta junto com uns dez pessoas ocupando o mesmo espaço. Uma hora dessas o Newton estaria se revirando pelo túmulo, porque o busão desafiava a lei da física: dois corpos ocupavam, sim, o mesmo lugar no espaço.

A quantidade de pessoas na minha frente era tão grande, que nem conseguia ver o Barriga. Aliás, até a Mona, tinha perdido de vista. Torcia para que o oxigênio ainda estivesse ali! Essa hora, minha roupinha não era a mesma, nem meu cabelo. Saía de casa como uma Miss Universo e chegava no trabalho como a noiva do Chuck!

– Vai expresso motoooooor! – falava um passageiro.

E do lado de fora, o pessoal batia no ônibus, gritando:

– Seu filho da puta! Abre essa porta! Abre! Não posso perder esse ônibus!

Barriga fez sinal negativo e foi embora, não cabia mais ninguém.

Fiquei procurando a Mona, que pelo visto, tomou chá de sumiço. Cumprimentei o Serginho, que retribuiu com um aceno, mas estava prestando atenção em outro alguém, a sonsinha da Natali em seu shortinho. Ela estava sentada bem pertinho do cobrador, e de vez em quando, se levantava e falava no ouvido dele, com suas risadas frescas. Depois, lançava aquele olhar de “caça” para o meu amigo. A minha vontade era de meter um tabefe nela para parar com aquelas risadinhas de galinha ciscando!

– Aí... Serginho, para! Não tem nem graça!

Quem não tem graça, é você minha filha! Ela só faltava abrir as pernas!

Fiquei procurando a Mona, sabia que ela estaria arretada. Com a cara enorme e super fechada, estava lá trás resmungando.

– Quem é essa caça- rato, miga?

– Não sei, sei que a vi na casa do Serginho, no dia...

– Peraí, ela estava na festa?

– Estava sim, miga.

– Esse Serginho é um filho da...

– Êpaa! Mona se aquiete!

– Olha só ela passando a mão no rosto dele e ele rindo, mas eu vou lá é pra já!

– Mona, não vá!

Era o mesmo que dizer:

“Vá”!

E ela ia desfilando, arretada, com dois quentes e dois fervendo no corredor do busão.

– Dá licença, querida!

– O que foi, Mona? Acho que nós terminamos, não? - Serginho cruzou os braços.

– Não, porque eu duvido que tu seria besta de perder esse mulherão aqui! - ela falou isso dando uma giradinha de 360° graus, que a galera gritava lá trás:

– Gostosa! Gostosa! Gostosa!

Serginho se mordeu de ciúmes, e, junto com ele, a sonsa da Natali, que olhava com aquele olhar horroroso de caça-rato invejosa! Lá trás, eu nos meus pensamentos gritávamos: toma piranha! Minha amiga é muito melhor!

– Desculpe, mas eu também tenho namorado.

– Cala boca, piriguete, que minha conversa é com ele e não contigo!

O pessoal de trás começou a gritar:

– Uuuuu! Desce, desce, piriguete!

E eu? Morrendo de rir! Imaginando como o coitado do Natan se envolveu com uma mulher daquelas? Estava torcendo para Mona dá um chega para lá na sonsinha. A cínica se levantou e ainda teve a ousadia de dar tchauzinho para o Serginho.

– Vou descendo, é a minha parada... - e ainda deu um sorrisinho para Mona, que quase ia dar um tabefe nela, quando Serginho segurou-a pelo braço.

– Não sabia que você gostava tanto de mim.

– Eu sempre gostei, mas não se ache muito não...

– Minha arte em pessoa, eu não quero ela não! Eu quero é tu, minha rainha!

– Então, tu tá pedindo para voltar?

– Meu amor, só queria ter uma certeza, e hoje você provou que me ama!

Serginho se ajoelhou perto de Mona e agarrou-a pelas pernas. Eu, bagunceira nata, gritei lá de trás:

– Volta Monaliza! E beija, né, não, pessoal?

A turma entrou na minha onda e gritou:

– Beija! Beija! Beija!

Serginho agarrou a Mona e deu um beijão de cinema, a galera do busão gritava e sorria, mas quem berrou fui eu:

– Barrigaaaaa! Nossa parada!

Descemos, e o pessoal gritando:

– Tchau, Miss Busão. Tchau, mulher do Serginho!

Ficamos sorrindo que nem duas doidas. E chegamos assim no trabalho. Dona Rose adorou nosso humor, tínhamos mais clientes do que esperávamos. Comentei com a minha amiga :

“Que dia foi aquele”?

Voltei para casa mais cedo, pois terminei o trabalho antes da Mona. Roger tinha me ligado, dizendo que ia me buscar. De longe, reconheci o carro do meu amor...

– Oi meu anjo.

– Oi meu semideus.

Ele deu uma gargalhada enorme.

– Você não vai acreditar no que aconteceu no ônibus hoje...

– Nem sei, nem quero saber. Eu não sei qual a graça que você vê nessas coisas. Nessa gente suja. Ainda bem que eu não ando mais de ônibus. E, assim que eu me formar, vou abrir minha agência e desaparecer daqui, para ir para um lugar sem esse tipo de gente.

– Mas amor...

– Olha só, sente esse ventinho batendo no seu rosto, esse espaço enorme aqui, esse ar condicionado... E você prefere o ônibus, Elisa? Pelo amor de Deus, vou te levar no médico, você tem problemas.

– Não tenho problemas nenhum! Estou muito bem, e quer saber, prefiro ir a pé a aturar sua soberba! Para o carro!

Ele estacionou o carro umas três ruas antes da nossa.

– Elisa precisa disso? - me agarrou pelo braço.

– Me solta! Não! Mas você me levou a isso. Que preconceito é esse? Me aceite do jeito que eu sou, Roger. Ou se não, não temos futuro...

Ele deu um engasgo.

– Aceitar você, significa aceitar seus amigos?

– Mas é claro, eles são parte de mim também.

– Eu não aceito, mas posso tentar mudar meu vocabulário quando falar deles.

– Espero...

Dei um abraço no Roger e um beijo no seu rosto, entrei no carro e ele me deixou em casa. Fiquei muito chateada. Não conhecia esse lado horrível do Roger, assim que cheguei em casa, a Mona estava na porta...

– Eita, que hoje tem! O homem te trazendo na porta de casa, é para casar! Tudo bom Roger?

– Tudo sim.

O Roger me deu um beijo na testa e foi para casa. Dei um gritinho, porque estava feliz pelo meu casal preferido ter voltado.

– Amiga, e aí? Conta tudo!

– Voltamos, ele já me ligou. Me deu esse vestido aqui, amiga!

– E a tal da Natali? Ele falou o que a biscate queria?

– Ela namora com o Natan né?

– Nem me fala, tenho pena dele.

– É para ter mesmo, porque segundo o Serginho, eles tiveram um lance...

– Um lance?

– Sim.

Serginho não era bobo não.

– Mas eu te juro, quando ver aquela piranha, eu...

– Vai fazer nada!

– Mas olha, se não é a rainha dos barracos me impedindo de fazer um?

– Não, Mona. É que o Serginho é apaixonado por você! Esquece aquela mulher!

– Ei, sua baranga!

- Que? O que houve?
- É amanhã o concurso!
- Que concurso mulher?
- Da Miss Busão! Remarcamos. Estou torcendo por você.
- Como vai ser isso com aquela gente toda?
- Menina, eles não vão fazer isso em horário de ponto, e, sim, no horário livre.
- E vai dar para nós irmos?
- Largaremos cedo do trabalho, deixa comigo! Eu falo com dona Rose.

Coroando a verdadeira Miss Busão

Estava no trabalho com a cabeça na festa, uma festa no ônibus? Há uns meses atrás, nunca teria imaginado que conheceria tanta gente boa.

Mona estava tentando convencer dona Rose, de sairmos cedo, minha amiga usou a desculpa de que a tia dela estava doente no hospital. Nossa patroa resmungou, resmungou, mas acabou aceitando. Só que, com uma condição: teríamos que pagar uma hora a mais de trabalho nos dois dias seguintes...

– Você tem que ver miga, como o busão tá bonito. Tudo para nossa Miss.

– E que hora ele chega nessa parada?

– Daqui a pouco.

– Quem vem?

– Dona Lindomar, Barriga, Serginho, Natan.

– Ixi!

– Ixi por que amiga?

– Quer dizer que a sonsa vai...

– Nem tinha pensado nisso. Aquela vadia desgraçada!

– Mona! Já disse, deixa isso para lá!

– Tá bom.

– Por que não chamaram o Roger?

– Na boa, amiga, a gente sabe que o Roger não vai com a nossa cara, né?

– É uma pena, queria que meus amores se dessem bem.

– Pois é. E, bom, os seus fãs né?

– Meus fãs?

– Claro uma verdadeira celebridade do momento tem que ter fãs!

Ela falava isso se gesticulando, mandando-me dar uma voltinha, e todos na parada nos olhando, achando que tínhamos problemas!

– Olha o busão aí gente!

Entrei no busão e era a primeira vez que conseguia ver ele com tanto espaço. Os meninos colocaram cachos de bolas de festa entre vários cantos do ônibus. Ele estava até cheirosinho! Havia um tapete vermelho no corredor. Quando perceberam que eu tinha chegado, dona Lindomar deu grito que quase estourou meu ouvido:

– Olha a Miss Busão aêê gente!

Todos olharam para mim, aplaudindo, estava me sentindo a maior das gostosas. Até que olhei lá no fundão, e estava a galinha ciscadora e companhia.

– Ei, não acho que deveriam coroarem ela sem um julgamento justo! Acho bom terem realmente um concurso e candidatas! Eu me candidato! - falava “a” biscate.

– Eu apoio! - dizia alguém lá de trás.

– Eu também! - falava outro.

Barriga fez uma cara de negação para o meu lado. Serginho estava azucrinando Mona, dizendo que também apoiava e ela deu um tabefe nele, que achei bem feito! Dona Lindomar disse que isso já estava combinado com todos, mas que realmente precisava ser justo.

– Então, há mais candidatas?

As caça-ratos se aproximaram e disseram que queriam participar. Barriga vetou e disse:

– Se é para ser justo, para ser a Miss Busão, as candidatas tem que ser passageiras do ônibus, e desculpem meninas, mas nunca vi vocês aqui!

Bem feito! Agora era eu e Natali disputando a atenção dos rapazes.

– Se preparem para o desfile garotas!

Serginho quase estourou suas cordas vocais, se achando o mestre de cerimônias, passei na catraca e desfilei no tapete vermelho. Ao fundo, os amigos do Natan faziam a trilha musical da:

“Pantera Cor de Rosa”

No final do desfile, fiz uma mãozinha de garra só para empolgar. A galera toda gritando meu nome, Natali estava com aquela cara de invejosa, como sempre me secando com os olhos. Desfilou bem do seu jeito, já devem imaginar qual. A galera se empolgou, mas com toda modéstia, acho que fui muito melhor.

Os meninos inventaram jurados que não poderia ser meus amigos, já que eu conhecia praticamente todo mundo do busão. Um carinha que uma vez pegou minha mochila; um senhor de meia-idade, o qual a galera chamava de velho babão; e, o terceiro, um homem alto e bem simpático. Eles estavam discutindo entre si, os votos, e colocaram no envelope a escolha de cada um. Serginho começou a dar uma de locutor de rádio e falar uma voz grossa e sensual, ele bem que tentava...

– Senhoras e senhores, estão aqui em minhas mãos, os primeiros votos de quem será nossa Miss Busão! Tchan Tchan Tchan... E ele vai para... Natali!

Ela deu um sorrisinho falso e mandou um beijo para o corno do Natan. As caça-ratos começaram com os gritinhos como se estivessem no cio...

– Aí, amiga você é a melhor... Arrasa!

Uma torcida, contrária a dela, gritavam meu nome:

– Elisa é a Miss Busão, esse título é dela e ninguém rouba!

Mona deu um empurrão em uma delas, e com a cara mais cínica, falou:

– Desculpe, eu tropecei...

– E o próximo voto, senhoras e senhores, vai para: ELISAAAA! – gritava Serginho.

O pessoal ficou eufórico e a turma do Natan parecia está mais a meu favor do que da Natali. Começaram a entrar numa espécie de batuque, estava parecendo agora uma torcida organizada de futebol. Dona Lindomar foi se chegando na parte da frente do busão, abrindo aquele bocão:

– Eiii!

– Que foi dona Lindomar?

– A velha gostosa quer desfilar....

Todo mundo caiu na risada. Ela levantava a mão, insinuando para os meninos do pagode tocarem uma música para ela dançar. Não sabia que dança era aquela, porque estava perdida nas banhas da dona Lindomar, que entregavam sua meia-idade. Mas ela me divertia e arrancou não só de mim, mas de todos, altas risadas. Inventou de descer até o chão, mas não conseguiu se levantar!

– Me levanta Barriga, para de rir de mim!

Todo mundo só conseguia sorrir, e a coitada lá, estirada.

– Dei um jeito na coluna.

Todos deram uma forte gargalhada. Serginho tratou de ajudar a coitada a se levantar, enquanto falava e ria ao mesmo tempo...

– Gente... O ÚLTIMO... Voto! Peraí, me deixa voltar ao normal... O último voto... Senhoras e senhores. Cadê a torcida da Natali? Cadê a torcida da Elisa?

Todo mundo entrando numa euforia danada.

– Tchan. Tchan...

– Vai Serginho, para de frescura! – gritou alguém do fundão.

– É de: Elisaaa!

A turma entrou num entusiasmo, querendo quebrar cadeiras. Lindomar e Mona vieram correndo me dando abraços. Serginho me levantou e me colocou nas suas costas e o pessoal todo gritando:

– Miss Busão! Miss Busão!

Natali tratou logo de jogar seu veneno com as colegas dela, Natan, de longe me aplaudindo. Ele não estava com ela e sim comigo, o que me admirou. Queria o Roger ali, mesmo sabendo que era brincadeira, adoraria dividir com ele, este momento. Pena, ele não gostar dos meninos.

– Ei Barriga!

– Fala Serginho!

– Solta o pancadão!

Pronto! Foi o momento certo para todo mundo querer descer até o chão:

"Do funk do quadrado de oito a música de brega tô topando tudo"

– Não desça até o chão, tá! - gritou um dos meninos para Lindomar, que pouco se lixou para a recomendação.

Todos começaram a dançar, agora o ônibus parecia uma boate ambulante. Alguns, mais cansados, sentaram nos bancos e começaram a saborear os doces e salgados, que Lindomar tinha trazido. As piriguetes se aproveitaram das músicas mais ousadas e começaram a se esfregar em qualquer um que desse mole. Ao perceber isso, Barriga trocou a música para um forró, antes que o busão virasse um cabaré.

Cada um procurava um par para dançar, e, eu? Sobrei, né. Alguns garotos travaram uma briga para me puxar para dança, depois de muito tempo, parece que tinha um escolhido.

– Me dá a honra Miss? – disse um rapaz moreno de cabelos castanhos.

– Claro.

Ao som de:

"Se, você, quiser, voltar... É para ser minha diversão, minha bebida, meu lanche, minha segunda opção. (Banda Garota Safada)"

O rapaz me conduzia no: dois para lá, dois para cá. Com alguns rodopios. Mesmo me divertindo, percebi que Natan não estava bem, precisava falar com ele. Despedi-me do carinha, que beijou a minha mão, e fui falar com o meu amigo.

– Natan, tá tudo bem? Parou de dançar por quê?

– Tô cansado.

Engraçado, ele sempre vivia cansado, depois que começou a namorar a sonsinha.

– E, por que você não tá com a Natali?

– Ah, Miss, é uma longa história...

Minha língua estava coçando para dizer algo, havia um anjinho e demônio dentro da minha cabeça, conta ou não conta? Conta ou não conta?

– Natan, sem querer ofender, mas você já se deu conta que a Natali é maior piranha?

Ele olhou para mim, com os olhos esbugalhados, e quando pensei que ele começaria a chorar...

– Eu sei.

Como assim, sabe? É corno manso?

– Eu só entrei nessa, com a Natali, porque depois de você, comecei a amar outro alguém que não era nenhuma das duas. Uma pessoa que mora muito longe. E fui na velha conversa de que, para esquecer um velho amor, basta um novo amor.

– Um amor à distância? Como assim? Conte-me mais...

– Um amor pela internet, mas não deu certo. Nunca poderíamos nos encontrar...

– Mesmo assim, porque essa vaca, essa mulher não te merece! Você não merece ser corno! Eu torço tanto por você!

– Miss Busão...

– Amigo, antes só do que mal acompanhado!

– Eu sei, e é por isso que acabei de terminar com ela.

– Sério? Ai que bom, quer dizer ruim... Ai, não sei!

– Foi bom!

– Natan, você sabia que ela tava de caso com o Serginho.

– Desconfiava.

– Que mulherzinha, hein? E agora, tá lá, toda assanhada para cima do seu amigo do pagode!

– Deixe-a.

Ela estava mesmo falando no ouvido de um dos rapazes da banda, risinhos de galinha... E, depois saiu um beijão, que todos que estavam dançando, olharam para ela e depois para o Natan, que abaixou a cabeça.

– Ei, amigo, você fez a coisa certa: jogou esse lixo na lata!

Ele deu um risinho.

– Ai, Elisa, não é a toa que você é tão querida...

Amava-os, cada um com suas particularidades. Dona Lindomar, aquela sem juízo! Natan e seu jeito doce de ser! Barriga, segundo pai! Serginho e seu jeito safado! Mona, grande amiga, e os demais grandes fãs. Só de pensar naqueles malucos rindo ali, se divertindo, nunca poderia imaginar ter amigos tão verdadeiros. Uma lágrima caiu do meu rosto.

– Ei, Elisa que é isso?

– Nada, Natan, é que eu amo vocês!

– Oh! Oh ! Oh!

Natan me deu um abraço bem apertado, e logo vieram os outros, querendo saber por que a Miss deles estava chorando. Todos vieram dar um abraço coletivo, menos Barriga que estava dirigindo.

Depois disso, logo voltaram a dançar, naquela loucura toda. Lindomar, como sempre, nunca ficava sozinha e já estava com o velho babão, e dando cada beijo, que eu não sei se as pessoas ficaram com nojo ou era caras de abismados mesmo.

– Cadê seu namorado, Elisa? – perguntou Natan.

– Hum! Ele é bem preconceituoso em relação aos meninos...

– Elisa, sério... Mas por quê?

– Cheio de frescura, acha o pessoal barraqueiro e...

– Peraí, então por que ele namora você?

– Natan!

– É, porque desde que eu te conheço. Aliás, desde da primeira vez que te vi, foi fazendo um barraco.

– Tem razão, eu assumo: sou barraqueira!

– Huum, é bom mesmo. Não negue suas raízes! - deu um sorrisinho.

– Jamais!

O brega estava rolando novamente, mais rápido. O esfrega-esfrega tinha começado, cada um com seus parceiros. Lindomar veio com uns docinhos e refrigerantes, para galera, que ficou retrucando por que não tinham bebidas alcoólicas.

– Nada de álcool, depois vocês começam a fazer besteira e sobra mim, né? - retrucou Barriga.

O pessoal fazia besteira sóbrio, imaginem bêbados? Naquela zuada danada, meu celular começou a tocar, era: o Roger.

– Oi amor.

– Que zuada é essa, hein?

– Tô na festa, a coroação, lembra?

– Ah, tá... Com seus amigos, sei.

– Tá com ciúmes Roger?

– Não.

– Ok, está ótimo aqui, só faltava você.

– Deus me livre, com essa gente? Povo mal educado!

Sentia-me super ofendida quando o Roger falava isso, santo moralismo!

– Tá Roger, vou aproveitar a festa aqui... Tchau!

– Tchau.

O Natan veio novamente conversar comigo.

– O que houve?

– O Roger, gosto tanto dele, mas ele não tá na mesma sintonia que eu, sabe? Ele quer que eu seja de um jeito que não sou. Tá me sufocando, Natan.

– Calma, Elisa... Se ele gosta de você, tem que te aceitar do jeito que é.

– Eu gosto tanto de vocês, não quero ver o Roger humilhando meus amigos.

– Tenho certeza que o pessoal não liga para o que ele fala.

Sei que os meninos não ligavam, mas era chato, o Roger maltratando dessa forma. Ficava dividida entre eles e o meu amor. Porém, Natan começou a me dar conselhos para tentar equilibrar.

– Não sei, Natan. Acho que eu vou terminar..

– Não! Não faça isso!

– É melhor assim, ele nunca vai se dar bem com meus amigos...

– Não Elisa, não pode deixar quem você ama para trás. Não deixe a felicidade ir embora!

– Ai, Natan.

– Hoje é seu dia, não é para você pensar essas coisas.

Natan me deu um abraço super fofo, como sempre, ele sabia me dar ótimos conselhos e acalmar meu coração. Às vezes, eu pensava... Deixa para lá...

– E aí, Miss Busão, tua festa tá chegando ao fim! - falou Lindomar, quase me afogando de tanto cuspe.

Minha coroação tinha chegado ao fim, estava todo mundo suado de tanto dançar, com aquelas caras de acabados. Barriga parou perto de casa. E eu e Mona descemos. Dei um “tchauzinho” para galera, que gritava meu nome, enlouquecida. No caminho de casa, eu e minha amiga fomos conversando, como sempre essa safada vivia enfiada lá em casa!

– Mas foi bom, não foi amiga?

– Foi ótimo, vocês são mil!

– Pena que o Roger não te viu assim, lindona!

– Ué, vai ver agora que eu ainda estou com a faixa e a coroa!

Minhas vizinhas fofoqueiras, como sempre, não perdiam tempo! Tinham que soltar a delas:

– Elisa, querida, de onde você veio?

Do inferno!

– Uma festa, sabe como é, né? Quando se têm muitos amigos, eles te fazem homenagem o tempo inteiro!

– E essa faixa?

Não tá vendo o nome não?

– É porque eu sou a “Miss” deles. Agora vou indo, que eu tenho umas coisas para fazer em casa, beijinhos! - só faltava ela perguntar qual era a cor da minha calcinha!

Ceguei em casa, tirei meus sapatos, Mona também tirou os dela, e caímos no sofá cansadas de tanta farra.

Capítulo 16

Demitida?

Procurei por papai e mamãe, e, nada! Onde será que aqueles dois se meteram? Bom, melhor para mim e para Mona, que podíamos conversar a beça...

- Ai amiga, você não sabe a felicidade que eu tive ao ver você ganhando da nojenta?
- Eu também!
- Mas que mulherzinha, hein?
- Pois é, o Natan nunca deveria ter se envolvido com ela!
- E, falando nisso, senti um clima entre vocês, ou estou errada?
- Não, a gente só estava conversando.
- Seiiii...
- É sério, Mona!
- Posso te fazer uma pergunta?
- Pode, ué...
- Se, por caso, assim, o Roger e você não tivessem mais nada, e o Natan pedisse para voltar... Você queria?
- Pôxa, que pergunta!
- Huum. Então, eu já sei a resposta!
- Ué, eu não falei nada!
- Quem cala, concede!
- Mona, não me meta em encrencas. Você sabe o quanto eu gosto do Roger, estamos bem sólidos. São cinco meses de namoro!

– É que... Amiga, de boa? O Roger é um deus grego, mas eu acho que o Natan tem mais a ver com você. Você e o Roger pensam tão diferentes...

– Você tem razão, mas...

– Esquece amiga, quando a gente se apaixona, é assim mesmo! Não adianta eu ficar falando!

Não imaginava o que estava prestes a vir, dona Rose nos telefonou, avisando que nem passasse pela frente do salão, nos chamou de tudo, menos, arroz doce. Não entendi nada, afinal ela tinha aceitado o nosso acordo, mas alguém muito mexeriqueiro avisou que estávamos faltando para farrear, e dona Rose não gostou nada! Agora, estava desempregada e dependendo do seguro-desemprego, eu e Mona. Estávamos fritas! O que eu iria fazer da vida? Como vou sobreviver depois que o dinheiro acabar? Como vou ajudar minha mãe?

– Olha Mona, se for quem eu tô pensando...

– Quem? Quem que falou isso?

– Natali! Só pode! Ela tem despeito de mim! Tinha que arranjar um jeito de acabar com minha alegria, mas aquela galinha ciscadora vai ver só!

– Amiga, peraí, não sabemos! E depois, bola para frente, eu é que não vou procurar saber o motivo de dona Rose ter nos escrachado, eu, não! Vou procurar outro emprego!

Mona tinha um orgulho danado!

– Tem alguém batendo na porta amiga...

Era o Roger, estava lá fora, me esperando. Mona, ao perceber quem era, foi se despedindo de mim, e deu um tchauzinho para o Roger rapidamente.

– Ai Roger, você não vai acreditar!

– Acreditar em quê?

– Acabei de ser despedida!

– Meu Deus, por quê?

– Bom, sabe o concurso da Miss Busão...

– Ai, tá vendo! Que é que esses seus amiguinhos fazem? Quando eu digo, você acha que estou errado e querendo seu mal.

– Não começa, Roger! Aliás, foi ótimo e não me importo desse fato ter acontecido!

– Bom, agora peça a eles emprego!

– Rogeer!

– Tudo bem, não falo mais nada!

– É bom mesmo, porque essa Miss Busão, aqui, tá louca para te dar uns beijos...

Mamãe chegou depois de termos nos beijado...

– Filha, como foi a homenagem que fizeram para você?

Ficamos envergonhados. Respondi sem graça:

– Foi ótima mãe, tudo muito lindo, quer ver as fotos?

– Quero!

Mostrei a mainha, as fotos que fizeram da festa, e ela começou a rir das fotos horríveis de Lindomar; aliás, das poses horríveis e da parte que ela caiu.

– Mãe.

– Que foi filha?

Mamãe estava chorando de tanto rir, mas precisava dizer a ela que fui demitida, antes que algum fofoqueiro se adiantasse.

– Mãe, eu fui demitida do trabalho de dona Rose...

– Como assim, filha?

– Ela não gostou de termos faltado para irmos para festa e de termos mentindo também, mesmo dizendo que iríamos pagar depois. Os dias.

– Minha filha, e agora o que você vai fazer da vida?

– Por enquanto, eu não sei...

– Mas, não se preocupe com isso. Eu e seu pai vamos trabalhar mais para ajudar você...

– Ai mãe, prometi que iria fazer isso, me sinto tão envergonhada...

– Mas, sinceramente, filha, disseram coisas horríveis de você para ela fazer isso, não?

– Disseram mãe. Claro que tem o fato de termos mentindo, mas vou descobrir quem foi.

Falei para o Roger que iria à casa dele depois. Ele olhou para mim e deu uma piscadinha. E foi embora.

– Filha, sabe quem voltou? - falou papai, assim que abriu a porta de casa.

– Quem papai?

– A Mel.

– A Mel?

– Sim, está morando de novo aqui. Acabei de falar com os pais dela, mas ela parecia diferente filha.

– Diferente? Como?

– Não sei, não vejo mais aquela menina com olhar doce... E, a propósito, eles adotaram uma menina lá, a tal de Raquel. Acho que ela tem uns doze anos por aí.

A Mel de volta! O que será que ela queria?

Fui ao mercadinho comprar umas coisas lá para casa; de repente, encontrei dona Rose, que virou as costas e começou a andar depressa, e eu também, até conseguir pegá-la.

– Por que a senhora falou daquele jeito, dona Rose, posso saber? – falei, pegando no seu braço esquerdo.

– Não!

– Por acaso, foi alguém chamado Natali, que foi falar essas coisas a senhora?

– Eu não deveria te falar, mas foi sim, essa menina me procurou, dizendo que vocês duas estavam com o uniforme do meu estabelecimento, fazendo a maior algazarra. As clientes vieram saber se eu estava criando galinhas. Mais respeito, menina, quando usar o fardamento, o nome do meu salão está sujo agora, minhas clientes têm até vergonha de entrar, eu eduquei vocês duas para fazerem isso comigo? Vocês disseram que a tia da Mona estava doente, mentirosas! Eu disse que só faltem por emergências, não para vagabundagens!

– Mas essa vaca vai me pagar! Que clientes falaram isso?

– Não sei, estavam com ela. Eu vou embora, antes que achem que também sou barraqueira. E, aliás, não quero ficar perto de você e nem de sua amiga, não confio em nenhuma das duas!

Sinto muito dona Rose, mas eu ia ser bem barraqueira quando encontrasse a Natali. Galinha ciscadora dos infernos! Agora, ela iria ver! Sabia bem onde aquilo se metia, no bar dos Zoí. Era o lugar onde mais tinha homens e com certeza a galinha estava lá.

Criando galinhas? Francamente dona Rose não sabia quem era a verdadeira galinha. Fui que nem um touro, bufando de raiva e fumaça pela boca, aquela nojenta! Ela iria ver! Iria aprender muitas coisas com minha mão.

Lá estava ela dançando a dança do acasalamento! Com as caça-ratos juntas, mas eu não tinha medo, me garantia. Estava com uma cara que demonstrava todo minha indignação. Tanto que, assim, que entrei no bar, todos olharam para mim, e as caças cutucaram a ciscadora, que virou o rosto em minha direção. Nessa hora, me senti num filme de faroeste. Os olhos de todos se voltaram para gente.

– Então, você foi inventar que estávamos com o uniforme do trabalho no dia da festa? E me entregou para minha patroa?

– Ah! Foi demitida foi?

– Calada! Eu, que tenho direito de fazer as perguntas, aqui!

Meti o dedo na cara dela, fui mostrando meu título de barraqueira.

– Vai fazer o quê?

Ela falou isso, me tocando no ombro, como se me desafiasse.

– Tu não fazes nada não!

Nunca fale isso para alguém que está com dois quentes e dois fervendo.

– Tu vai ver! Vou fazer um estrogonofe de galinha e é agora!

Nesse momento, puxei-a pelos cabelos e travamos uma luta, as pessoas do bar, em vez de nos separar, gritavam:

– Briga de gostosas!

Ela puxava o meu cabelo de um lado, e eu de outro. Caímos no chão e fiquei por cima, dando uns tabefes nela.

– Isso é para você parar de ser invejosa!

Dei outro tabefe na cara dela, minhas unhas agora estavam grandes o suficiente para eu dar um belo de um arranhão em sua cara. As caça-ratos se aproximaram e eu agora parecia uma leoa enfurecida, dei um empurrão nelas que saíram correndo. Nossa, eu estava parecendo o incrível “Huck”!

Senti alguém me puxando para não me atracar mais com a Natali. Algum homem, provavelmente, algum amante da piranha, puxou-a em sentido ao contrário do meu, acabando assim a briga. Quando me deparei...

– Mel?

– De novo se metendo em encrencas, hein menina!

O pessoal foi todo embora, assim que perceberam que a briga tinha acabado. Mel me tirou dali e foi caminhando comigo até nossa rua, ela estava calma, mas não tinha o mesmo semblante de antes, parecia mais frívola...

– Por que você foi lá?

– Eu estava passando e achei que alguém tinha que te tirar dali, apesar de que, eu não tenho essa obrigação, não sou sua amiga.

– Não preciso de favores, para depois passarem na minha cara!

– Como sempre, educada! Você devia aprender umas coisas menina!

– Agora veio passar na minha cara mesmo, né?

– Não, só desaprovo esse seu jeito de resolver com as próprias mãos. Você poderia ser presa, que nem aquele dia que quiseram te prender! Você não pode sair por aí, batendo nas pessoas!

– Claro que eu não posso sair por aí batendo nas pessoas! Mas agora aquela vaca pode ir mentir no meu trabalho e fazer com que eu seja demitida? Vou deixar por isso mesmo é? Não mesmo!

– Está bem, Elisa, esse é seu jeito não é? Acha que pode ser justiceira! Não tenho ressentimentos de você. Aliás, não voltei por isso, voltei por amar alguém.

– Amar? Quem?

– Conheci um rapaz na internet, que por coincidência mora aqui também. Decidi acabar o intercâmbio, já que eu me apaixonei. Vim aqui atrás do Natan.

Natan? Como assim? Mel sempre foi tão racional e largar tudo por uma paixão? Comecei a me lembrar

do que o Natan tinha me falado no ônibus, sobre a garota que ele se apaixonou depois de mim, a Mel? Nunca imaginaria isso!

– Mas, seus estudos?

– O intercâmbio iria acabar em uns dois meses, como me saí bem em todas as provas, meus professores acharam que não haveria problema..

– Nossa... Você e o Natan nunca imaginaria.

– Você o conhece?

– Sim, nós...

Não sei se deveria falar para Mel, que eu e Natan tivemos um envolvimento, mas achei melhor omitir, já que ele mesmo parece que não tinha mencionado nada...

– Somos amigos...

– Eu o amo, Elisa. Vim atrás desse homem com todas as minhas forças.

Nessas horas, me perguntava:

“Voltei a ser amiga da Mel”?

Ela me perdoou?

Peraí, por que estava pensando nisso? Ela é traíra, Elisa! Não presta!

– Pronto, mocinha, sã e salva...

– Mel, a gente é amiga de novo?

– Colegas, amigas não.

E ela foi embora, parecendo agora uma desconhecida.

Lá em casa, papai, mamãe, e Roger, estavam com os braços cruzados...

– Lá vem bronca!

– Não aguentamos essas suas brigas! Roger tem uma solução. - disse meu pai com sua cara de Lampião.

Como assim? Roger por acaso era meu pai? Queria um namorado, não um pai... Por que meus próprios pais não queriam solucionar nada comigo?

Eles viraram às costas, e Roger ficou lá, em silêncio, até falar alguma coisa.

– Olha, Elisa, isso não é um comportamento, você parece um bicho! Coitados de seus pais! Eles já estão velhos, me pediram para você sair daqui, então, como eu sei que você não vai ter lugar para ir, sinta-se a vontade de ir lá para casa.

– Você é meu namorado, não é meu pai! Vou falar com o Barriga, morar lá, já que ninguém me quer aqui não é?

– Como assim? Não vou admitir que você vá morar na casa do motorista de ônibus! Poupe-me, você vai

ficar aqui, comigo.

Não gostei nada do tom do Roger, mas já estava tão cansada da surra que dei na Natali, que nem me pronunciei. Aceitei a proposta dos meus pais, mas não muito bem. Eles nem olharam na minha cara, também iria ficar na mesma rua que eles, teriam que conviver comigo!

– Depois você pega as suas coisas.

– Você pega, já que agora é meu novo pai.

– Não sou seu pai, me veja como um marido...

Em outras épocas, adoraria ouvir essas palavras, mas agora a sensualidade de Roger não fazia tanto efeito em mim, aquele olhar já estava com validade vencida.

– Vamos dormir bem juntinhos.

Não fiz grande festejo com isso, mas o Roger começou a me beijar, beijar e dormimos coladinhos. Até ele quebrar o clima, no dia seguinte, com seus sermões!

– Você já está bem falada, será muito difícil alguém te dar um emprego. Sua fama de barraqueira chegou a muitos lugares.

– Ué. Eu trabalho para mim. Saiba que sei fazer um almoço divino, podia vender quentinhas com a Mona, para os amigos do ônibus, já que a maioria deles são trabalhadores. Ótima ideia! Como não pensei nisso antes?

– Como é que, é? Quentinhas?

– Sim.

– Me poupe!

– Qual o problema?

– Vender quentinhas, para aquele povinho, é muita humilhação Elisa!

– Humilhação é ser ladrão.

Roger silenciou e parou de passar as mãos nos meus cabelos, se levantou e disse que iria para faculdade. Há essa hora o coletivo estava passando, iria pegá-lo só para falar com o pessoal. Meu namorado estava tentando ir de carro, mas parece que o motor havia quebrado.

– Droga! Vou ter que ir naquele ônibus! Para onde você vai?

– Pegar o ônibus, ué..

– Para quê?

– Quero ver meus amigos...

– Eu vou com você, o carro parece que está com o motor quebrado...

Roger estava indo comigo pegar o meu ônibus, estava me sentindo muito desconfortável, já que os meninos não iam com a cara do meu namorado, nem o Roger, com a cara deles.

– E aí, Barriga?

– E aí, Miss?

Assim que entramos no ônibus, Roger olhou para Barriga como se ele fosse um concorrente seu. Acredito que aquele olhar era de ciúmes, quando Serginho percebeu que Roger estava subindo, deu um risinho e olhou para o lado, bateu levemente na catraca, com certeza aquilo também eram ciúmes do episódio com a Mona...

– Miss Busãooooooooooooo!

Aquele grito todo só podia ser dela, dona Lindomar, que estava com o velho babão ao seu lado. O velho não deixava nem ela abrir a boca, parecia mais um desentupidor de pia. Ela parecia meio bêbada, tanto que estava achando que o assento do coletivo, era uma mesa de bar.

"Garçom, aqui, nessa mesa de bar, você já cansou de escutar, centenas de casos de amor"

Cantava ela, a música de Reginaldo Rossi, todos faziam sinal de loucura com as mãos, alguns gritavam:

– Para no próximo hospício, motor!! Tem uma doida aqui!

Sorrimos e Serginho ainda continuava tirando brincadeiras, com ela, pedindo “bênção tia”, para ver se ela soltava alguma grana...

– Tô bêbada, mas não tô burra, não!!! – gritava.

Roger já estava fazendo suas caretas de sempre, procurando desesperadamente um lugar para sentar. Ele foi tão rápido atrás de um, que acredito que esqueceu até de mim!

Não havia mais lugares e meu namorado nem fez questão de dar o dele para mim, fiquei em pé, mas queria mesmo era falar com os meninos. Então, falei para ele que iria lá para frente, falar com o Serginho. Roger não disse nada, também nem dei uma de submissa.

– E aí, Serginho?

– Fala mina, quer dizer que o patrão deixou o carro na garagem e veio viajar com a classe c?

Barriga olhou para nós e deu um leve sorriso, concordando com que o Serginho disse.

– O carro tá com uns problemas aí.

– Hum... Por que ele não arruma um jatinho, já que ele é tão importante?

– Deixa isso para lá, amigo. Tenho uma coisa, para te contar: me expulsaram de casa!

– Como assim, mina?

– Porque dei uns tapas na sua ex-amante!

– Na Natali? Por quê?

– Ela inventou um monte de coisas minhas. E por despeito, perdi o emprego e a cabeça!

– Mina, tu é do barraco!

– Eu não consigo, meu sangue ferveu! E a propósito, Sérgio, o aniversário de dona Lindomar!

Aproveitei para falar da festa de Lindomar, assim que ela desceu do busão, sendo carregada pelo velho babão.

– Mesmo véi! Não organizamos nada!

– Depois nos falamos pela internet, vai que algum “zoiudo” escuta nossa conversa aqui no ônibus e vai falar para ela?

– É mesmo, depois nós falamos melhor sobre esse assunto, mas mina tenho que te falar uma coisa, tá um burburinho danado de que a gente vai entrar de greve!

– Greve?

– Sim, semana que vem! Avisa ao teu boy, né? Pode ser que o carro não esteja pronto daqui para lá. A propósito, ele acabou de descer. Vocês brigaram foi?

– Ixiii, acredita que mainha e painho mandaram eu ir morar com ele, que não me queriam mais lá. Não queriam problemas, affe! Tá um saco Serginho!

– Poxa, Miss, se eu pudesse, se meu dinheiro desse, te levava para minha casa!

– E se não namorasse, né! Você é o mesmo safado de sempre.

Ele deu uma gargalhada.

– O que tu vai fazer Miss?

– Não sei Serginho, sabe o que eu tava pensando? Em vender quentinhas...

– Boa ideia! Ei Barriga! Bem que a gente poderia dizer uns contatos do ônibus!

– Oxe, pequena, a gente te leva para integração. Tenho certeza que muitos “motor” de lá, vão adorar!

– Ai Barriga, sério? Você faria isso por mim?

– Claro.

O pessoal do ônibus estava novamente me ajudando, e o Roger ainda não gostava deles.

Na volta para casa, desci na minha parada, despedindo-me dos meninos, tive uma leve preocupação com Lindomar. Assim que o expediente dos meus amigos acabasse, iria entrar na internet e nos programarmos para a tal festinha.

Tão logo entrei na rua, as fofoqueiras ficaram num silêncio total e só falavam com os olhos, que estes me seguiam a toda parte. A minha vontade era de dar dedo do meio para trás, mas minha fama de barraqueira estava realmente me prejudicando, reconheço. Mas não deixaria de lutar pelo que acho certo. Andando mais um pouco, percebi o Natan na casa da Mel, a tal irmã adotiva também estava lá, assim que me viu, Mel fez questão de virar o rosto e continuar a conversa. Porém, Natan ao notar minha presença, deu um sorriso grande.

– Elisa?

– Oi Natan, Tudo bom? Oi Mel, como você está?

– Bem

– Bem.

– Essa é a garota, Elisa.

– Já nos conhecemos, a Mel foi minha amiga e vizinha!

– Como assim, você morava antes aqui, Mel? Como não te vi?

– É, morava, mas eu me envolvi com pessoas erradas... Então achei melhor sair.

Engoli o desaforo da Mel, porque o Roger estava me chamando.

– Tenho que ir.

– Vocês se casaram, Elisa?

– Não, só estamos morando juntos, Natan.

– É, os pais da Elisa estão velhos demais para aguentar os desaforos dela.

Queria muito saltar em cima dessa menina! E eu toda besta pensando nela, lembrando nos momentos de criança, e ela agora estava lá, frívola, sem ligar para nossa antiga amizade. Também, não quis perdoá-la, agora está aí, a nova Melzeda!

– Tava conversando com o Natan? - disse Roger, mostrando um pequeno ciúme.

– Tava, ele e a Mel estão de namorico...

Ele suspirou, aliviado.

– Peguei suas coisas...

– Obrigada. Chegou cedo da facul?

– Não teve aula, e ainda tive que andar naquele ônibus horrroso!

– Ah! Lembrei! Greve de ônibus semana que vem.

– Que droga! Agora minha vida vai passar de paraíso ao inferno!

CAPÍTULO 17

Greve! E agora?

A greve havia sido deflagrada, estava em tudo que é jornal. Roger estava odiando isso, porque com a greve, os ônibus eram reduzidos para metade, e se já não funcionavam com a frota normal, imaginem com ela reduzida?

Estava difícil, agora, para falar com os meninos e organizar a festa de Lindomar, tínhamos que apelar para o celular, marcamos que, assim que a greve acabasse, faríamos a comemoração. Estava, em casa, sozinha, arrumando a casa do Roger, lavando suas roupas, os pratos... E estava uma chatice. Liguei para Mona, já que agora estávamos desocupadas.

– Bicha safada, cadê tu? - disse ela na porta de casa.

– Tô aqui atrás... Na lavanderia! - respondi, saindo com as mãos ensaboadas; peguei a chave e abri o portão.

– Ah! Tu estás aí! Menina, aquela sua amiga Mel tá mudada né? Com o nariz todo empinado, dando altos amassos, ali, no Natan. Bom é que as fofoqueiras te esquecem...

– Estão namorando.

– Sério?

– Hum-hum, ela era a garota que o Natan tava falando.

– Mas ela mudou mesmo!

– Pois é. Aí, amiga, eu não tô aguentando ficar aqui com o Roger...

– Como assim? O gostoso não dá prestando mais?

– Não, Mona! É que o Roger me controla, age como fosse meu pai, não meu namorado, entende?

– Entendo. E teus pais?

– Nem comigo, estão falando.

– Também, né, miga, tu fica fazendo barraco gratuito. Ouvir dizer que eles perderam até contatos para fazer aquelas coisinhas de reciclagem.

- Sério?
- Seríssimo!
- Não queria isso, mas também o povo aumenta. Tem gente bem pior que eu, esse pessoal daqui também adora falar.
- Elisa, e o negócio das quentinhas, minha amiga?
- Vamos fazer, mas com essa greve fica difícil né?
- É verdade, e tem a festa da Lindomar também...
- A gente só vai fazer isso, quando a greve acabar. Apesar de que, o níver da Lindomar é antes né?
- Às vezes, eu me preocupo com ela. Sabe, ela não tem mais idade para estar vivendo como uma garotinha Elisa...
- Anda bebendo muito né...

Eu e Mona ficamos de papo por um bom tempo, depois ela me ajudou com a casa, e por último fomos assistir televisão. Até que o Roger chegou todo suado, falando trilhões de palavrões e esculhambando a mãe dos outros. Colocando sua bolsa com toda a sua força na mesa.

- Esses motoristas, querem ganhar milhões dirigindo ônibus? Isso é palhaçada! O trabalhador é quem sofre! A pessoa quer trabalhar num inferno daqueles? Quebraram janelas, um empurra-empurra, um ônibus a cada hora, onde vamos parar nesse país? Daqui a uns dias estaremos voltando à era primitiva!
- Mona se despediu de mim e foi embora. E, Roger ainda continuava com suas reclamações...

- Amanhã vai ser a última vez que eu ando nesses ônibus, peguei um dinheiro emprestado com uns amigos meus e adeus inferno!

Mudando de assunto, sentei no sofá, próximo dele.

- Roger o que você acha de eu voltar a estudar? Não sei, acho que vou fazer um cursinho para conseguir uma vaga na faculdade.
- Ótima ideia, finalmente ouviu uma coisa consciente de você!

Por acaso eu era louca o tempo inteiro?

- Como fui gostar de você, sua maluquinha? - ele se levantou do sofá e pegou uma cerveja. Sentou novamente e começou a olhar para mim.
- Não sei, só você sabe responder, não?
- Sabe o que eu tava pensando? Em oficializar isso.

Ai, meu, Deus! Ele estava falando em casamento?

- Um cerimonial pequeno, no cartório. O que você acha?
- Sei lá, Roger. Eu e você somos tão novos...

– Mas já moramos juntos...

– Não sei, vou pensar ok?

– Está bem.

Eu não queria casar, mas sei que praticamente era isso que estava acontecendo, só que estava faltando alguma coisa...

Acordei com aquela ideia fixa, de que, precisava estudar, peguei o notebook do Roger e comecei a pesquisar cursinhos pré-vestibulares. Havia umas vagas abertas, para um curso patrocinado pela própria faculdade, era gratuito. Comuniquei à Mona sobre o tal curso, mas deveríamos nos inscrever até hoje. Roger já havia saído, e tínhamos que enfrentar o ônibus e sua greve.

– Ai, amiga, eu não sei. O ônibus que vai para lá é o de Santa Helena ?- disse Mona preocupada no meu sofá.

– É.

– São poucos em dias normais, imagine agora?

Minha amiga tinha razão, mas para quem queria mudar de vida, tínhamos que correr atrás de nossos sonhos. Fomos lá, enfrentar a parada que de longe, já parecia bastante lotada. Um calor danado, que fazia a gente parecer churrasquinhos na brasa.

– Mona, que calor é esse?

– Não sei amiga.

– Há quanto tempo estamos aqui?

– Uns trinta minutos.

Já estávamos suando, tanto, que podíamos vender suor em garrafinhas. E aquela gente toda em cima, parecia provocar ainda mais calor. E nada do ônibus, já estava quase desistindo, mas por forças maiores, resolvi esperar mais. As pessoas, na parada, já estavam tão desesperadas como eu e Mona.

– A pessoa sai de casa, para trabalhar, e por conta desses motoristas e cobradores, chega tarde, e é capaz de perder o emprego! - gritava um revoltado.

– Por isso que dá vontade de quebrar tudo! - dizia outro.

– É! É! – respondiam os revoltados.

A greve estava gerando um tumulto entre os passageiros, quando o ônibus, que levaria a gente no cursinho, chegou, fazia exatamente uma hora. Assim como o Roger disse, havia tanta gente lá dentro, que difícil seria conseguir entrar, mas o pessoal entrou numa confusão, dizendo que iriam mesmo assim, porque os patrões já estavam reclamando.

Eu e Mona ficamos na porta da frente, que por sinal não conseguiria abrir mais para ninguém, nem para subir, nem descer. Pois, se não, seria gente caindo nas estradas. O motorista estava sem uniforme, com uma roupa normal e uma camisa na cabeça; o cobrador também. Dentro estava um forno, difícil também estava para sair, a porta de trás do ônibus se enroscou em uma das crianças de um senhor. Aí pronto, mais barraco!

– Abre essa porta filho de rapariga! Tem uma criança presa aqui! Se fosse seu filho, não deixava, não é?

Ele batia com toda sua força na porta, e gritava mais. Acredito, que o motorista só escutou depois, já que era tanta gritaria.

– Ora, porra! Vocês fazem greve e é o trabalhador quem paga? Era bom que governo demitisse tudinho! Abre essa merda!

Depois de muito tempo, o motorista abriu a porta, para o menino tirar a roupa, que, creio que tinha enganchado. Aí, começou a arreação do pessoal! Todo mundo batendo no ônibus, concordando com o homem, que estava reclamando sem parar. O motorista e o cobrador seguiram calados.

Estava perto da minha parada e avisei ao “motor”. Eu e Mona descemos sem pagar, era a única vantagem de pegar um ônibus lotado.

– É aqui mesmo, miga?

– É sim, Mona.

Chegamos ao prédio da faculdade que oferecia o cursinho. Quase tive um ataque, quando vi a quantidade de gente que estava lá.

– Miga, esse povo não anda de ônibus, não?

Realmente tinha muita gente. E pelas vestimentas, não eram pessoas de classe c. Quer dizer, havia algumas, sim, mas era minoria.

Pegamos uma senha na secretaria, e para nossa sorte, foram às últimas senhas do dia. O restante do pessoal teria que voltar no dia seguinte. Saímos sorridentes de lá, por termos conseguido.

Já era noite, e as pessoas da parada estavam novamente fazendo algazarra. Dessa vez, era em relação pelos motoristas decidirem que até às quatro da tarde rodariam, e depois não rodariam mais. Aí, começou as mãos nas cabeças, inclusive, eu e Mona nos desesperamos: e agora? Não tínhamos dinheiro nem para um táxi! Só estava passando um ônibus, que não sabia para onde iria. Então, resolvemos arriscar e pegar esse tal coletivo, descer em alguma parada, para ver se teríamos a sorte de pegar outro que iria para nosso bairro. O motorista parecia bastante irritado, estava correndo como se estivesse na pista de corrida:

"De velozes e furiosos"

– Tá carregando boi é motorista? – gritou um senhor lá de trás.

De repente, começamos a entrar num lugar horrroso que não sabíamos o nome. Eu e Mona olhamos uma para a outra como se estivéssemos num filme de terror, onde as pessoas se perdem e depois travam uma batalha por sobrevivência. Sentia-me muito assustada, que lugar era aquele? Esquisito, com umas estradas de barro. Ai. Meu. Deus. Para onde estávamos indo? Perguntei ao cobrador se ele voltaria para Santa Helena, porque se voltasse, daríamos um jeito de chegar ao nosso bairro.

– Moço, ele volta para Santa Helena?

– Não, ele vai para Lobato.

– Lobato?

Jesus! Estávamos longe demais! Maldita a hora que tive a bela ideia de ir nesse ônibus!

Fiquei desesperada junto com Mona, olhando as paradas e, ainda em crise, apertei a cigarra para descer na próxima. Teria alguma linha voltando? Não era possível!

O lugar era esquisito, cheio de motoboys. Começamos a andar, e eles a mexerem com a gente. Estávamos desesperadas. Andamos para o lado e para outro, perguntamos a um menino como voltar para Santa Helena.

– Ué, era só vocês esperarem esse ônibus que vocês acabaram de descer, voltar!

Eu e Mona olhamos uma para outra, querendo nos fuzilarmos! Que burrice a nossa!

– Agora, ele voltando, vai demorar e muito. Vocês podem ir para outra parada, nesse sentindo esquerdo, tá vendo ali? Daqui... uns... dois quilômetros, lá passa também um ônibus que vai para Santa Helena, mas o lugar é esquisito.

– Tá certo, obrigada moço.

Fomos andando até o tal lugar, os homens nas motos começaram a assobiar e a nos seguir.

– Ei gatinha, sobe aqui na minha garupa!

Estávamos tremendo de medo, andando para lá e para cá. Não sabíamos como pedir ajuda, aliás, sabíamos, mas para onde olhávamos, só tinha os motoboys. Nossos celulares, abençoados, inventaram de descarregar logo agora. Estava rezando para que Deus enviasse alguém, qualquer pessoa conhecida para que pudéssemos voltar para casa. Até que um carro se aproximou da gente começou a buzinar. Já estávamos com tanto medo, que começamos a andar mais depressa. E então, olhei para dentro do carro.

– Não estão me reconhecendo?

– Natan?

– Entra aí!

Obrigada Senhor!

– Ai, Natan, não sabe o alívio de ter te encontrado. Com essa greve, a gente ficou doidinha e só tava passando um ônibus, que veio para esse bairro horroroso!

Natan deu uma forte gargalhada.

- Ei! Não ri, tá?
- É que, meninas, deveriam olhar a cara de vocês!
- Ei, olha como tu fala!
- Vai dar na minha cara, Miss Barraco?
- Mas, vem cá... Como você veio parar aqui, anjo da guarda?
- Vou pegar a Mel, ela tá dando umas aulas voluntárias por aqui.
- A nariz empinado?
- Mona! - repreendi.
- Nossa, mas a Mel? Achei que ela estivesse envolvida com alguma coisa muito importante!
- Mas isso é importante, Elisa, para grade curricular dela!
- É, realmente a Mel sempre foi muito dedicada!
- E, muito Linda!

Natan falava da Mel, como se ela fosse a única mulher do mundo. E, assim que chegamos a tal escola, Mel veio caminhando, sorrindo, e, Natan parecia um idiota, olhando para ela. Quando percebeu que eu e Mona estávamos no carro, Mel mudou seu semblante. Parecia que, no seu subconsciente, ela sabia que eu e Natan tivemos algo no passado.

- Ah! Fazendo caridade amor?
- Que isso, Mel! Elisa e Mona são minhas amigas.
- Sei...

Parece que a garota que conheci, ficou para trás mesmo. O tempo todo ela fazia questão de tocar nas mãos do Natan, de dar altos risinhos. Mas a pergunta que ficou no ar foi:

“Onde o Natan arranhou aquele carro”?

- Onde você comprou esse carro Natan?
- Meu pai deu ao Natan. Afinal, não sou mulher de andar de ônibus, fala sério!
- Ah! Agora entendi porque vocês namoram... – desafiei.
- Elisa! - Mona me repreendeu.
- Não é bem assim, Elisa. Fiquei muito envergonhado com esse presente, mas a Mel insistiu tanto. Homem apaixonado perde a cabeça.

Ela agora queria transformar ele em riquinho!

- Que dizer que você não vai andar mais com a gente, Natan, no ônibus?
- Infelizmente não, meninas.

A Mel deu chá de calcinha para ele, só pode!

– Meninas são e salvas! Posso te deixar aqui também, né, Mona?

– Claro, eu e Elisa somos praticamente casadas!

Natan riu alto e Mel lançou um olhar de ciúmes para minha amizade com Mona. Despedimo-nos. Roger estava de novo lá na frente de casa, me intimidando com aqueles braços cruzados.

– Onde as moças estavam?

– Fui com a Mona no cursinho, lembra?

– Com essa greve de ônibus, nesse caos todo?

– O último dia era hoje. Não podíamos perder.

– Por que não me disse? Eu consertei o carro.

– Affe, nem me fala amor. Se não fosse o Natan, eu e a Mona tínhamos nos perdido sabe onde? No Lobato!

– Como vocês foram parar lá?

– Uma longa história... Essa greve de ônibus nos atormentou hoje.

Até que o Roger estava sendo mais gentil, não colocou uma cara feia quando eu e Mona entramos, nem nada, conversou com a gente normal. Quando comecei a contar sobre o nosso dia, ele caiu na gargalhada, assim como Natan. Jantamos juntos e tomamos umas cervejinhas, até Mona receber uma ligação do curso dizendo que as aulas iniciariam amanhã, parando nossa boa conversa.

– Amanhã? Está bem, farei o possível para comparecer. - disse desligando o celular.

– O que houve amiga?

– O curso pediu para comparecermos amanhã, para às aulas.

– Já miga?

– Sim.

Mona me deu dois beijinhos no rosto, e foi embora.

Amanhã teríamos que enfrentar, de novo, o caos que estava por conta da greve. Falei com o Roger, mas ele não poderia nos levar no horário que a coordenação avisou, mas iria nos buscar.

Estava ansiosa para começar o cursinho, cheia de planos para meu novo futuro, pensando também nas quentinhas. O Roger viria cheio de frescuras, mas ele que se dane! Não sou mulher de ser sustentada por homem!

– Tá ansiosa para amanhã? – disse ele, me tirando dos meus devaneios.

– Tô, tanto tempo sem estudar e eu sei bem a preguiça que tenho, mas vou me superar!

– Isso mesmo meu amor... Agora vem cá, me dá uns beijinhos.

Capítulo 18

Cunhadinha, surpresa!

Assim que amanheceu o dia, me levantei da cama e o Roger já tinha saído. Apressei-me para ir ao inferno e caos, e acredito, até, fim do mundo! Mona já estava na parada.

– Quanto tempo tá aqui, miga?

– Hum... Uns quarenta minutos! – disse olhando para seu relógio de pulso.

– Isso tudo?

– Pois é minha filha, e se vim, já viu né!

Mona se referia à quantidade de gente que estava na parada. Quando o ônibus de Santa Helena chegou, passou direto. Aí começou a revolta! O pessoal da parada começou ao vandalismo, quebrando os bancos e jogando pedra nos outros coletivos que passavam.

– Pago imposto para isso? Meus colegas já foram demitidos, agora quando isso acabar, se eu for demitido, quem vai me dar emprego? – gritava um trabalhador.

Começamos a ficar assustadas, andamos mais para o lado, longe das pessoas inconformadas. Ficamos lá, mofando, por mais uma hora, totalizando uma hora e quarenta minutos de espera. Já estávamos sujas, descabeladas e sem paciência, até o ônibus chegar e no mesmo imprensado de ontem, nós fomos. O motorista e o cobrador continuavam sem uniforme. O “motor” estava indo muito rápido, tanto que estava queimando as paradas, o que deixou alguns passageiros, inclusive eu, irritados.

– A parada era a outra, motorista, tás cego?

Um falou.

– Cego nada, eu não devia nem estar aqui! Se não fosse eu, vocês não estariam indo para o trabalho. Um monte de amigos meus tão de braços cruzados, eu paro onde quiser!

Isso me irritou tanto! Sei que eles estavam em greve, mas me pronuncie em defesa de todo mundo. Aliás, sempre abria meu bocão para essas coisas.

– Não Senhor! O senhor está a serviço do passageiro, o ônibus não é seu!

A galera do ônibus começou a gritar:

– É isso mesmo! Tá certa! — A essa altura o coletivo estava parecendo um vulcão em erupção, de tanto calor. Vai ver que era esse calor que estava subindo a cabeça do motorista, e até do cobrador, que estavam lavando as mãos. Quando uma passageira foi reclamar do troco, ele soltou o verbo:

– Eu nem sou cobrador, tô é de favor, aqui.

Tinha coisa mais feia, do que passar na cara do pessoal isso?

Chegamos à faculdade e tinha muitas pessoas, provavelmente a maioria tinha carro, porque eu e Mona, por pouco, não chegamos. A aula foi bastante proveitosa, o professor era bastante calmo e nos incentivava o tempo todo.

Assim que as aulas acabaram, saímos do prédio, parecia mais o apocalipse. Os ônibus estavam todos parados, sem movimentação, prejudicando quem queria passar com seus carros. Alguns motoristas quiseram levar os passageiros, mas foram impedidos por outros, que para defender os seus fins, furaram todos os pneus dos ônibus. A população estava revoltada, havia equipes de reportagem entrevistando as pessoas. Alguns passageiros fazendo sinal de time de futebol, outros dando tchauzinho para câmera, e a repórter entrevistando outros tantos.

Eu e Mona sem saber o que fazer, pois não tinha como o Roger entrar naquela rua. Liguei para ele avisando para ir para rua seguinte, e nós fomos andando até a próxima, ver se ele conseguiria passar com o carro. Esperamos o Roger uns trinta minutos ou mais para ele passar de uma rua para outra, vê se pode?

– Meninas! Vocês acreditam nisso? Eu demorei esse tempo todo para chegar aqui. O pessoal tá revoltado, tanta a população como os motoristas.

– É o fim do mundo! - Mona falou isso com uma expressão amedrontada.

Ainda bem que o Roger estava ali para nos salvar, porque não sei como voltaríamos para a casa. O caos estava realmente instaurado na cidade. Senti-me em um dos episódios de “The Waking Dead”.

Chegando em casa, foi aquele alívio. Mona foi para casa e eu tive uma surpresa: Jude tinha voltado, e junto com ela, a mãe e o pai do Roger.

– Filho!

– Mãe? Pai? Jude? Como entraram?

– Ah, meu filho, não lembra que da última vez que Jude esteve aqui, você deu uma cópia a ela?

– É mesmo.

– Irmãozinho que saudade! Saudade de você também, Elisa...

Falsa! Olhei para cara de Jude com uma vontade me engalfinhar com ela. Tinha coisa ali, da última vez que essa pestinha tinha cruzado meu caminho, as coisas não foram muito bem.

Não conhecia a mãe e o pai de Roger, eles eram bem vestidos e não passavam de seus cinquenta anos. Cumprimentaram-me normalmente, fiquei um pouco nervosa. Eles me chamaram para jantar num restaurante mega caro, japonês, e agora? Não tinha ideia de como se comia, nem como usava os palitinhos, e se vocês estivessem lá, iriam rir desse meu momento constrangedor. Comentei isso com o Roger, que me acalmou, dizendo que me ensinaria.

Chegando lá, Jude tratou de pedir o que ela queria, e como uma boa mimada, convenceu todo mundo a comer yakisoba e depois sushi. Os pais de Roger se orgulhavam dela, o quanto ela era inteligente. A pestinha parecia uma rainha soberana entre eles, aliás, uma rainha manipuladora. Com aquele olhar perverso dela, que ao mesmo tempo se passava uma falsa menina ingênua, só me observando. Quando a comida chegou, começamos a comer, dei um engasgo, porque não gostei nem um pouco do gosto. Jude tratou de me tripudiar.

– Não gostou, Elisa? Bem que eu disse, papai, era melhor irmos ao barzinho. Lá tem comida que a Elisa está acostumada!

Engasguei de novo, poderia fazer meus barracos agorinha mesmo, com o protótipo de Einstein, mas estava na frente dos meus sogros, era melhor dar aquela fingida.

– Não, é que...

– É o quê Elisa? - a diaba loira me questionou.

– Papai, a minha namorada não está acostumada com essa comida, aliás, ela nunca comeu.

– Ah! Compreensivo. Mas em cinco meses, tão pouco tempo, e já moram juntos?

Eu e o Roger estávamos ficando com muita vergonha. Eu, muito mais, estava me sentindo numa dessas entrevistas chatas de emprego, que ficam tentando, através de perguntas, traçar sua personalidade, seu caráter, sua vida, etc.

Jude estava calma e silenciosa; em alguns momentos, observei que ela dava um discreto riso. Tenho certeza que foi ela que inventou tudo, muito bem arquitetado. Quando aquele jantar terminou, os pais do Roger disseram, no carro, o real motivo dessa volta:

– Filho, seu pai faliu. - falou a mãe do Roger.

– O que? Papai, o senhor sempre foi um exemplo para mim nos negócios... Como isso aconteceu?

O pai do Roger era dono de uma rede de supermercados, mas eles cometeram um erro, gastando mais do que tinham em caixa. Então, aos poucos, foram perdendo o que restava, até fechar e se afundar em dívidas.

– Pois é filho, foi um erro que cometi. Não soube administrar direito, as dívidas foram tantas, que tive que vender nosso apartamento.

– Não ACREDITO!

– Queríamos saber se você poderia nos receber na sua casa.

– Mas é claro pai, mãe e Jude.

– É. Fazer o quê? Tenho que ficar aqui no Brasil.

– Sinto muito, Elisa, atrapalhar vocês... – disse ela, com um sorriso diabólico.

Peste! Agora tinha que me comportar ao máximo; os pais do Roger eram de uma classe mais alta, falavam devagar e se vestiam de uma forma diferente. Não sei, agora estava confusa; talvez sufocada em não ser eu mesma.

Os pais dele dormiram num quarto vago da casa, Roger se habilitou a dormir na sala.

E adivinhem com quem eu dormiria? Quem falou Jude acertou! Estava morta de raiva de toda essa situação, estávamos no quarto, dividindo agora a mesma cama; ou melhor, era o que eu pensava.

– Se pensa que eu e você vamos dividir a mesma cama, está muito enganada classe c! Eu durmo na cama e você no chão.

– Como é pirralha? Olha aqui, tu não vem, não! Essa é a minha casa.

– Sua casa, desculpe? Mas esta casa é do meu irmão e não sua!

– Você sabe que eu não vou obedecer as suas ordens?

– Sei, mas você viu muito bem que eu sei te encurralar. Sei te colocar em situações que você não consegue sair!

– Olha aqui...

– Olha aqui o quê? O que você vai fazer? Dar em mim? Bate! Mais um barraco, e você se queima com minha família e meu maninho!

– Pivete! Tu cala essa boca, porque eu não sou mulher de obedecer a pirralha!

– Rogeeeeer! – gritava ela.

– Que foi Jude? O que houve? – Roger apareceu na porta do quarto.

– Nada! Só queria te dizer o quanto sou feliz por ter a Elisa como amiga. Ela é tão bondosa, acredita que me deixou dormir na cama e ela vai dormir no chão?

– Ô amor, não precisava!

– Vou dormir na sala com você, assim a Jude fica mais a vontade, no quarto, né Jude?

Com a cara mais sonsa, ela deu um sorrisinho para o Roger. Não ia dormir com ela no mesmo quarto, sabe-se lá o que essa menina era capaz de fazer. Ia dormir com meu Roger, na sala.

– O sofá cama cabe nos dois?

– Amor, tem lugares desta casa bem menores, que couberam nos dois...

Com aquele jeito safado do Roger, ele estava me dando ideias. Estávamos lá, naquela pegação toda,

naquele espremido sofá cama.

– Filho, onde é o banheiro? Meu Deus, desculpe, atrapalhei vocês?

Claro que atrapalhou!

– Não, pai! É ali, à esquerda...

Nem namorar eu podia?

E a ladainha da greve continuava...

Eu e Mona já estávamos avexadas para ir para o cursinho, insisti para que o Roger me levasse, mas foi mesmo que não dizer nada. Os pais dele, e Jude, falavam ao mesmo tempo, e ela trouxe a irmã adotiva da Mel, a tal de Raquel, para o meio; naquela bagunça toda, não entendi o que estava acontecendo. O próprio Roger não me viu e foi embora, dando partida no carro com todos eles juntos.

– Não acredito Mona, que ele me deixou ir de ônibus de novo!

– Ah! Agora não quer mais andar de ônibus, né bicha safada?

– Claro que eu quero, mas Mona, a greve não acabou!

– Meu Deus amado é mesmo! Já são três dias né?

– É.

– Então vamos encarar amiga, sobe nesse salto que a gente chega no cursinho.

Fomos à parada, e, como sempre, havia um monte de gente reclamando, chamando bilhões de palavrões, Mona declarava de novo suas profecias!

– É o fim do mundo, amiga.

Chegou um ônibus na parada. Naquele empurra-empurra, uma senhora que tentava passar na porta da frente do busão, foi derrubada. Eu e Mona nos solidarizamos e fomos pegá-la, pois parecia que as pessoas não se tocavam do que tinham feito.

– Obrigada moças!

– É melhor a senhora esperar o próximo!

– Eu já tô esperando filha, há duas horas. Tenho que ir ao médico, mas agora não tem como ir nele mesmo...

Tivemos tanta pena dela, o seu joelho ficou um pouco arranhado e sangrando. Peguei um pedacinho de papel higiênico e água, que tinha na bolsa, comecei a limpar. Claro que eu não era nenhuma enfermeira, mas pelo menos limpei o sangue.

Já estávamos esperando tanto, o “nosso ônibus”, que resolvi ligar para o Barriga, para ver se ele quebrava meu galho.

– Barriga, me ajuda chapa! Sei que tu tá de greve, mas têm como você levar três passageiras? Eu e Mona para Santa Helena. E a senhora vai para onde?

– Perto da Praça de Julho.

– E para perto da praça de julho. Hum. Sei. Tá bom. Tchau Barriga, abraço! - desliguei o celular.

– E aí? O que ele disse, miga?

– Ele vai levar a gente.

– Mas ele pode? E a greve?

– Olha, vê só, eles tão funcionando da seguinte forma: normalmente eles dão dez voltas, né? Com a greve diminuíram para cinco, a última volta deles é agora, então vão levar os passageiros e depois a gente.

– Pô, mas o Barriga é um amigão mesmo!

– Ei, mas nada de falar isso por aí, se não o coitado leva bronca.

Esperamos uns trinta minutos a mais, e apareceu o Barriga buzinando. Ficamos aliviadas por ele ter chegado, entramos no busão e a galera me reconheceu, e começou a me chamar.

– E aí Miss Busão! Há quanto tempo hein?

– Mas vocês me amam mesmo! Só uns dias sem mim, e já ficam com saudades!

– Mas olha que amostrada Barriga!

-- Cala boca Serginho! - disse olhando bem para meu amigo.

Barriga estava com uma pressa danada, nunca o vi assim. Quando perguntei, ele me disse que estava fora do horário, ou seja, o seu horário estava no horário de outro busão da mesma linha. Quando paramos no sinal, o outro ônibus se encostou-se a nós. O motorista abriu a janela e começou a brigar com o Barriga, falava da greve e tal, mas que horário era horário. Depois que o sinal abriu, ele e Barriga entraram numa disputa quase de corrida; os passageiros estavam eufóricos.

– Mano, tô num filme de racha!

– É bom que assim eu chego no trabalho antes do cometa!

Quando o busão adversário, se é que podemos dizer assim, passava na nossa frente, os outros passageiros colocavam seus rostos na janela e davam um gritinho, como se estivessem num filme de corridas e aquilo fosse para valer! Os passageiros do busão, onde eu estava, se indignavam pois o outro ônibus estava vazio. Depois, Barriga passou na frente deles e a galera do busão começou a gritar:

– U-hu! Vamos chegar primeiro que vocês!!

Depois de toda essa agitação, Barriga fez o prometido, levou seus passageiros, e na volta, nos deixou em nosso destino. Pedi para que levasse a senhora primeiro, que ficou agradecida por termos feitos isso por ela.

– Muito obrigada, meninas. Não é todo dia que encontro jovens preocupadas com uma velha.– Nada senhora, precisando essa cambada de malucos estão sempre pronta para ajudar, viu? São feios, mas não mordem. - ela sorriu.

Os meninos do busão começaram com a arreação, pois, eu estava os chamando de feio e de cambada.

– Olha aqui, Elisa, não faz a gente passar vergonha na frente dos outros! Se a gente é cambada, tu também é, visse!

– Sou mesmo, com orgulho! - naquela euforia da gota serena, fui quase perdendo a parada. Avisei o Barriga, que deu a ré para eu descer no lugar certo.

– Sãs e salvas! Tão fazendo curso de quê? De modelo é?

– Essa é boa, Barriga! Estamos estudando para o vestibular!

– Hum... Estude mesmo, viu, filha postiça!

Dei um tchau para o Barriga e Serginho, e o pessoal do busão, gritando:

– Não demora em aparecer!!!

Despedi-me dos meninos e fui assistir à aula com Mona. O professor estava me dando muitas ideias. De vez em quando, puxava para o tal de empreendedorismo. Isso me levava à ideia das quentinhas novamente.

– Mona, a gente tem que levar essa ideia adiante!

– Claro, mas a greve tá atrapalhando tudo, e nossos clientes principais são os motoristas!

– É verdade.

Depois das aulas, tínhamos que enfrentar o busão e sua greve mesmo. Barriga não podia nos pegar de volta, seria querer demais, e depois poderíamos prejudicar o coitado.

Bem, e falar com o Roger nem pensar! Ele sabia muito bem da greve, e não me escutou porque não quis. Agora estávamos, eu e Mona, mofando na parada de novo. Já tinha perdido a hora e estava tão desanimada, que me encostei ao ponto do ônibus e Mona também. O pessoal com aquela zoeira de novo, a equipe de televisão nas ruas, e eu me escondendo para ninguém me filmar.

– Mona, vamos sair daqui!

– Que nada, miga, fica aqui para gente ser famosa!

– Que famosa, Mona! Tá vendo o caos que o pessoal tá fazendo?

Estava um chororô de menino, pessoas fazendo alardes e minha cabeça rodando que nem roda gigante.

– Senhor, manda um ônibus!

Estava de novo passando um ônibus, só indo sabe lá para onde. Eu que não ia me arriscar, Deus me livre! Até que um dos motoristas, que passou com o busão, perguntou para onde estávamos indo. Para minha sorte, a maioria das pessoas era do meu bairro, então ele decidiu nos levar ao nosso destino. E, pela primeira vez, diante da greve, vi as pessoas agradecerem ao motorista.

– Valeu motor!

– Nada! O ônibus de vocês não vai passar não! Se eu não me engano é um dos que está na estrada 11 junto com outros parando o trânsito!

Ainda bem que o senhor apareceu, moço! Abençoado seja!

Despedi-me da minha amiga e fui para casa do Roger, assim que abri a porta, dei pulinhos de alegria, pois, não tinha ninguém.

– Sozinha até que enfim!

Resolvi arrumar minhas coisas e arrumar a casa, santo cristo! Meus sogros queriam ser tanta coisa, mas eram uns porquinhos, ninguém pensou que eu iria chegar cansada? A pia cheia de pratos, parecendo uma montanha russa, as camas desforradas. Ai, valha me Deus!

Depois de arrumar tudo, resolvi tentar falar com papai e mamãe, eles tinham que falar comigo. Já estava cheia desse qui.qui.qui, fechei o portão da casa do Roger, e de longe vi papai conversando com o mexeriqueiro do Seu Moisés. Papai me viu, uma lágrima escorreu de seus olhos.

– Pai?

Ele abaixou a cabeça e o espião mestre estava lá, pelo amor de Jesus! Isso é uma conversa particular entre pai e filha.

– Podemos conversar pai? Lá dentro - falei isso, olhando bem para Seu Moisés.

Papai também queria falar comigo, senti isso. Entrei na minha casa. Ali, sim, eu podia chamar de “minha”, ou nossa casa!

– Filha me desculpe, eu não queria ter feito isso! Me perdoa meu anjo?

Ele falou isso me abraçando e chorando tanto, que até soluçava. Respondi que sim, pedi para ele que me deixasse voltar, pois, não estava aguentando mais aquela pressão de morar junto com o Roger.

– Eu sei filha, fui injusto. Sou seu pai, eu que tenho que corrigir você, mas você parece não ter controle. Uma menina tão nova, agir desta forma, você nos envergonhou!

– Eu sei pai, me perdoa também? Deixa-me voltar?

– Filha, o Roger é seu marido agora.

– Mas eu não queria pai. Não agora.

– Que decisão difícil...

– Eu sou seu pai, e se tem alguma coisa para corrigir, eu corrijo. E, se o Roger quiser morar com você, vou deixar essa decisão contigo.

– Ai! Paizinho! Obrigada! Obrigada! Você é o melhor pai do mundo! Não existe ninguém melhor do que o meu papai!

Assim que vi o Roger passar, junto com sua família e companhia, fiquei na porta de casa. De longe ele me olhou, sem entender o que eu estava fazendo ali.

– Tá fazendo o que aqui amor?

– Eu e papai nos resolvemos...

– Como assim?

– Eu vou voltar a morar aqui, Roger. Sabe, eu não tô pronta para morar com você, não agora! E papai concorda que isso não vai mudar meu caráter. Perder a compreensão de meus pais podia até me deixar pior.

– Eu não vou te obrigar, Elisa... Se. é assim que você quer....

– É, por enquanto, mas eu não tô acabando com nosso compromisso!

– Tá. Vou sentir saudade de dormir agarradinho.

Dei um abraço no Roger, também iria sentir, mas não dava né? Aquela bagunça toda, e, além do mais, não iria aguentar aquele povo todo. Não estava pronta para aquilo!

– A propósito, Roger, você me deixou enfrentar a loucura do busão de novo!

– Amor, foi mal, é que a Jude queria tanto ir à praia, que convenceu o papai e mamãe Sabe como ela é né?

Sei muito bem! Você é que não sabe!

– Oh! E como sei, amor.

– A propósito, meus tios vão dar uma festa, quer dizer um jantar, hoje á noite. Você vai né?

– Jantar? Ah! Não, da última vez não deu muito certo.

– Amor! Eu não vou sem você...

– Mas como vai ser esse jantar?

– Ah! Um jantar no salão Sofles.

– No Sofles? Então, não é um jantar, menino! É um mega evento!

– Ah! Não, amor, você vai!

Jude veio correndo, pressenti que não vinha coisa boa.

– Olha, Elisa, que vestido lindo para você usar no jantar hoje!

– Ai, amor, ela ficou toda preocupada. Quis parar nessa loja e comprou esse vestido para você.

– Comprou? Mas seus pais não tão sem grana?

– Eu comprei!

Coisa boa não era! Mas assim que abri a sacola, o vestido era lindo demais. Preto, com rendas nas costas. O que estranhei, de fato.

– Lindo não, amor?

- É lindo!
- Ah, se você não usar, eu vou ficar com muita raiva de você cunhadinha.
- Eu vou usar e, além do mais, de graça?

Fui atrás da Mel, ela era a única que podia me ajudar com esse lance de se comportar. Enfim, tive que me humilhar para traíra. Às vezes, quando queremos agradar as pessoas que amamos, fazemos coisas malucas como esta, que eu estou fazendo agora.

– Ah, fala sério! Tô namorando, Elisa. Ocupadíssima, se é que me entende! - disse ela assim que abriu a porta de sua casa.

– Mel, é rápido, eu juro. Também não queria tá aqui conversando com você, mas você é a única que pode me ajudar, se quiser cobrar, eu pago!

– Elisa? – Natan apareceu no meio da conversa.

– Oi Natan.

– Ah! Entra aí.

– Como assim: entra aí? - questionou Mel ao Natan.

– Ué amor, não terminamos o trabalho da faculdade? Podemos conversar. Elisa é muito engraçada e sinto falta da sua amizade!

– Eu também Natan.

Mel engoliu seco a mentirada dela e Natan me disse que não pagasse, que a Mel faria tudo com muito amor.

Entrei novamente naquele lugar, do qual eu tanto gostava, ao qual eu chamei várias vezes de segundo lar. Os pais da Mel não estavam, viajaram ou não sei bem.

– Quer suco Elisa? Eu fiz um suco de laranja com toque de limão, tá uma delícia! - Mel olhou para o Natan, querendo fuzilá-lo com os olhos.

Aceitei. Claro. E percebi que, na frente do Natan, a Mel fingia ser uma boa pessoa. Então expliquei a ela tudo sobre a família do Roger, do jantar, e mostrei o vestido.

– Se eles estão fazendo no Sofles, deve ser o JANTAR. É bom que você saiba comer.

– Ué, todo mundo sabe.

– Eu me refiro, Elisa, a saber usar talheres, com certeza vai ter de todos os tipos. O vestido está bonito, sim, e adequado.

– Aí! Minha namorada é um anjo, né não, Elisa?

– É.

Affe! Precisava ficar babando pela Mel daquele jeito, ele parecia um idiota. Falando todo meloso. Argh!

– Está pronta. Agora, se me der licença, eu e o Natan temos muuuuito o que fazer.

– Mas, você não vai ensinar como se comportar à mesa, amor?

– Ué, ela usa a internet. Tem tudo lá, filha!

– Amor? O que custa ajudar sua amiga?

– Desculpa, Elisa, eu vou ajudar...

Ela me ajudou na postura, os talheres... Nesse dia, a nariz empinado, como diz a Mona, voltou só por um instante a ser a minha doce Mel de antes. Mas só por alguns minutos, até ela voltar a ser esse ser que desconheço.

– Pronto, Elisa. Você está pronta... Tchau! Tchau !- disse a Mel me expulsando.

Retirei-me e fui para casa me arrumar. E, diga-se de passagem, eu estava uma gata! Fui desfilando pela rua, me achando uma Lady. As mexeriqueiras e seu Moisés me olhavam de rabo de olho. Papai, todo orgulhoso, só faltava me bajular o ano todo; mamãe chegou em casa, surpresa ao me ver lá, mas aí expliquei tudo, e ela também ficou feliz por eu estar de volta.

Cheguei à casa do Roger e estavam todos muito bem arrumados.

– Estão todos aqui?

– Sim.

Roger deu partida, se dirigindo ao salão. Estava tão apreensiva, a família do Roger não tinha mais grana, mas se comportava como se ainda tivesse. O jeito de olhar sempre para cima, tentava imitá-los, mas parecia ridícula! Então desisti.

Assim que entramos, todos pararam e nos olhavam, achei que eles fossem muito conhecidos, mas não! Era outra coisa...

– Meu vestido!

– Que? – perguntei indignada.

Uma mulher da festa começou a dizer que o vestido, que Jude tinha me dado, era dela e que tinha desaparecido dias antes da festa.

– Peraí, tia Jane, como assim seu vestido? – questionou Roger assustado.

– Sim, este vestido é meu, sobrinho! Dias antes, ele tinha desaparecido do meu quarto. Eu o quero mocinha! Vá, antes que eu denuncie para polícia!

As pessoas viviam querendo me prender...

– Peraí, tia. A Elisa não é ladra, é minha namorada! E como ela pode ter roubado um vestido que

desapareceu na sua casa, se vocês nem se conhecem? E ela não faz ideia onde você mora.

– Tem razão, mas ela deve ter comprado de quem roubou!

– Se preocupa não, dona! Você quer o vestido? Então toma!

Tirei o vestido ali mesmo. Não estava nem aí, se todo mundo me viu de calcinha e sutiã. Aquela gente que se danasse! Posso ser tudo, mas ladra? Ladra nunca! Todos estavam horrorizados comigo. Inclusive os meus sogros. A peste da Jude não ia escapar, não!

– Tá satisfeita, né? Mas tira esse riso da cara, pirralha. Só não te dou uns tabefes, porque tu não competes comigo, mas te digo uma coisa: foi ela, dona Jane, quem me deu esse vestido! Ela quem roubou! Vamos ver quem vai se encrencar!

– Prove que fui eu! Prove! - gritava a fedelha mimada.

Roger começou a falar e me defender:

– Eu fui com você Jude, mas eu lembro bem que estava com uma sacola. Com certeza dentro dela estava o vestido, e ainda pegou meu dinheiro? Por que você fez isso com a Elisa? Com a tia Jane?

Ela começou a gritar e se atirou no chão, me poupe! Ela era bem grandinha para aquilo! Roger tirou seu blazer e me cobriu, alguns fotógrafos da festa tiraram fotos minhas, fiquei pensando que amanhã, provavelmente, estaria nas manchetes de alguma coluna social.

– Mãe, pai, vou levar a Elisa para casa. Mandem Jude calar essa boca. Ela não tem mais três anos...

No carro, o caminho todo eu fiquei calada. Algumas lágrimas caíram do meu rosto, Roger calado estava, calado ficou, me levou para casa dele, para que ninguém me visse naquele estado. Colocou o carro na garagem e fechou as portas.

– Pronto, senta aqui – disse ele apontando para o sofá. – Acho que tem roupa sua no varal, vou pegar...

Passou pela minha cabeça, em terminar ali com o Roger, mas o sentimento que ainda existia em mim, não permitia.

– Amor, me perdoa. Não sabia que a Jude não gostava de você. Me perdoa?

– Esquece a Jude, só quero que a gente fique junto!

– Minha corajosa! Tirar a roupa para limpar a honra, mas só podia ser a Miss Busão!

– Agora quer me chamar assim?

– É, “minha” Miss Busão!

Começamos a nos beijar, e novamente parecíamos o casal de antes, fegoso e com fôlego para tudo, se é que me entendem.

Lindomar + festa: Loucura de montão!

Estava sentindo falta de dona Lindomar, Serginho e companhia, e não via a hora de revê-los. O aniversário de Lindomar já tinha passado, mas tratei de mandar uns sms para ela de parabéns, tudo tapeação, porque assim que vi anunciar que a greve tinha acabado, tratei de falar com todos e organizar a festa. Ela merecia o melhor.

Assim que voltei do curso com Mona, remarquei com Serginho e Barriga. Então, assim que terminasse a última volta deles, nós faríamos a nossa confraternização. Agora, o problema estava sendo como prender a Lindomar; como a fazer pegar o busão tão tarde? Porque a última volta dos meninos, hoje, era lá para onze da noite.

Liguei parar Serginho, porque sabia que aquilo lá sabia mentir e bem! Mande-o inventar uma desculpa.

– Relaxa mina! Já sei o que vou dizer, vou dizer que o Lorde pegou o busão com outra menina. Aí, ela vai se arretar!

– Lorde? Quem é Lorde?

– O namorado dela, Miss. É o cara da pipoca, o que vende a pipoca.

– Meu Deus! Mas ela não tava com o velho babão?

– Ah! Mina! Isso é passado, sabe como ela é.

– Lindomar sei não viu! Olha tudo certo?

– Sim, tudo certo. E como vocês vão arrumar?

– Arrumar o busão Serginho? Será que é algum desfile?

– É, já tivemos um realeza!

– Aí, tu sei não, viu!

– Tchou mina!

– Tchou Serginho!

Mona foi lá para casa e ficamos conversando a beça, senti falta de nossas conversas assim. Conte os babados fortes que aconteceram comigo.

– Eu já sei!

– Como assim sabe?

– Elisa, sua foto quase pelada saiu na coluna social do Fostes, o jornalista das classes altas!

– Meu Deus, vi tirando fotos, mas não imaginava!

– Tá bem aqui ô, eu trouxe título: Escândalo em festa de Jane Montes — convidada fica seminua e acaba com a festa da socialite!

– Meu Deus! Será que a família do Roger viu isso?

– Mas é claro! E tá preocupada por quê? Tu mostraste Elisa, que só porque tu és pobre, não é fraca, não, minha amiga. Eu gostei de ver! E, muito menos, ladra. Essa gente rica pensa que o quê? Por que a gente não tem dinheiro, vai roubar?

– É, mas a família do Roger...

– Que se dane, essa gente, você é assim e ponto final.

– Eu me arrumei toda, me humilhei para Mel.

– Como assim? Você foi atrás da nariz empinado?

– Fui. Desculpa Mona, mas ela entende dessas coisas requintadas.

– Sei.

– Acredita que o Natan tava lá? Ele não tem mais vida não? São praticamente 24 horas naquele lugar, precisa ver a frescura, cheio de apelidos melosos. – Fiz uma careta.

– Ah! Agora entendo porque tu foi lá, na casa da nariz empinado! PARA VER O PAGODEIRO Nataaan! - disse ela com deboche.

– Que para ver o Natan! Mona, eu precisava de uma ajuda!

– Seiiii.

– Mona você é tão cínica!

Não era pelo Natan! Para que eu queria ver o Natan? Fala sério! Queria era o meu gostoso do Roger. Já me lembrava de coisas, que não vou deixar nem um pouco explícito.

Passado um tempão, eu e Mona fomos andando até a parada.

– Bora, Miss! — gritava Barriga, eufórico, já que hoje era a festa de Lindomar.

– Olha a pipoca do Lorde da pipoca! Quem quer? É cinquenta centavos! Vai levar moça? Eu também tenho o passatempo da viagem, é só cinco centavos; levando três só paga dez centavos! Quem vai querer? Quem vai querer?

– Esse é o namorado de Lindomar, agora é? - perguntei a Serginho.

– É ele.

Ele não era velho, se vestia normal, com uma sacola cheia de pipoca e confeitos.

Mona ficou de papo com Serginho e eu enchendo as bolas sozinha. Os passageiros do busão estranharam bastante, mas acho que ele já estavam acostumados com nossas loucuras. É, já estavam! Eles me reconheciam em tudo que é canto: na feira, nas lojas de roupa. Eu era, praticamente, a celebridade do bairro. Ainda bem que eles não liam colunas sociais, o pessoal pulava para as novelas.

Fiz um cacho de bola enquanto em outro assento do busão coloquei o bolo, os salgados. E praticamente tentava me equilibrar nas curvas que o Barriga dava. Vocês devem estar pensando: mas por que diabos eles sempre fazem festas com o busão em movimento? Há uma explicação, uma vez fizemos uma festinha só entre nós, para comemorar nossa amizade, com o busão parado e aconteceu que, Lindomar trouxe todo mundo que ela viu nesse local (em especial marmanjos!). No fim das contas, fomos roubados. Lindomar ficou bêbada, caída no chão, roubaram os pneus do busão e ainda fomos levados para casa por uma equipe de resgate! Porque papai, como sempre, ficou dando berros para saberem onde eu estava! Agora não me pergunte como a empresa do busão nunca soube disso, porque eu também não sei. Mas voltando...

– Mais devagar aí, Barriga! – retruquei.

– Vou tentar filhota!

– Ei Mona, borá brincar de ajudar aqui né? Deixa o Serginho trabalhar.

– Ajudar em quê Elisa? Tá tudo pronto!

– Não custa nada segurar...

Mona parou com os namoricos e xavecocos com o Serginho, e ficou segurando as coisas enquanto eu amarrava as bolas. Quando os passageiros começaram a soltar verde:

– É festa, é? De quem? Eu quero bolo!

– Eu também!

– Pois tão tudo convidado, quem quiser ficar, é aqui mesmo! Meu povo! É festa de Lindomar, vamos todos participar!

O pessoal ficou mesmo. Se fosse outra coisa, ninguém ficava, mas como era comida de graça, todo mundo queria. Num desses balanços do busão, os doces caíram no chão, e eu sem querer, pisei em cima— Droga! Logo os brigadeiros!

– Relaxa Miss, já que a gente vai comer também, bora colaborar rapaziada! – Um dos meninos do busão começou a se movimentar e recolher dinheiro da galera.

– Ei, Motor, para aí na Doce Sonho!

– Pode deixar.

O Doce Sonho era um lugar onde tinha doces, bolos e tortas, e não é que o pessoal comprou mesmo? Os brigadeiros?

Quando voltaram para o busão, estava perto da casa de Lindomar, e Serginho já tinha telefonado. O tal “Lorde” estava lá. Já tinha vendido a pipoca todinha e o passatempo da viagem também! Bom de lábia o homem!

De longe, Barriga viu Lindomar. Aí, ele passou de propósito da parada, e foi diminuindo a velocidade, e ela toda doida, batendo no busão com os olhões pronto para pegar alguém!

– Ei, volta aqui Seu Barriga! Não cubra a safadeza, não! Volta aqui, que eu quero pegar aquele corno...

– Cadê ele? - Lindomar subiu no busão, como se preparasse para fazer um esquartejamento.

– Tás rindo né, cadê ela? Cadê tua rapariga? Que faço uma lasca de quenga agora!

Aí, nessa hora, todo mundo começou a cantar parabéns, e eu, no meio tentando me equilibrar, para não derrubar o bolo, pois o busão estava em movimento, Lindomar ficou tão emocionada que uma lágrima escorreu de seus olhos.

– Eu nunca tive uma festa.

Nunca? Coitada de Lindomar era a primeira vez que a vi triste! Mas era o níver dela, era para estar feliz. Tinha que intervir...

– Êpaa! É para ficar alegre e não triste! Ah, pode ir tirando essa lágrima no rosto, é para ficar feliz né não gente?

– É! – todos responderam.

As pessoas começaram a dar abraços e apertos de mãos na Lindomar, e depois, claro, foram atacando tudo que eu tinha deixado no banco de trás do busão. O povo estava botando doces até nos bolsos da calça. Umás moças da frente deram um pinote, que nem bala pegava! Tudo para atacar as comidas.

– Ei menino, cadê a cervejinha? Cadê o brega do esfrega?

– Nada de cerveja Lindomar! – falou Barriga repreendendo-a.

– Ei, agora ela tem que beijar o Lorde da pipoca aí! – gritava a galera.

– Ah, mas isso não precisa nem pedir!

Lindomar foi logo botando aquela língua para fora, como um lagarto, e beijava para desentupir mesmo! Não sei como é que ainda ficava passada com essas coisas dela.

Depois de dançar ao som de "Musa do Calypso", Lindomar sentou-se em um banco, e eu sentei no outro perto dela.

– Que foi Miss?

– A senhora têm parentes? É que ninguém me falou se não tinha chamado.

– Não, não tenho Elisa. Fui abandonada por minha mãe, e, anos mais tarde, pela minha única filha.

– Como assim?

– Ela queria luxo, Elisa. Não queria morar com uma velha sem classe. Faz uns dez anos, posso até ter netos e não saber...

– Mas... que tolice, Lindomar!

– Não, não é tolice Elisa, a maioria das pessoas de hoje não quer simplicidade, e sim, fortuna. E quem não tem riqueza para oferecer é considerado um nada.

Tive pena de Lindomar, sabia que tinha coisa mal contada ali, e hoje descobri. Devia ser por isso que a coitada bebia tanto; e tinha tantos namorados. Vai ver ela não queria se apegar a nenhum, para não sofrer, e acabava com eles antes que eles terminassem com ela. Mas sabem né, que com Lindomar era difícil falar sério. Logo, logo, ela saiu de perto onde estávamos, e foi atrás do Lorde, se agarrando entre beijos e amassos.

– Tira a roupa, tira roupa! - gritava as pessoas batendo palmas.

Mona e Serginho estavam lá de novo, se agarrando, até ele pegar um desses sons pequeninhos, de bateria, e colocar no pen drive as músicas podres de dona Lindomar. Aí foi que ela gostou e o povo também. Daqui a uns dias, o busão seria alugado para fazer festas em geral, porque já estava virando uma boate!

Antes de descer, Lindomar fez um discurso de agradecimento, com aquele jeitão de falar e gesticular parecia uma política, uns gritavam:

– Saí daí Lindomar! Tu agora és prefeita?

Todos riram e deram tchau quando fui embora. Assim que desci, a mãe do Roger estava na porta da minha casa, com o jornal na mão, batendo de um lado pro o outro.

– Viu só! Você manchou a reputação da coitada da minha irmã Jane! Desmoronou a festa!

– Eu, ou sua filha riquinha é uma ladra? Se acha que tirar a roupa é um escândalo, imagina ter uma filha delinquente?

Ela engoliu seco.

– E, por favor, a senhora se retire da frente da minha casa. E ainda dizem que eu sou encrueira... Ah! Faça-me o favor!

– Você não merece meu filho!

– Quem tem que dizer isso, é ele! - desafiei a megera.

As fofoqueiras saíram para a rua, para olhar o que estava acontecendo, mas a minha sogra querida tinha ido embora. Não estava nem aí para o que essa megera má pensava.

Uma nova profissão.

Com tudo pronto, eu e Mona colocamos as mãos na massa. Já tínhamos tudo: as embalagens, os ingredientes para as comidas, agora só era vender. Ligamos para o Barriga, para nos levar à integração do busão, onde venderíamos o nosso pão de cada dia, ou melhor, a nossa quentinha de cada dia. Estava bem na hora do almoço, e estávamos com expectativas de vendermos tudo. Barriga nos pegou no mesmo ponto de ônibus de sempre.

– Falei muito bem de você, Miss! – disse ele com empolgação.

– Aí Barriga, valeu! - agradecei.

– E aí? Tem quentinha para mim?

– Droga! Esquece Barriga, mas amanhã eu faço a conta certa!

– Quantas vocês fizeram filhota?

– Ah! Foram dez né Mona?

– É.

– Só isso?

– Não queríamos arriscar, vai que ninguém compra.

Ao chegar à integração, o busão foi estacionado no seu devido lugar, e aquele vuco-vuco de gente, de motoristas, cobradores, para lá e para cá aumentou. Barriga e Serginho foram logo cumprimentando alguns de seus amigos, dando abraços e apertos de mãos, e começaram a falar de mim para alguns, mas estes já tinham comprado a quentinha de alguma fulana lá, até que Mona teve uma ideia maluca.

– Como assim, Mona, ficou louca? Eu não vou fazer isso não!

– É isso, ou voltar com as comidas e jogar tudo fora!

– Tá bom – cedi. – Como eu faço isso?

– É simples: eu vou pegar a coroa, a faixa e o salto alto para o desfile, depois de te arrumar, você vai desfilando, na parte central da integração, e mostrando as quentinhas para os homens enquanto eu e Serginho fazemos a propaganda!

– Que chique, propaganda! Mas onde você vai pegar essas coisas? Que eu saiba, deixei tudo em casa.

– Que deixou em casa, o quê! Eu trouxe!

– Mona, você já tava pensando nisso antes mesmo de me consultar?

– Com certeza. Não é à toa que tirei nota máxima em marketing!

– Convencida.

– Sinto muito meninas, mas a maioria dos meus amigos, e do Serginho, já compraram! - disse Barriga, chegando na conversa.

– Deixa comigo Barrigudo! Tenho uma ideia! Amor, você fala alto né? – falou minha amiga super animada.

– Claro! E ainda pergunta, minha Mona?

– Vou precisar de você.

Mona me puxou para o banheiro da integração e começou a tirar, de uma sacola, os apetrechos que ela tinha falado: a coroa e o salto alto, e começou a me emperiquitar. Eu estava quase como no dia do desfile, apenas com um pouco de vergonha a mais... Mas, fala sério, desfilar para vender quentinhas, era mole para quem já ficou quase pelada na frente de todo mundo, e quase foi presa! Com tudo certo, saí do banheiro, e lavei minhas mãos, claro!

Comecei a desfilar com as quentinhas nas mãos, parecia aquelas garotas de venda de automóveis. Enquanto desfilava, Mona e Serginho batiam palmas como feirantes, e gritavam alto, como se tivessem engolido um microfone.

– Olha a quentinha da Miss Busão aêê gente! Quem vai querer? São só cinco reais! É a quentinha da nossa, a sua, garota do ônibus! Se você comprar, não vai se arrepender, não! Ela é deliciosaaaa! Estamos falando da quentinha, claro!

– Serginho, eu tô aqui!

– Eu sei, minha Mona!

De repente, um monte de gente começou a se aproximar por curiosidade, e depois, pela comida. Acabou tudo em menos de cinco minutos! E o pessoal queria mais, e ainda pedia para tirar foto! Perguntavam se eu voltaria amanhã.

– Vendemos tudo, Elisa!

– Ainda bem!

– Volta amanhã, volta amanhã! – gritava o pessoal.

– Eu volto, mas se vocês prometerem comprar minhas quentinhas!

– Compraremos!

Os homens ficaram enlouquecidos. Eu e Mona estávamos tirando os lucros para reposição de produto.

– Aí, Miss! Tá gostosa, a quentinha. - falou um freguês.

– Que bom, venha amanhã comprar! Quero ver hein!

Estávamos com planos para amanhã, depois do cursinho, estaríamos lá novamente. Agora tínhamos clientela! Ai, que tudo! Tínhamos um emprego novamente!

Na volta para casa, encontrei com a bruxa má – estou falando da minha sogra. Depois do episódio da tal festa, essa mulher virou minha inimiga número um.

– Então, vendedora de quentinhas?

– Ah sogrinha, desculpa... Não tem para senhora, não; mas amanhã vou fazer umas quentinhas light... Porque com a idade corta tudo né? Sal, gordura, e devia cortar narizinho empinado também né!

– Santo Deus, ainda não sei como meu filho foi se apaixonar por você. Ele devia ficar com a Mel! Aquilo sim, que é menina. O Natan está com toda a sorte do mundo! - saiu a cobra naja se rastejando.

– O Natan está com toda a sorte do mundo! – imitei-a da pior forma possível.

– Ai! Que sorte, o que! O Natan tá lá, parecendo um moribundo, por aquilo ali!

– Opa, senti ciúmes!

– Que ciúmes Mona, mas... Às vezes, acho que ela tem razão.

– Como assim?

– Eu sou... Ah! Deixa para lá. O único problema é que perdi um amigo, sinto falta dos meninos do pagode fazendo um fundo musical no busão!

– Dos meninos do pagode? Ou do Natan em especial?

– Sinto falta dele.

– Ui! Então admite que você gosta do Natan?

– Claro que gosto, ele é um amigão! Conversamos à beça, e agora, ele vive embocado lá na casa da Mel.

– Elisa, você não enxerga né?

Enxergar o quê? Não sei do que a Mona estava falando.

Minha amiga dormiu lá em casa, como de costume, fazia tempo que o Roger não me ligava. Até me telefonar bêbado sabe lá que hora da madrugada...

– Elisa! Elisa!

– Roger precisa dormir!

– Abre a porta Elisa!

– Como assim, abre a porta?

– Abreee!

Fui verificar lá fora, se ele estava me telefonando, na frente da minha casa, e realmente era verdade.

– Elisa não acaba comigo.

– Como assim, acabar?

– Mamãe disse que você era afim do Natan, que ficou enciumada com uma coisa que ela disse...

– Roger, entra, vai!

Abri a porta, e a sogra ogra já tinha plantado discórdia com o Roger! Meu Deus! Aquilo lá não tinha o que fazer mesmo! Ô mulher mal amada.

– Ô Elisa, volta a dormir comigo amor, sinto sua falta!

– Eu também, mas é melhor ficar aqui. Tá indo tudo muito cedo, não quero apressar nada amor.

– Eu tô feio né?

– Que feio! Ei! Não acredita na sua mãe! Com mil perdões, mas a sua mãe é uma filha da...

– Ei! Não fala assim, Elisa! Ela, ela, ela...

Ele não conseguiu terminar a frase e dormiu no meu colo, no sofá. Ainda bem que papai e mamãe, e nem Mona, acordaram.

No dia seguinte, acordei antes de todos, para ninguém ter a surpresa de ver o Roger ali... Mas papai acordou e me olhou com uma cara de reprovação. Estava tentando acordar o meu namorado, precisava estudar e fazer as quentinhas com a Mona. E evitar que papai o enxotasse dali, a ponta pés!

– Roger! Acorda amor.

– Não, deixa eu dormir Elisa!

– Roger, meus pais vão trabalhar. Eu vou para o cursinho com a Mona. Vamos, amor, acorda vai!

Mona acordou de repente e fazendo aquela zorra matinal.

– Boom diia! Que isso? Roger? Aí que vergonha! Vou ao quarto me trocar!- ela falou isso, porque dormiu de baby dolls, e também, como toda mortal estava com aquele cabelo!

Eu e Roger gargalhamos à beça. Depois, papai e mamãe foram se aprontando e chegaram para dar bom dia. De repente, a minha sogra querida apareceu na porta da minha casa; aliás, invadindo já! Abrindo o portão sem cerimônias.

– Ei! Filho, o que foi que você fez com ele? – falou ela, olhando em minha direção.

– Eu? Nada! Diga-me você, cobra venenosa! – desafiei.

– Filhaaa! – disse mamãe me repreendendo.

– Bom dia, senhora. O Roger dormiu aqui, porque estava muito mal ontem. Minha filha, Elisa, não quis acordá-la.

Ela olhou com um nojo para mamãe, que senti vontade de dar um tabefe naquela socialite do subúrbio! Que mulher nojenta! Olhou para nosso casebre como se fosse um covil de ratos.

– Obrigada, mas o Roger está indo embora. – Ela segurou pelo braço do Roger, e, o levou embora.

Mona, com aquela presença que ela tinha, foi se chegando e estranhando o porquê da megera ter ido embora.

– Ué? Mas a nojenta foi embora foi?

– Foi levando o Roger, como se tivesse saído da prisão.

– Um homem velho desse, e essa mulher o tratando como se fosse um bebezinho!

Papai e mamãe olharam para cara de Mona, para os seus gestos e caretas quando falava da mãe do Roger. E riram bastante.

Depois dessas maluquices todas, corremos para o cursinho. Assistimos as aulas e fomos apressadas, de novo, para casa, fazer nossas comidinhas. Mona colocava um som daqueles, que todos gostávamos, Brega! Lógico! Entre aquelas batidas, ela inventava uma dancinha e cozinava ao mesmo tempo, fizemos umas cinquenta quentinhas. É, estava bem a mais do que antes, mas pela clientela que vimos, achamos que podíamos vender tudo.

Na parada de sempre, subimos no nosso busão predileto! Barriga nos recebeu com um sorriso.

– Hoje tem para mim né?

Dei um sorriso, e balancei a cabeça afirmativamente. Mona tratou logo, como sempre, de ir lá para perto do Serginho. Assim que chegou num determinado local, subiu uma mulher super elegante no busão. Imediatamente, todos olharam para ela, como se fosse uma atriz famosa, mas, com uma cara de nojinho, ela foi logo reclamando:

– Quanta gente! Não tem lugar para sentar! Se soubesse, tinha esperado outro ônibus!

Uma mulher do banco do meio já foi logo falando:

– Aí, minha filha, pega um táxi! Aqui é aperto mesmo!

Serginho soltou uma das suas pérolas!

– Aí Barriga, é azeda, mas é gostosaaa!

Barriga deu uma risada calorosa e Mona um beliscão no braço do Serginho.

– Ai, Mona, isso dói!

Alguns passageiros, que estavam prestando atenção, começaram a rir baixinho.

– Tá vendo só, o pessoal rindo da minha cara? Ôxe!

Serginho fez uma cara de manhoso e Mona tratou logo de mudar seu comportamento, dando beijinhos, e novamente, estavam no maior love! Esses dois eram assim, entre tapas e beijos.

Quando chegamos à integração, não precisamos nem chamar atenção de ninguém. Assim que pus o meu pé no chão, uma multidão que se misturava entre passageiros, cobradores e motoristas me cercaram.

– Ei, a mina da quentinha! Aí, dá uma aí! É muito boa, nossa senhora!

– Tá falando da quentinha ou da Miss Busão? – perguntou Serginho.

– Dos dois, rapá!

Logo eles começaram a se enxerir, e pedir um beijo na bochecha, um abraço...

– Ei, tá bom de fazermos um acordo, ô Miss! - falou um cliente.

– Qual?

– Assim ó, você estipula uma quantidade, tipo: se vender sessenta, você tira uma parte da sua roupa!

– Eu não moço! O senhor tá doido?

Ele sorriu.

– Eu faço assim, hoje já vendi tudo, graças a vocês povo! Então, amanhã, se vender todas, e mais que hoje, danço brega com um de vocês!

– Aê!

– Aê!

Estava fazendo o que meu professor chama de fidelizar o cliente! É, cada um tinha seu jeito de chamar a atenção. Ficar pelada de novo, eu não!

Eles se animaram e prometeram que iriam voltar, vendemos tudo mesmo! Chegando em casa, eu e Mona estávamos contando os lucros e pensando em amanhã.

– Nossa Elisa, se eu soubesse, tinha virado vendedora de quentinha antes!

Minha amiga falava com uma empolgação! Como se fossemos crescer, ganhar mais e mais. E eu gostava da ideia.

E de repente a vida muda da água para cerveja

Já tinha se passado meses, para ser exato, uns seis. Não tinha aguentado mais ficar com o Roger. Na festa de Jude, que foi lá na rua, a menina quis parar quase todo o bairro e fez a mãe se endividar toda, para ter uma festa de luxo. Fui para agradar o Roger, a vizinhança toda ficou falando, porque não foi convidada, e porque isso e aquilo. E as mexeriqueiras da rua jogaram logo uma praga:

– Deixa, a gente não precisa dessas aí, não! Tomara que aconteçam coisas horríveis com elas. Vai que ela não consiga um buffet ou um vestido decente? Vai saber né? Não vamos morrer por causa de um pedaço de bolo! - essas mulheres tinham uma boca venenosa, e profética!

Quando cheguei à festa, as mini galinhas, amigas da pirralha mimada, estavam lá reclamando do bairro e etc. Jude estava morta de vergonha, tentando disfarçar, soltando uma conversa sem noção e mostrando a decoração. Estava um luxo e um saco, com o perdão da palavra! Quem eram aqueles cantores? Bom, a letra era legal, mas para você escutar quando tivesse querendo pensar na vida, ou tomando uns porres e se perguntando porque teu ex te deixou. Preferia um bom pagodão e um brega daqueles que Lindomar descia no chão!

De repente, quem aparece na festa? Mel e Natan. Tinha me esquecido que a menina, que os pais da Mel adotaram, era amicíssima da diaba loira. E, além do mais, Mel fazia questão de mostrar sua mão direita, com um pneu no meio dos dedos. Natan, com aquela cara de abestalhado, junto dela. Ai, era um saco ver eles dois juntos! Até que Mel se chegou perto de nós e sentou-se à mesa, onde eu estava com o Roger, claro para se amostrar.

– Ei Roger!

– Oi Mel, tô vendo que vocês tão a um passinho de ir para o altar!

Desde quando aqueles dois eram tão íntimos?

– E você e Elisa, não vão casar? Você já se formou na faculdade, o que falta Roger? Ah! Falta a Elisa ter um pouco de estudo, né amiga? Já se inscreveu no vestibular?- disse irônica.

– Já me inscrevi siim!

– Que bom, boa sorte!

– É Elisa, boa sorte!

– Obrigada Natan.

E ela foi embora, com aquele nariz empinado, enquanto conversava com os convidados da festa, de vez em quando, passava a mão no rosto para o pessoal ver que ela estava noiva. Fala sério! Para o horror de Jude, e propositalmente planejado por mim, convidei a Mona, Serginho, Barriga e dona Lindomar. Quando os meninos chegaram na festa, causaram espantos na Jude e quase matei minha sogra querida com um infarto!

Mona vinha vestida com um vestido minúsculo, deixando suas carnes para fora; Barriga veio normal junto com o Serginho, e Lindomar... Bom vocês devem imaginar! Dona Lindomar veio com um short mostrando suas inúmeras varizes com uma blusa brilhosa e um óculos na cabeça, e mais um monte de anéis no dedo. Para que óculos escuros de noite, me digam mesmo?

– Que isso meu Deus? Tô no inferno dos pobres é isso? – falou a megera, inconformada com o meu presente de grego.

Fiz sinal para os meninos, chamando-os para minha mesa. Todo mundo olhando para eles, até o momento que sentaram .

– Elisa, tá todo mundo olhando para gente, bicha safada!

– Relaxa! Esse povo nunca viu gente bonita!

Serginho e Barriga se entreolharam e não gostaram de ficar perto do Roger, até o próprio Roger falou baixinho no meu ouvido:

– Que isso hein? Tá querendo matar minha mãe?

Dei uma risada alta, até todos perceberem o meu sarcasmo.

– Amiga que festa ruim é essa? Desculpa Roger, mas que tiquinho de comida é esse, meu Jesus? E que música é essa? Música de enterro! – desabafou Mona.

Todos riram menos o Roger. Mel veio novamente a nossa mesa reclamar que estávamos fazendo muita zuada, e a mãe do Roger não estava gostando, nem tão pouco a Jude.

– Ué, nariz empinado, desculpa Roger, mas sua mãe não tem boca, não é? – minha amiga falou com sinceridade.

– Ter ela tem, gordura trans! Mas ela não vai gastar saliva com gente insignificante como vocês! – Mel jogou os cabelos para trás.

– Gordura trans? Tá me chamando de gorda? Tu vai ver o que é a gorda!

Mona, com aquela presença que tinha e aqueles seios fartos que Deus lhe deu, deu um chega para lá em cima da Mel, que caiu em uma mesa próxima a nossa.

– Me chama de gordura trans, de novo, que te mostro com quantas carnes se faz essa gostosa aqui!

– Arrasou minha gata! - Serginho alvoroçado, aplaudindo Mona e dando um beijo bem colado.

Depois disso, veio à megera, a filha má e meu namorado.

– Olha aqui, Elisa, não vou permitir que você e seus amigos façam uma baderna na festa da minha irmã! Escolhe: essa gente ridícula ou eu, você tá ouvindo?

– Tô... Agora também quero falar: senhores escutem uma coisa: essa menininha aí, com cara de anjo, roubou o vestido da tia e tentou me incriminar por isso. A mãe é uma super preconceituosa e uma falida, e o filho também é um mega preconceituoso! Isso aqui ó, tudo dividido no cartão em dez vezes sem juros, e o bairro é pobre! Mas prefiro, senhores, ser uma pobre, encrenqueira, mal vestida, do que ser uma rica soberba, falida e ter uma filha ladra! Agora eu vou indo, se me dão licença... Essa festa não é tão boa assim! E, feliz aniversário Jude!

Lindomar abriu o bocão dela:

– É mesmo! Que povo pirangueiro, tô morrendo de fome e não comi nada!

Roger me agarrou pelo braço.

– Então é o fim?

– É o fim. Eu já disse tudo, Roger. Antes, eu achava que tinha que me enquadrar a sua família, mas agora vejo que vocês não me merecem! E quem quiser uma festa de verdade, tem festa na minha casa!

Todos os convidados foram saindo da comemoração, entrando nos seus carros e dando no pé. Jude começou a chorar e me chamar com todos os palavrões existentes em seu vocabulário. Todos me perguntavam por que fiz isso? Como tive coragem?

– Meu povo, eu tava por aqui com essa gente, com essa família do Roger! Não tava aguentando mais, faz um bom tempo, sabe?

Para minha surpresa, Natan veio atrás de mim, deixando a Mel para trás. De longe, vi os dois brigando, em seguida ele falou comigo.

– Elisa e a festa? Eu quero ir, sinto falta de festas animadas!

– É, vou botar um breguinha daqueles, lembra? E vou comprar umas cervejas ali no Gordo!

– Eu mando os meninos comprarem!

– Tá bem!

Papai e mamãe estavam em casa, mas nem ligaram com o pessoal lá. Apesar do aperto, deu todo mundo. Lindomar, Barriga e companhia; Natan estava ligando para o pessoal do pagode, para vir lá para casa e trazer as cervejas. Não sei onde eles iriam caber.

Sorri para o Natan, que pouco estava se importando da Mel não estar ali. Ele estava do outro lado conversando com o Barriga. Eu estava rindo porque o Natan estava ali? Gostando da presença dele? Mona, ao perceber isso, me puxou até o fundo da minha casa.

– Ei, bicha safada, agora que você tá solteira. Vai investir em quem tu ama?

– Ah! Não sei do que você está falando, dona Mona!

– Sabe siim!

– Ai, sabe que tu tem razão, minha amiga? Eu sou doida pelo Natan mesmo.

– Desde o primeiro dia, sabia disso, só você não enxergou. Investe nele gata!

– Eu não, Mona! Ele é namorado da Mel. Gosta dela.

– Duvido! Isso aí é manipulação da nariz empinado!

– Mona, eles estão noivos!

– Tá bem prenha!

– Mona!

– Ah, de boa, Elisa, ele não vai casar com ela, vai casar com você!

– Que casar Mona? Eu não! Mas eu o queria como meu namorado sabe.

– Huum.

Mainha e painho, sabe-se lá porque milagre, foram solidários comigo. Foram para casa da minha tia e confiaram em mim, ao me deixar sozinha com o pessoal. Ainda não contei nada a eles que terminei com Roger, e também não interessava, deixaria papai triste, pois, Roger tinha feito uma lavagem cerebral nele, e depois de toda minha insistência, eu mesma que tinha terminado. Mas fazer o quê né? Não ia rolar mais!

O pessoal da festa da Jude, algumas meninas, chegaram a minha casa, perguntando se podiam entrar. Deixei, e avisei logo que o lugar era de pobre, elas disseram que não tinha problema nenhum! Então, tudo bem. Depois, algumas pessoas da rua pediram para entrar, trazendo comida, e aí os meninos chegaram com cervejas. Eu peguei meu micro system e coloquei meus cds de brega, aí Lindomar foi logo se empolgando, e querendo descer até o chão de novo. As colegas de Jude estranharam.

– Que tipo de som é esse?

– Brega, amor! Nunca ouviu?

– Não! É ótimo para dançar!

– É sim!

Quando inventei de dançar, a música seguinte era um brega romântico. Aí, todo mundo foi se ajeitando, até eu ficar sozinha. Fui lá para o fundão lá de casa, de novo, pensar um pouquinho, até o Natan chegar com uma cara de quem estava me procurando!

– Menina, essa casa é pequena, mas tu dá um jeito de se esconder!

– Aí Natan! Cadê a Mel?

– Brigamos, ela falou um monte de coisas, reclamei com ela, aí, achei melhor vir sozinho.

– Vai casar mesmo?

– Eu amo a Mel, muito, mas não queria essa história de casar agora não.

– E por que aceitou?

– Ah... Ela começou com uma história de que, não a amava, que ia voltar para o país onde ela estava e que não a veria mais.

Manipuladora como a Mona disse.

– Sei.

– Fiquei com medo de perdê-la.

– Hum.

– Você é corajosa. Terminou mesmo com o Roger?

– Terminei. E tô tão aliviada sabe? Antes ficava pensando em ser amiga da família dele, mas não tem jeito, não. Não vou mudar.

– Pode ser que não. Mas eu gosto de mulher assim, brava e linda!

Ele estava me paquerando?

– Natan, isso é coisa que se diga?

– Ué, vou mentir?

– Você vai casar.

– Eu sei.

Ele olhou para mim e, por um segundo, achei que era tipo um: se pudesse, voltaria atrás.

– Ei, mina, a cerveja e a galera do pagode! – Serginho bocão nos interrompeu.

Os rapazes trouxeram: cavaquinhos, violão, e um jogo de luzes que trataram de ligar na tomada. Aquele troço começou a me deixar mais tonta. Natan e eles cantaram os repertórios de:

"Revelação e Dudu Nobre"

Depois de bebermos todas as cervejas do universo, coloquei o cd da "Musa". O som ficou perfeito para embalar os casais. Natan se aproximou de mim:

– Vamos dançar, realeza? – Estendeu a mão.

– Vamos. – Não tinha nada a perder.

Seu corpo se encostou ao meu, senti um frio na barriga. Dançamos o passo básico: dois para lá e dois para cá. Enquanto, cantava a música:

"Baby fala para mim... que, gosta de mim, Baby fala para mim que, o tempo não mudou, o seu jeito de gostar, que, ainda, gosta de mim"

– Sugestivo – disse ele.

– Que?

– A música. – Ele sorriu.

Isso foi uma cantada. Tenho certeza.

Natan me puxou pela cintura mais próxima a ele. Senti o cheiro de álcool.

– Elisa...

– Que?

– Você ainda gosta de mim?

Engoli seco.

Os garotos do pagode nos interromperam, para minha sorte. Chamaram Natan, dizendo que iriam pegar mais cervejas. Vi Lindomar caída no sofá. Mona e Serginho desapareceram, tenho certeza que estavam no quarto de papai. Dois desavergonhados! Quando ele voltou ficamos dançando mais uma vez e depois não me lembro de mais nada.

Quando acordei, estava com uma dor de cabeça insuportável e tinha lata de cerveja para tudo que é canto! Tinha sutiã jogado no chão, as portas estavam fechadas, ao menos, O Natan também estava na cozinha, no chão, e Mona e Serginho estavam mesmo no quarto de papai e mamãe. Aqueles dois! Eles se levantaram rapidinho assim que me viram.

– Ôxe, Elisa, a gente tá acordado faz tempo. E tu e o Natan?

– Como assim, eu e o Natan?

– A gente viu vocês se beijando!

– Beijando?

– É, dona Elisa, e vai saber o que aconteceu depois...

Bati apressadamente no Natan e questioneei o que tinha acontecido.

– Eu não sei Elisa, quando foi que nos beijamos? – Ele acordou atordoado.

Coloquei as mãos na cabeça. Meu Deus será que? Não podia ser! Serginho e Mona insistiram, que viram eu e ele nos beijando, mas não acreditava. Expulsei o Natan lá de casa, arrumei aquela zona antes que meus pais chegassem e vissem aquilo tudo! Mona e Serginho me ajudaram, Barriga telefonou desesperadamente para Serginho.

– Peraí, barriginha! Tô indo chefe, calmaa!

Serginho se despediu de Mona com um beijo na testa e saiu correndo lá de casa, para ir trabalhar no

busão. Ele estava atrasado a beça, depois queria conversar com o Barriga, tenho certeza que ele saberia o que tinha acontecido naquela festa. Depois de arrumarmos tudo, eu e Mona caímos no sofá, aliviadas. Porque parecia que tinha sido uma festa para um time inteiro de futebol, contando com os reservas.

– E aí? Tu e o Natan?

– Nem me lembra, Mona!

– Eu não te disse que tinha fogo nessa faísca!

– A gente tava bêbado, Mona, não conta!

– É, tavam.

– Queria me lembrar, sabe?

– Safadinha!

– Ai, que mico! O Natan noivo, ficando comigo!

– Ai amiga não acredito que estou ouvindo isso de você! – Sorrimos.

Assim que fizemos as quentinhas, saí na rua com a maior vergonha. As vizinhas, que participaram da festa, me agradeceram, enfim. Falaram um monte de coisas, de como a festa foi boa, torcia para que elas não contassem sobre o Natan e eu.

Quando peguei o ônibus ele estava lotadíssimo! Novidade! Mona tinha ido de carro, lá para integração. Assim que vi o Barriga, não perdi a oportunidade de saber o que rolou.

– Barriga, o que danado aconteceu naquela festa?

– Bom, Lindomar ficou tão bêbada que caiu no sofá e dormiu. Aí, telefonei para o Lorde e pedi para ele vir buscar ela, e ele veio mesmo, precisava ver. Aquelas suas vizinhas, e aquelas meninhas, ficaram com aqueles meninos do pagode. E Serginho, hum!

– Isso eu sei, Serginho e Mona não é nem novidade, são dois caras de pau!

– Filhotaa!

– São mesmo, falo na cara aí!

– Falando de mim né? – disse Serginho se chegando na conversa.

– Tô mesmo, seu cobrador safado!

O pessoal do ônibus nos encarava e ficavam atentos a cada palavra minha, do Serginho e do Barriga, mas não falei nada que eles pudessem entender.

– E que mais Barriga?

– Bom filhota, aí eu vi que tava virando uma zorra e botei tudinho para fora da sua casa! Depois de tudo, vi você beijando o Natan.

– E o que mais?

– Nada, parece que vocês dormiram! Bebem e ainda ficam com sono!

De repente, naquele aperto do busão, alguém gritou lá do fundão:

– Natan? Quem beijou o Natan?

Quem era? Mel! Vem cá, ela não disse que não era mulher de andar de busão?

– Quem, ô motorista gordo? Quem? Fala! Ouvi você falar do meu noivo! O que meu noivo fez, na festa dessa daí? – Ela apontava o dedo para mim, e o povo do busão, mesmo naquele espreme-espreme dava um jeito de dar uma espiadinha.

– Essa daqui tem nome! - me irritei.

– Você ficou com meu noivo né? Ah, encrinqueira de quinta, 0800!

– Olha aqui, tu não me chama de fácil, não?

– É! Não fala assim da nossa Miss Busão, não! – Alguns gritavam, o pessoal que me conhecia me defendia com unhas dentes.

– Vão fazer o quê? Essa piranhaaa!

Ela tentou avançar em cima de mim e pular a catraca, já que, eu estava na parte da frente, conversando com o Barriga, mas um dos meninos, o Ronaldo, a segurou e puxou de volta. Ela insistia em voltar e o pessoal vaiava. Mel estava certa, faria o mesmo! Não quis fazer aquilo, aliás, nem me lembrava, mas o pessoal me adorava e não deixaria ninguém mexer comigo.

– Tá tudo bem, Miss Busão?

– Tá sim Ronaldo. Obrigada.

– Ninguém mexe com a realza do transporte público.

Dei uma risada, foi o que me animou. Estava me sentindo tão culpada, que quando cheguei na integração, estava com uma cara de morta. Mona fez sinal para mim, ela tinha trazido uma mesinha e já estava vendendo as quentinhas. O pessoal insistia em me ver, todos animadinhos, os homens, claro!

– Ei, mina da quentinha, por que você não faz um ensaio sensual no busão hein?

Dei uma gargalhada, aqueles homens fariam de tudo para querer me ver pelada!

– Ei, você prometeu dançar um breguinha!

– Hoje tem!

Vendemos todas e cumpri o que tinha prometido! Dancei o breguinha até o chão, fazendo a rapaziada pirar. Isso me tirou o peso da consciência, foi minha válvula de escape.

Depois de termos vendido tudo e irmos embora de busão, fui para casa e, no caminho encontrei o Natan desesperado.

– Eu a perdi, perdi a Mel! Eu quero me matar!

– Calma Natan! Calma! Entra aqui vai!

– Não, Deus me livre, da última vez que fiz isso, não acabou muito bem!

– Ah! Mas quer saber? Da minha parte, não me arrependo nem um pouco. Só queria me lembrar do gosto do seu beijo, do teu rosto coladinho assim no meu. Eu daria tudo para me recordar como foi.

– Como assim?

– E-U -T-E A-M-O.

– Tá doida Elisa?

– Não, nunca tive tamanha sanidade!

– Eu amo a Mel, Elisa. E vou fazer de tudo para ela voltar para mim.

E tudo termina assim..

Me magoou o Natan ter dito isso, mas também né? Ele tinha suas razões, tive minha oportunidade e desperdicei por uma ilusão.

A mãe dele chegou lá em casa desesperada, dizendo que o Natan tinha desaparecido e que isso tinha a ver com o fim do noivado. Eu sabia e, talvez, ela também soubesse o real motivo de tudo isso, mas não quisesse preocupar meus pais. Pediu a mainha que fosse com ela orar na igreja, para que ele aparecesse. E eu? Se arrependimento matasse, eu já estava morta! Liguei para todo mundo, para ver se encontrava o Natan, pedi para Mona ir lá em casa.

– Meu Deus! O Natan é doido? – disse minha amiga, já entrando na minha casa.

– Doido pela Mel. Ele a ama, Mona, ia se casar, e ,eu atrapalhei tudo!

– Que atrapalhar, o quê! Esse menino tá é perturbado do juízo, menina! Relaxa, depois ele volta. Mel é uma ilusão! Aquilo ali, nunca foi para ele, mesmo coisa foste tu com o Roger. Vocês dois estavam com as pessoas erradas! Isso é paixão, cega, faz a pessoa não ver as coisas, mas amor é o que vocês tiveram o tempo todo, se compreendendo e sendo amigo um do outro.

– O Natan sempre foi um amor comigo, estraguei a vida do menino.

– Ah Elisa, estragou nada viu!

Estava com meu coração na mão, esperando a hora do Natan aparecer, e aí as coisas foram se complicando... Passando um, dois, três dias, até completarem vinte dias e eu me desesperar mais com essa situação. As orações na igreja estavam sempre acontecendo, pedindo para que ele voltasse. Eu também ia, porque a culpa disso também era minha!

Pedia a Deus que trouxesse o Natan de volta, meus amigos do busão também estavam fazendo uma corrente nas redes sociais, espalhando as fotos dele pela internet. Até que, de tardezinha, num domingo, a mãe de Natan chegou lá em casa eufórica, dizendo que ele tinha voltado e estava bem! Dei pulos de alegria. A mãe do Natan muitos mais pulos que eu.

– Ele quer te ver Elisa.

– Não, que me ver, não. Onde ele tava esse tempo todo?

– Ficou na casa de um amigo. A mãe desse amigo disse que ele estava em estado de tristeza profunda sabe? Ele amava essa menina, a Mel. E você não sabe a boa, ela tá agora de lero-lero com aquele seu ex-namorado, o Roger.

– Já imaginava, a mãe dele era louca para que os dois ficassem juntos. Agora, pronto, é que ficam mesmo!

– E você e meu filho?

– Como assim?

– Não sei, achei estranho ele querer falar só com você, depois dessa sumida.

– Não imagino o por que.

Estava dando uma de doida.

– Sei, dona Elisa. – Ela saiu com um ar de risinhos da minha casa.

Estava preocupada, não queria sair nem de casa, com medo das fuxiqueiras e de fazer mal ao Natan de novo. Mas peraí, essa não sou eu! As fuxiqueiras que se danem! Fiquei rodando para lá e para cá, até sair e decidir ir atrás do Natan.

A mãe dele me recebeu com um sorriso e me disse que ele estava na igreja, agradecendo a seus amigos católicos por terem pedido para que ele voltasse. Era na mesma igreja que eu tinha dado um fora nele.

Quando cheguei, parecia que ele estava me esperando, com um sorriso discreto no rosto, no meio da igreja com as mãos para trás.

– Então, Maria Elisa!

– Nossa, pelo nome completo é bronca!

– Foi aqui, que te dei um fora.

– Pois é – disse sorrindo.

– Mas tá sabendo da Mel e o Roger? – desconversei.

– Tô sim. Cheguei à conclusão, que realmente nos estávamos com as pessoas erradas o tempo todo.

– Sério?

– Sério.

– Então, isso quer dizer que...

– Isso quer dizer, Elisa, que ninguém fala uma mentira dentro de uma igreja. Deus está nos olhando. Aqui é o lugar que a verdade tem que ser dita! Então, Maria Elisa, você aceita se casar comigo? Porque o tempo todo eu te amei e não sabia.

– Eu também te amei e não sabia!

– E aí, Elisa? Não me mata! Aceita ou não aceita?

– Aceito, seu bobo! E agora posso sentir o gosto do seu beijo?

– Sim, e vai sentir até ficar velha. Até o beijo ficar sem colágeno! – disse, fazendo gracinhas; pegando-me no colo e me rodopiando pelo centro da igreja.

– Vamos ensaiando!

– Peraí, Natan! – Soltei-me do seu braço, voltando ao chão.

– Que foi? Desistiu?

– Não, tá doido! Eu caso, mas só se for no busão!

- No busão?
- Nada mais justo, que casarmos no lugar onde nos conhecemos...
- Aceito, senhora. - disse fazendo reverência.

Cheguei em casa, eufórica, e lá estavam Mona, papai e mamãe.

- O que está acontecendo, Elisa? Esse bairro virou de cabeça para baixo? – Papai estava com um rosto surpreso.
- Ah! Virou pai! Virou tudo de cabeça para baixo! Meu coração, tudo! – falei apaixonada.
- Mas que euforia é essa menina?
- Tô feliz meu pai!
- Feliz? Seu ex-namorado desfila agora, de cima para baixo, com a sua ex-amiga e você tá feliz?
- Tô pai, porque eu vou casar!
- Casar? Elisa é com quem eu tô pensando? – Mona parecia incrédula.
- É, Mona, é.
- Quem filha?
- O Natan.
- Meu Deus, é a feira do troca-troca!

Não estava nem ligando para reclamações de papai. Esperei demais pelo Natan e ele por mim.

- Amiga, e quando é esse casamento? – Minha amiga estava tão entusiasmada, quanto eu.
- Daqui a um mês.
- Já?
- Você precisa me ajudar, Mona, vai ser no busão!
- No busão? Tá doida, miga, pirou na batatinha?
- Não. Eu quero que seja no busão mesmo.

Ninguém aceitou minha loucura, no momento. Demorou demais para papai e mamãe digerir o que estava rolando. Eles acharam que eu tinha pirado de vez, mas depois aceitaram. Eu e Natan estávamos nos divertindo com esse casamento maluco, difícil foi achar um pastor e um padre que aceitasse nos casar no ônibus. Mas, conseguimos, e no dia, as meninas, Mona e Lindomar, arrumaram o busão direitinho. Limparam-no e colocaram um tapete vermelho. Havia pétalas de rosas vermelhas, no chão do busão, e alguns arranjos de rosas brancas, em cada cantinho.

Meu vestido foi de crochê, feito pelas costureiras do bairro. Um vestido branco, de alça, com algumas pedrinhas brilhosas; Natan me acompanhou na cor branca, seu paletó e calça. Quando Lindomar nos viu entrando no ônibus disse que Natan estava parecendo:

"Um pai de santo"

Os convidados sentaram nos bancos, e o padre e o pastor ficaram no lugar do cobrador. Assim que terminou os pronunciamentos dos dois, eles foram logo dando o fora dali. Acho que eles perceberam que nós éramos malucos.

Passamos a catraca e fomos alegrinhos falar com todos os convidados. Mona teve a ideia de colocar os docinhos e salgados nas quentinhas, mas fez elas em forma de pneu de ônibus e ficou igualzinho. Quando minha sogra entrou no busão, com o bolo, ele era em formato do meu coletivo preferido; na parte de cima, uma bonequinha vestida de Miss e um bonequinho tocando aos pés dela. Uma coisa fofa!

E, para minha surpresa, Barriga disse que tinha que pegar um passageiro especial e deu a marcha. Quando subiu o tal passageiro, fiquei perplexa, olhei para os lados, verificando se não estava louca. Estava vendo na minha frente, Priscila da banda "Musa do Calypso". Ela entrou, com seus cabelos ruivos, longos, fazendo todo mundo babar, principalmente os rapazes, Serginho foi o primeiro:

– Ô uma dessa lá em casa!! – Em seguida, ele levou um tabefe, no rosto, dado por Mona.

A banda começou a tocar, entre lombadas e paradas no trânsito, o pessoal dançava no corredor. Priscila e sua banda tocavam:

"Eu descobri por que... Você me olha assim... é mais que amizade, eu sei. Eu descobri, você gosta de mim"

– Nossa música – disse meu marido, apaixonado.

A "Musa" cantou todo o seu repertório. Inclusive uma música nova. Lindomar se alegrou e quase matando a pobre cantora de tanto apertar as suas bochechas e falar cuspidando dizendo: o quanto ela era a sua fã. Tirei fotos com a Pri, que era uma querida.

– Obrigada Barriga!

– De nada. Filhota!!

A banda foi embora, se despedindo da gente entre beijos e abraços, chorei muito aos vê-los partir, pois todas aquelas músicas tocavam meu coração. Parti o bolo e ofereci aos convidados, não sobrou mais nada! Fizeram que nem na festa de dona Lindomar, escondendo é tudo. Mas era melhor acabar mesmo, se não o bolo iria acabar caindo naquele vucu-vucu.

Quando chegou à praia (onde passaríamos nossa lua-de-mel), fizemos questão, eu e o Natan, de tirarmos uma foto em frente ao busão, com todos os nossos convidados. E o pessoal da rua achava que estávamos fazendo um comercial ou uma encenação. Ri a beça com isso! E ao mesmo tempo, me sentia! Talvez eu fosse a primeira pessoa a casar num ônibus! Que orgulho!

– Então foi assim que surgiu o seu restaurante: o Comida Quente?

– Foi, foi assim mesmo. Olha ali, a foto do meu casamento no busão! Esse restaurante é uma réplica do ônibus onde eu, Mona, Lindomar, Barriga, Serginho e o Natan nos encontrávamos.

– Nossa, que história Elisa! E essa ideia desse restaurante é incrível, a gente se sente como se estivesse no ônibus mesmo!

Estava contando toda a minha história a alguns dos meus clientes, que me perguntaram de onde eu tive essa ideia do restaurante ser todo parecido com um ônibus. E eles ouviram atentos.

– Ah, mãe, tio barrigudo e tio pancinha! – disse meu filho, Pablo.

– Olha só, Barriga, o que teu afilhado tá falando aí! – falou Serginho, debochando.

– Um dia tu vai ficar velho, mini Mister.

– Né garotão? Esculhambando seus tios! Tenha vergonha rapaz!

– Agora eu tenho meu próprio pestinha! – disse eu, pagando minha língua.

– Quantos anos, hein, filhota?

– Nove!

– Aí, filha, tem o expresso aí?

– Tem sim!

– Ô Mona, dá um prato expresso para o Barriga!

– Já vai indo!

– Ei, Miss Busão! Dá um passageiro light!

– Tanto tempo que ninguém me chama assim, Serginho! Um passageiro light, Mona, para teu maridão!

Montei um restaurante junto com a Mona, o Serginho e o Natan, e chamamos de Comida Quente. Era uma réplica do nosso busão, os nossos pratos eram todos relacionados ao ônibus. Casei-me com o Natan, como vocês já sabem. Prestei vestibular com Mona para gastronomia e passamos, estudamos juntas e nos formamos. Tenho um filho de nove anos, o Pablo. Não sou tão barraqueira como antes, mas isso não significa que eu perdi minha essência. Hoje sei dá uns fora mais delicados, se assim podemos dizer...

– Mas Elisa, e o que aconteceu com o resto do pessoal? Estamos curiosos! A Natali? A Mel? Roger? A sogra ogra? A Jude? Seus pais? Lindomar? E aqueles safados do começo na história: a tal da Morgana e o Leandro e companhia?

– Nossa, quantas perguntas, é bom começar a respirar - eles sorriram.

– Então, a Natali virou dançarina de brega, mas depois, a banda dela faliu e ela desapareceu. A Mel e o Roger se casaram, mas não têm filhos, criaram uma empresa juntos e se mudaram daqui. A sogra ogra se separou do marido e foi para outra cidade, e a Jude foi presa por tentar dar um golpe em várias lojas de roupa. Bom, meus pais viajam o mundo com tudo que eles construíram com garrafas pets. Veio um artista plástico aqui, e levou a arte deles para todo mundo conhecer. Não é a toa, que eles se consideram heróis da reciclagem. Lindomar virou empresária de bandas de brega e, de vez em quando, vem aqui. Lembram-se dela? Aquela com um monte de colares de ouro no pescoço, que traz as bandas para se apresentarem aqui, nos finais de semana?

– Hum, lembramos sim!

– E os safados da Morgana, Leandro, e Paulinho finalmente foram presos!

– Hum... Cada um teve o que mereceu, mas você se arrepende de ter ficado aqui? De não ter ido embora como os outros?

– Nem um pouco, e sabe por quê? Porque tudo que preciso está aqui: o amor pelo meu filho e meu marido, e a linda amizade que construir no ônibus e que tenho até hoje. O que é muito difícil de ver por aí. Só acontece quando é verdadeira, e não tem nada melhor que isso!!!

FIM

[1] BFF – Best Friends Forever (gíria muito comum entre jovens)